

SAMSUNG



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Rosana Fachel de Medeiros

Os adolescentes e os aparelhos celulares: visualidades contemporâneas

Porto Alegre
2018

Rosana Fachel de Medeiros

Os adolescentes e os aparelhos celulares: visualidades contemporâneas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora:

Dra. Analice Dutra Pillar

Linha de Pesquisa:

Educação: Arte, Linguagem e Currículo

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Medeiros, Rosana Fachel de

Os adolescentes e os aparelhos celulares:
visualidades contemporâneas / Rosana Fachel de
Medeiros. -- 2018.

202 f.

Orientador: Analice Dutra Pillar.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. adolescentes. 2. aparelhos celulares. 3.
visualidades. 4. selfies. I. Pillar, Analice Dutra,
orient. II. Título.

Dedico essa tese aos meus afilhados,
Eduarda, Lorenzo e Celeste e para a
minha sobrinha Estela.

AGRADECIMENTOS

A realização do curso de doutorado foi a concretização de um belo sonho, por isso tenho muito a agradecer.

Primeiro agradeço a minha família, a base de tudo, a estrutura mais importante.

Aos meus pais, em especial a minha mãe, principal incentivadora, ressaltando sempre a importância dos estudos.

À minha irmã Rosângela, um agradecimento mais que especial, ao longo dessa pesquisa sugeriu muitas leituras e fez o resumo desse texto.

À minha irmã Rosemere minha mais sincera gratidão pelo apoio diário.

Às colegas do GEARTE, sempre dispostas a uma boa conversa e prontas para estender a mão. Como também, ótimas parceiras de viagens.

Um agradecimento especial para a Simone, que mesmo estando envolvida com a conclusão da escrita da sua dissertação, foi generosa e criou o sumário da minha tese.

À minha orientadora, professora Analice Pillar, agradeço pela acolhida e por sua generosidade. Esse ano completamos 17 anos de trabalho juntas. E nada melhor que coroar esse tempo de pesquisa em conjunto com esta tese, estudo que muito me orgulha ter realizado.

À escola municipal onde trabalho em Canoas um agradecimento especial a todos os funcionários, em especial quero fazer referência à Equipe Diretiva que permitiu a realização dessa pesquisa e que sempre foram incentivadoras desse trabalho. Muito obrigada: Ana Rita, Carla, Cláudia e Lica.

Aos colegas, professores da escola que oportunizaram bons momentos de trocas e que, acima de tudo, mostraram-se pacientes para escutar, semana após semana o desenvolvimento dessa pesquisa. Em especial à colega Evelyn que por estar “no mesmo barco”, também cursando o doutorado, sempre foi muito atenciosa

e ótima interlocutora. Um agradecimento mais que especial também, à Conceição, “mãe” orgulhosa pelas conquistas acadêmicas desta doutoranda aqui.

À banca constituída pelos professores, Edméa Oliveira, Celso Vitelli, Maria Lúcia Wortmann e Dóris Fiss. Sinto-me honrada em ter meu texto lido por profissionais tão qualificados quanto vocês. Estejam cientes de que todas as considerações feitas a respeito dessa tese serão analisadas com muita atenção e carinho.

Aos amigos de infância, do colégio, da faculdade, meu muito obrigada pelo incentivo e por torcerem sempre, de perto ou à distância, pelo sucesso dessa pesquisa.

Aos alunos que participaram dessa pesquisa, meus mais sinceros agradecimentos. Em especial, à Estela, Eduarda e Lorenzo, por confiaram a mim o acesso às imagens salvas nos seus celulares, mais do que alunos, nesses anos de convivência, tornaram-se pessoas muito queridas e importantes para mim.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu-UFRGS) sempre muito atenciosos e dispostos a ajudar.

À Capes pela concessão da bolsa de estudos.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituição pública e de excelência, que se mantém forte, mesmo com todos os desmontes que vem sofrendo pelo atual governo. Nesse lugar realizei minha formação acadêmica na graduação e na Pós-Graduação. Se hoje sou uma boa professora e pesquisadora devo muito à ótima formação que essa instituição me ofereceu.

Ao, Facebook, ao *WhatsApp*, ao Netflix e à produtora de vídeos Porta dos Fundos, sites que oportunizaram diferentes e necessários momentos de procrastinação durante a realização dessa tese. Muito Obrigada!

Nossos telefones celulares não são apenas aparelhos de telecomunicações; eles também nos permitem jogar, baixar informações da Internet, tirar e enviar fotografias ou mensagens de texto. Cada vez mais, estão nos permitindo assistir a trailers de filmes, baixar capítulos de romances seriados ou comparecer a concertos e shows musicais em lugares remotos.

(HENRY JENKINS, 2009, p.43).

RESUMO

Na contemporaneidade a busca por informação e por comunicação se dá, principalmente, a partir das tecnologias digitais. Dentre as tecnologias disponíveis, o aparelho celular é a que está mais presente no cotidiano e também a mais utilizada, principalmente, pelos adolescentes. Que estão sempre com o celular ao alcance das mãos e fazem diferentes usos das suas múltiplas funções, desde cálculos com o auxílio da calculadora, até a criação e edição de vídeos e imagens. Assim, essa pesquisa de doutorado tem como objetivo compreender a forma como os estudantes interagem com o aparelho celular e o uso que fazem desse dispositivo em rede. Além disso, o trabalho tem como foco criar categorias de análise para as imagens que três adolescentes colecionam em seus aparelhos móveis e conhecer e analisar aquelas que eles escolhem tornar públicas no Facebook. Para tanto, me apropriei de estudos de autores nacionais e estrangeiros que discutem a relação dos jovens com as tecnologias e com as redes sociais são eles: Santaella (2007, 2010, 2013, 2015 e 2016), Morduchowicz (2008, 2010, 2013 e 2014), Sibilia (2008, 2009, 2012 e 2015), Canclini (2017), Recuero (2009 e 2014), boyd (2014) e, com a visualidade, Campos (2010 e 2012). A partir de uma pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica foi possível perceber que os adolescentes utilizam muito seus aparelhos celulares para comunicarem-se com seus pares, especialmente pelo aplicativo *WhatsApp*, como também, para produzir, editar, armazenar e compartilhar imagens, principalmente, fotografias. A maior parte das fotos armazenadas e publicadas pelos adolescentes são selfies sozinhos. Em grande parte dessas imagens eles se mostram em plano médio e dão especial destaque para seus rostos fazendo “biquinho” e utilizam diferentes filtros procurando mostrar as suas melhores versões. Além de colocar em discussão a forma como os adolescentes usam seus dispositivos móveis, conhecer e categorizar as imagens que eles armazenam, essa tese teve como objetivo chamar a atenção para essa discussão contemporânea e complexa, como também de encorajar os professores a incluírem os celulares em suas aulas como mais um recurso pedagógico, para além do entretenimento e da dispersão.

Palavras-chave: Adolescentes, aparelhos celulares, visualidades, selfies.

RESUMEN

En la contemporaneidad la comunicación y la búsqueda de información se dan principalmente a partir de las tecnologías digitales. Entre las tecnologías disponibles el móvil es la que está más presente en lo cotidiano y es también la más utilizada, principalmente, por los adolescentes. Que siempre lo tienen al alcance de las manos, haciendo diferentes usos de sus herramientas, desde cálculos con la ayuda de la calculadora, hasta la creación y edición de vídeos e imágenes. Esta investigación doctoral tiene como objetivo analizar la forma como los estudiantes interactúan con el móvil y las maneras como lo usan para interactuar en la internet. Además, el trabajo tiene como foco crear categorías de análisis para las imágenes que tres adolescentes coleccionan en sus móviles y aquellas que ellos eligen hacer públicas en Facebook. Para eso, utilizo como marco teórico los estudios de autores brasileños y de otras nacionalidades que discuten la relación de los jóvenes con las tecnologías y con las redes sociales como: Santaella (2007, 2010, 2013, 2015 e 2016), Morduchowicz (2008, 2010, 2013 e 2014), Sibia (2008, 2009, 2012 e 2015), Canclini (2017), Recuero (2009 e 2014), e boyd (2014), y con la visualidad, Campos (2010 e 2012). A partir de una investigación cualitativa de inspiración etnográfica fue posible percibir que los adolescentes utilizan mucho sus aparatos celulares para comunicarse con sus pares, especialmente por la aplicación WhattsApp, así como para producir, editar, almacenar y compartir imágenes, principalmente, fotografías. Y la mayoría de las fotos almacenadas y publicadas por los adolescentes son selfies, que destacan sus mejores rasgos. En gran parte de esas imágenes ellos se muestran en plano medio y dan especial destaque a sus rostros haciendo "cara de pato" y utilizan diferentes filtros buscando mostrar sus mejores versiones. Además de poner en discusión la forma en que los adolescentes usan sus dispositivos móviles, conocer y categorizar las imágenes que almacenan, esa tesis tuvo como objetivo llamar la atención sobre esta discusión contemporánea y compleja, así como animar a los profesores a incluir los celulares en sus clases como un recurso pedagógico, mucho más allá del entretenimiento y de la dispersión.

Palabras claves: Adolescentes, aparatos celulares, visualidades, selfies.

SUMÁRIO

1 A DOCÊNCIA E A PESQUISA: CAMINHOS CONVERGENTES	9
2 OS ESTUDANTES E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS	24
3 A ESCOLA E OS DISPOSITIVOS MÓVEIS	34
3.1 OS CELULARES INVADEM A SALA DE AULA	36
4 ADOLESCENTES PRODUTORES DE CULTURA VISUAL.....	45
5 PASSO A PASSO DA PESQUISA.....	53
5.1 METODOLOGIA.....	54
5.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	57
5.3 MATERIAL EMPÍRICO	58
5.3.1 REGISTRO EM ÁUDIO DE NOSSAS CONVERSAS.....	58
5.3.2 QUESTIONÁRIOS.....	60
5.3.3 ARQUIVOS VISUAIS DE TRÊS ESTUDANTES.....	65
5.3.4 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	72
5.3.5 PUBLICAÇÕES IMAGÉTICAS NO FACEBOOK DE UMA DAS ESTUDANTES	72
6 OLHA PARA AS MINHAS FOTOS E SABERÁS QUEM SOU: OS REGISTROS IMAGÉTICOS DOS ESTUDANTES CANOENSES	73
6.1 REGISTROS IMAGÉTICOS DA ESTELA.....	77
6.1.1 FOTOS DE PESSOAS	78
6.1.1.1 #SELFIES	78
6.1.1.2 #SANGUEDOMEUSANGUE	81
6.1.1.3 #FOTOSDELAS.....	83
6.1.1.4 #FOTOSCOMELAS	83
6.1.1.5 #EUZINHA	84
6.1.2 FOTOS QUE NÃO RETRATAM PESSOAS.....	85
6.1.2.1 #MEUESCRITÓRIOÉNAPRAIA.....	85
6.1.2.2 #PETS.....	86
6.1.2.3 #AMÉM.....	86
6.2 AS FOTOS DA EDUARDA.....	87
6.2.1 FOTOS DE PESSOAS	88
6.2.1.1 #SIMPLESMENTE EU.....	88
6.2.1.2 #SOZINHANUNCA.....	90
6.2.1.3 #EUEAMINHAGALERA.....	91

6.2.1.4 #VAIDOSAEU?	91
6.2.1.5 #MINHAFAMÍLIA	95
6.2.1.6 #EUDEBOA	95
6.2.2 FOTOS QUE NÃO RETRATAM PESSOAS.....	96
6.2.2.1 #ÉMUITAFOFURA	96
6.2.2.2 #VAMOSALAPLAYA.....	97
6.3 OS ARQUIVOS VISUAIS DE LORENZO	97
6.3.1 FOTOS DE PESSOAS	98
6.3.1.1 #SOUMAISEU.....	98
6.3.1.2 #FOTOSCOMMEUSPARÇA	106
6.3.1.3 #FOTOSDOSMEUS.....	106
6.3.1.4 #EUEMDETALHES	108
6.3.2 OUTRAS IMAGENS	110
6.3.2.1 #SONHODECONSUMO.....	110
6.3.2.2 #MEMES	110
6.3.2.3 #PELAREDE	113
6.3.2.4 #BATEPAPO	115
6.3.3 FOTOS QUE NÃO RETRATAM PESSOAS.....	116
7 CURTE QUE EU CHAMO: AS PUBLICAÇÕES IMAGÉTICAS NO FACEBOOK E AS INTERAÇÕES COM OS AMIGOS.....	119
7.1 O PERFIL DE ESTELA NO <i>FACEBOOK</i>	122
7.2 “BOCA DE PATO” E “QUEDA LIVRE”: DESENHO ANIMADO E SÉRIE AJUDANDO A PENSAR A ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA.....	137
7.3 O DESENHO ANIMADO “TITIO AVÔ”	139
7.4 EPISÓDIO “BOCA DE PATO”	140
7.5 A SÉRIE BLACK MIRROR	143
7.6 O EPISÓDIO “QUEDA LIVRE”	144
7.7 DESENHO ANIMADO E SÉRIE COLOCANDO EM PAUTA AS REDES E AS INTERAÇÕES DOS JOVENS DE HOJE.....	148
8 O ATO DE FOTOGRAFAR-SE: PARA PENSAR AS SELFIES	153
8.1 O QUE NOS DIZEM AS SELFIES DE CINDY SHERMAN?	165
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA QUE CONTINUEMOS PENSANDO NA RELAÇÃO DOS ADOLESCENTES COM OS CELULARES E O UNIVERSO VISUAL	170
REFERÊNCIAS	183
ANEXOS	196

ANEXO – 1	196
ANEXO – 2	197
ANEXO – 3	198
ANEXO – 4	199

1 A DOCÊNCIA E A PESQUISA: CAMINHOS CONVERGENTES¹

Para iniciar essa conversa é importante explicitar, mesmo que brevemente, minha caminhada acadêmica e profissional, as quais dia a dia me direcionaram para o tão almejado curso de Doutorado. Essa trajetória tem início em agosto do ano 2000 quando ingressei na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no curso de Pedagogia. Nesse momento comecei a ter contato com as disciplinas de História, Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação e, gradativamente, as discussões referentes ao ensino e à aprendizagem tornavam-se mais concisas.

No ano de 2001, no 3º terceiro semestre da graduação, fui aluna da professora Doutora Analice Dutra Pillar na disciplina “Educação e Arte: expressão plástica”, e com o objetivo de aproximar-me dos seus estudos, tornei-me sua bolsista, tamanho foi o interesse que suas exposições sobre a Arte e Ensino da Arte me despertaram. Ocupei essa função até o ano de 2007 e nesse período participei de três subprojetos, os quais tiveram como objeto de estudo desenhos animados com foco na sua significação pelo público infantil. As análises dessas animações, assim como a produção de sentido dos estudantes frente às mesmas foram embasadas na Teoria Semiótica Discursiva. Concomitantemente, me formei em Pedagogia, Habilitação Séries Iniciais (2004) e Habilitação Educação Infantil (2006). Após a graduação participei do curso de Especialização em Educação Infantil e Primeiro Ano do Ensino Fundamental na mesma Universidade (2007).

Em março de 2008 ingressei no curso de Mestrado em Educação, na linha de pesquisa Educação: Arte, Linguagem e Tecnologia dentro da temática Educação e Artes Visuais (PPGEDU-UFRGS) com a orientação da professora Analice. Nesse

¹ Optei por manter esse capítulo na versão final da Tese, pois entendo o quanto ele explicita os caminhos que percorri para chegar ao interesse dessa pesquisa. Tal interesse foi, conhecer a forma como os adolescentes se relacionam com o celular, os usos que fazem desse aparelho em rede e as imagens que armazenam ou compartilham fazendo uso desse dispositivo. Ao longo dos quatro anos de pesquisa e estudos participei de diferentes eventos e escrevi artigos, nos quais tive a oportunidade de apresentar o amadurecimento desse texto, esses não serão mencionados individualmente pois os entendo como requisito para obtenção do título de doutora, e, alguns deles serão apresentados parcialmente nos novos capítulos que foram acrescentados a esse estudo. No entanto, mantive nesse capítulo a referência aos textos que escrevi no período entre a defesa da Dissertação e a entrada no Doutorado, já que foram esses que aprimoraram meu desejo por continuar estudando e pesquisando.

curso o objetivo foi aprofundar os estudos iniciados no terceiro subprojeto que participei como bolsista de Iniciação Científica “Interação de linguagens no desenho animado Bob Esponja: leitura, televisão e infância”, enfocando discussões referentes às infâncias presentificadas pelos personagens do desenho. Durante o curso de mestrado, no ano de 2009, fui chamada em um concurso público para assumir o cargo de professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no município de Canoas (RS), função que exerço até hoje.

No ano de 2010, defendi a dissertação “Bob Esponja Calça Quadrada: produções de sentido sobre infâncias e masculinidades”. Uma das peculiaridades dessa animação se evidencia pela apresentação de diferentes formas de adultez, de infância, de masculinidade e feminilidade. Dessa forma, podemos pensar que nesse desenho são mostradas diferentes formas de ser e de estar no mundo, para além dos estereótipos. O sucesso de Bob Esponja com diferentes públicos, a adolescência representada pela personagem Pérola, a amizade dos personagens Bob Esponja e Patrik Estrela, dariam subsídios para oportunas discussões e análises futuras.

No momento de defesa e aprovação da Dissertação pela banca constituída pelos professores, Dra. Moema Rebouças (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES), Dr. Celso Vitelli (Universidade Luterana do Brasil - ULBRA) e Dr. Gabriel Junqueira (Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU/UFRGS), tive a certeza de ter cumprido meu dever e ter dado o meu melhor como pesquisadora. Foi um momento de muita alegria!

No dia 15 de março de 2010, passei a exercer o cargo de professora de forma exclusiva, ou seja, acreditei que atuaria somente como professora após a escrita da dissertação, ledo engano. Estar em sala de aula aguçou ainda mais meu olhar de pesquisadora. Como professora de Artes nos Anos Finais do Ensino Fundamental convivo diariamente com adolescentes, por isso, seus interesses, suas inquietações, a forma como veem o mundo e interação entre si, me instigam muito. Frente a essas questões o “olhar-pensante” (MARTINS, 1993) me acompanha diariamente, desde a minha participação como bolsista até o ingresso no doutorado. Isso fica comprovado pelos textos que escrevi e publiquei a partir da minha experiência como docente e pesquisadora.

No período entre a conclusão do curso de mestrado (março de 2010) e o início da caminhada para a obtenção do título de doutora (agosto de 2014) escrevi e

publiquei sete artigos e um livro, todos surgiram do meu olhar de professora-pesquisadora dentro da sala em aula.

Em 2010 publiquei, no livro “Abordagem triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais”, organizado por Ana Mae Barbosa e Fernanda Pereira da Cunha o artigo “Leitura de imagens na Educação Infantil: imagens de arte na sala de aula”, nesse texto revisitei criticamente minha experiência com as propostas de Leitura de Imagens que realizei no estágio curricular obrigatório em Pedagogia para a habilitação – Educação Infantil.

No ano de 2011, escrevi sobre as produções de sentido de uma turma de Educação Infantil frente a dois desenhos animados, e, ainda, fiz uma análise comparatista dessas duas produções dedicadas ao público infantil no artigo “Desenhos animados em sala de aula: Tom e Jerry e Bob Esponja Calça Quadrada, uma análise comparativa”, o qual foi publicado na revista “Cadernos do Aplicação”.

Em 2012, na “Revista do Professor”, tive dois projetos publicados o primeiro “Brincar e aprender” surgiu com o objetivo de resgatar jogos e brincadeiras antigas com alunos da Educação Infantil. O segundo, “Projeto: Docência na disciplina de Artes” teve origem na minha experiência como professora de Artes. Em função de ter realizado o mestrado na linha de pesquisa “Educação: Arte, Linguagem e Tecnologia” e na temática “Educação e Artes Visuais”, no ano de 2011 fui convidada pela equipe diretiva da escola onde trabalho para ministrar a disciplina de Artes para os alunos do 6º ao 9º ano. Esse desafio foi prazeroso, possibilitou muitos aprendizados e está rendendo excelentes frutos.

Em virtude dessa experiência com a disciplina de Artes fui convidada para ministrar duas formações para professores de Canoas-RS, ambas tiveram como intuito auxiliar os professores para trabalhar a disciplina de Artes com os alunos dos Anos Iniciais². Além disso, apresentei os trabalhos realizados com os alunos em três Congressos, dois deles na ULBRA em Canoas (RS) e um na UFRGS. No ano de 2013 finalizei a escrita do livro “A docência na disciplina de Artes: compartilhando experiências. Diversificadas situações de aprendizagens para os Anos Finais do Ensino Fundamental” publicado pela editora “Novas Edições Acadêmicas”. No livro compartilho com os leitores minha experiência com a docência na disciplina de Artes,

² No município de Canoas é a professora titular quem ministra as aulas de Artes até o 5º ano do Ensino Fundamental. Muitas professoras sentem-se inseguras nessa tarefa, já que em muitos cursos de graduação em Pedagogia não há disciplina específica para o ensino das Artes.

visto que minha formação inicial é em Pedagogia, além disso, apresento algumas propostas de trabalhos que realizei com os alunos.

No segundo semestre de 2015, ainda colhendo os frutos da docência com os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, publiquei na “Revista do Professor” um trabalho com fotografias que realizei com duas das turmas. Com uma das turmas foi proposto aos alunos que tirassem fotos do pátio da escola. Com a outra turma, a proposta foi ampliada para o entorno da escola e os registros fotográficos deveriam retratar a natureza presente na proximidade da escola.

E, em 2016, escrevi o artigo “Educação do olhar: gênero e criação artística” a partir de uma atividade que realizei na disciplina de Artes com uma turma de 9º ano, o qual foi publicado na revista “Presença Pedagógica”. Nesse texto analiso os desenhos realizados pelos alunos a partir de frases ditadas por mim³. Selecionei frases simples e pertinentes à escolaridade dos alunos com os quais trabalho, como também próximas às suas realidades. No entanto, não atribui sexo para os sujeitos das ações nas frases, deixando a cargo dos alunos essa tarefa. Dessa forma, os alunos tinham de atribuir gêneros às mesmas. Foram elas: “Sentou para ler o jornal”, “Caminhou feliz” e “Lavou a louça sem reclamar”. De maneira geral, foi possível perceber a partir das produções dos alunos a reiteração na relação entre gênero e estereótipos de gênero.

A minha trajetória como aluna, pesquisadora e professora me fez perceber na prática a impossibilidade de ser professora sem estar diariamente envolvida com a pesquisa. Não é possível lecionar sem manter os olhos abertos e os ouvidos atentos. Sem prestar atenção a cada comentário, a cada conversa paralela dos alunos, a cada trabalho realizado, os quais dão elementos para pensar criticamente a educação, a docência e a adolescência. A docência me permite interagir diariamente com os alunos e perceber o quanto o jeito de ser adolescente nos dias de hoje é diferente da forma como eu vivi a minha adolescência, por exemplo. Atualmente, com a incursão das tecnologias de comunicação e informação, a forma como os adolescentes se

³ Esse trabalho foi inspirado no artigo escrito por Marián Cao “Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística” no livro “Interterritorialidade: mídias, contextos e educação”, organizado por Ana Mae Barbosa e Lilian Amaral. No qual ela relata uma atividade que realizou com alunos da Universidade de Madri. O interesse da autora ao ditar frases para que os alunos as representassem com desenhos era a de que eles aperfeiçoassem seus traços nos desenhos da figura humana. No entanto, ao observar as produções dos estudantes ela percebeu a reiteração nos estereótipos de gênero, mesma constatação que tive ao analisar as produções dos estudantes do Anos Finais do Ensino Fundamental em Canoas.

relacionam modificou muito. Hoje eles interagem virtualmente com mais facilidade e desenvoltura do que pessoalmente.

A maneira como os adolescentes interagem reflete as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, na qual estamos completamente imersos nas tecnologias de comunicação e informação. Basta um clique para escutarmos nossa música preferida, para imortalizarmos um momento com uma fotografia ou com um vídeo, bem como para, instantaneamente, nos comunicarmos e também para nos atualizarmos sobre os mais variados assuntos de qualquer lugar do mundo.

Estamos constantemente conectados à internet através de computadores, de *tablets* e de celulares. E, no caso desses últimos, constantemente ligados e ao alcance das mãos, não apenas pela possibilidade de realizarmos chamadas telefônicas a qualquer momento e em qualquer lugar, mas, principalmente, pelo desejo de uma onipresença virtual e de uma onisciência informacional. Além disso, o registro de cenas, imagens, vivências através de fotografias e vídeos, está cada vez mais comum e mais presente, tornando-se, não só algo muito fácil, como também um imperativo.

Não basta apenas ver, precisamos ver através do visor, precisamos da visão mediada pelo aparato que a legitima. Seja qual for a situação, vivemos a angústia não apenas de registrar esses momentos, mas de compartilhá-los através das redes sociais como se isso fosse fundamental para validar a experiência vivida. Conforme pontua Susan Sontag (1981, p. 14-15), a respeito da veracidade proporcionada pelas fotografias: “as fotografias fornecem provas. Qualquer coisa de que se ouve falar, mas de que se duvida, parece ficar provado graças a uma fotografia”. Mesmo sabendo que a fotografia é uma criação que pode ser manipulada e modificada a sua competência em registrar os acontecimentos da vida cotidiana e os imortalizá-los em imagens é inquestionável. A esse respeito, Paula Sibilia (2008, p.33) afirma que:

Não é raro que a foto termine engolindo o referente, para ganhar ainda mais realidade do que aquilo que em algum momento deveras aconteceu e foi fotografado. Com a facilidade que esse dispositivo oferece na captação mimética do instante, a câmera permite documentar a própria vida: registrar a vida sendo vivida e a experiência de ‘se ver vivendo’.

Assim, além de registrar e, de certa forma, validar os acontecimentos, a fotografia permite revê-los infinitamente. E isso é algo que os adolescentes fazem com destreza. Essa demanda contemporânea evidencia as mudanças que estão

acontecendo. Hoje os adolescentes passam mais tempo dentro de casa, eles têm mais aparelhos tecnológicos à disposição e despendem grande parte de seus dias interagindo com eles. Essa realidade, certamente, influencia a forma como os adolescentes se relacionam entre si e com o mundo que os cerca.

Conviver com adolescentes diariamente me fez modificar minha primeira intenção de estudo no doutorado. Primeiramente eu tinha o interesse em dar continuidade à pesquisa que realizei no mestrado e pretendia, ao ingressar no curso de doutorado, dar seguimento ao estudo da animação “Bob Esponja Calça Quadrada” apresentando e aprofundando algumas discussões que não puderam ser realizadas durante o curto tempo de realização da dissertação.

No entanto, como já venho explicitando nesse texto, estar em sala de aula e conviver diariamente com os adolescentes direcionaram meu olhar para outras questões. Assim, o que me move e motiva como pesquisadora é buscar entender a forma como os jovens estudantes se relacionam com os dispositivos tecnológicos, em especial o celular⁴, na contemporaneidade.

A partir do momento que decidi incluir meus alunos na pesquisa de Doutorado e entender a forma como eles se relacionam com o auxílio das tecnologias digitais de comunicação, diferentes inquietações surgiram: O que especificamente pesquisar sobre a relação dos jovens com os aparelhos celulares? Quais usos eles fazem dessa tecnologia? Como os adolescentes se relacionam entre si a partir da incursão das tecnologias digitais? Em quais momentos do dia eles interagem com esse aparato⁵? Quais conteúdos eles acessam? Quais conteúdos eles produzem com o auxílio desse aparelho?

Dentre as inúmeras possibilidades de pesquisa que se tornariam possíveis a partir da forma como os adolescentes se relacionam na contemporaneidade, achei fundamental ser coerente com a minha trajetória acadêmica e profissional. Frente a isso se mostrou imprescindível incluir as imagens nessa discussão. Dessa forma, além de dar continuidade ao interesse de pesquisa que me acompanha desde os

⁴ O celular é o aparelho tecnológico mais presente no cotidiano dos alunos. Isso ficou evidenciado a partir das nossas conversas e foi comprovado na análise dos questionários que foram respondidos pelos alunos. Já que uma das perguntas que formulei faz referência à tecnologia de comunicação que eles têm mais acesso.

⁵ Nessa tese utilizarei como sinônimos para me referir aos aparelhos celulares as seguintes palavras e expressões: aparatos, aparatos tecnológicos, dispositivos, dispositivos móveis, aparelhos, tecnologias e tecnologias digitais, com o objetivo de deixar a leitura mais fluente. Isso se torna possível já que elas não se contradizem.

primeiros semestres da graduação vou ao encontro de uma demanda atual e instigante, a visualidade.

Desde que comecei a olhar criticamente para diferentes desenhos animados, ainda como bolsista Iniciação Científica até o estudo da animação “Bob Esponja Calça Quadrada”, no mestrado o olhar atento para as imagens, nesse caso para as imagens em movimento, acompanhou minha formação acadêmica. O que não está sendo diferente na docência. Nas aulas que ministro procuro incluir discussões críticas frente aos diversificados tipos de imagens com os quais convivemos na atualidade, além disso, busco proporcionar aos alunos momentos para produzirem imagens com desenho, colagens e com fotografias⁶.

Frente à minha trajetória acadêmica e profissional manter as imagens como objeto de estudo e incluir os alunos nessa discussão foi uma decorrência. Assim, na pesquisa de doutorado os alunos são considerados como ávidos leitores e, também, produtores de imagens. Ou seja, a partir do acesso às tecnologias digitais, o contato com a visualidade tornou-se mais intenso e a produção de imagens mais fácil, rápida e urgente.

Chegar a esse interesse de pesquisa não foi uma tarefa fácil, esse *insight* aconteceu quando eu estava cursando, no segundo semestre de 2014, a disciplina “Escola e questões contemporâneas: educação integral, inclusão, relações étnico raciais e culturas juvenis”, na Faculdade de Educação da UFRGS, ministrada pela professora doutora Maria Luisa Xavier, mais especificamente no momento que um de seus orientandos de doutorado, a professora Juliana Ribeiro de Vargas apresentou o andamento de sua tese “O que ouço me conduz e me produz? A constituição de feminilidades jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia (2015)”. Nessa pesquisa Juliana analisou as músicas que as alunas da periferia de Porto Alegre tinham salvas nos cartões de memórias de seus telefones celulares. O trabalho apresentado pela pesquisadora mostrou-se muito interessante e a forma como Juliana buscou entender e conhecer melhor suas alunas, a partir das músicas que elas acessam, instigou-me profundamente.

Na tese, Vargas teve como objetivo problematizar a operacionalidade de determinados discursos na constituição de subjetividades de um grupo de jovens meninas com idades entre treze e quinze anos, estudantes de uma escola pública de

⁶ Muitas dessas experiências com a visualidade estão descritas e analisadas nos artigos e no livro que publiquei, os quais já fiz referência nesse texto.

Porto Alegre (RS). A autora percebeu que esses discursos foram reiterados pelas músicas ouvidas pelas estudantes nos seus celulares e por suas narrativas sobre as temáticas colocadas em evidência nas referidas mídias. A partir de uma abordagem pós-estruturalista, a pesquisadora afirma que os discursos operam sobre a constituição de subjetividades de tais alunas e, por consequência, na (re)produção dos modos de viver a feminilidade na atualidade.

Estimulada pela forma como Vargas desenvolveu sua pesquisa com as adolescentes na periferia de Porto Alegre (RS), fiquei instigada em realizar uma pesquisa de campo na escola onde trabalho. Assim, além de mudar o público alvo da periferia de Porto Alegre para a de Canoas (RS) busquei conhecer os estudantes a partir da visualidade. Para delimitar essa discussão e trazer o estudo para meu interesse de pesquisa analiso a forma que os estudantes interagem com a visualidade a partir dos aparatos tecnológicos, em especial os telefones celulares.

Como já referi anteriormente, o estudo da visualidade está presente na minha formação acadêmica, além disso, o fascínio pelas imagens me acompanha na docência. Frente essa perspectiva, meu interesse foi ter mais elementos para conhecer os adolescentes com os quais convivo na atualidade a partir da visualidade que eles acessam, produzem e compartilham, mais especificamente a partir das imagens que eles têm salvas em seus aparelhos celulares e daquelas que eles publicam e compartilham pela *Web*.

Para tanto busquei investigar a maneira como os alunos da faixa etária entre os onze e os dezoito anos⁷, estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Municipal Ensino de Canoas interagem com a visualidade através das tecnologias de registro, captação e publicação de imagens.

Na contemporaneidade vivemos rodeados por diversificadas imagens. Essa realidade se intensifica já que a sociedade contemporânea está completamente imersa nas tecnologias da comunicação. Com o advento da *Web 2.0*⁸ e,

⁷ Essa delimitação etária se deu a partir da idade dos alunos que atualmente são estudantes das turmas de 7º, 8º e 9º ano na escola onde trabalho e onde estou realizando a pesquisa.

⁸ “O termo *Web 2.0* é utilizado para descrever a segunda geração da *World Wide Web* -tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A ideia é que o ambiente on-line se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo. Dentro deste contexto se encaixa a enciclopédia Wikipedia, cujas informações são disponibilizadas e editadas pelos próprios internautas”. Informações encontradas no site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20173.shtml>. Acessado em 30 jul 2015.

posteriormente, da *Web 3.0*⁹ e, recentemente, a *Web 4.0*¹⁰. Estar constantemente conectado tornou-se possível e necessário. O acesso à informação, a construção de novos conhecimentos, a comunicação e, principalmente, a participação da produção de conteúdos na internet ficou mais fácil, simples e rápida.

O celular é muito presente na vida dos adolescentes. Com esse dispositivo móvel eles produzem, editam, armazenam e compartilham imagens frequentemente. Fato que possibilita que o registro do cotidiano com imagens esteja cada vez mais comum e mais presente. Segundo Campos (2010), a cultura visual participa na construção de identidades juvenis na contemporaneidade. Assim, mesmo que a constituição das identidades juvenis contemporâneas seja uma temática complexa ela deve ser analisada e compreendida pelos docentes.

Objetivos:

Com essa pesquisa busquei compreender a adolescência contemporânea, representada por um grupo de estudantes da cidade de Canoas, a partir da forma que os eles se relacionam com as tecnologias digitais;

Conhecer as fotos que três adolescentes canoenses têm salvas em seus aparelhos celulares e aquelas que eles publicam em suas páginas pessoais na internet;

Objetivos específicos:

Em relação aos objetivos específicos essa pesquisa procurou criar categorias de análise para as imagens produzidas, armazenadas e compartilhadas pelos estudantes; analisar as imagens que eles produzem, armazenam e aquelas que eles elegem para compartilhar nas redes sociais; conhecer as identidades juvenis contemporâneas a partir da visualidade; e perceber as especificidades das imagens salvas por alguns dos estudantes.

⁹ A *Web 3.0* ou *Web* semântica vem organizar de forma mais coerente às informações que estão soltas no ciberespaço e possibilitar que buscadores, como o Google, nos ofereçam resultados mais precisos e inteligentes. Ou seja, a *Web 3.0* é mais dinâmica, o que torna possível que os dados sejam semanticamente descritos e categorizados, de acordo com as definições do próprio usuário, através do uso de tags (palavras chaves).

¹⁰ Segundo Aghaei, Nematbakhsh e Farsani (2012), a *Web 4.0* é uma *Web* de simultaneidade de execução de leitura / gravação com interações inteligentes. Ela também é conhecida como *Web* simbiótica, na qual a mente humana e as máquinas podem interagir em simbiose. Essa relação entre humanos e máquinas faz com que cada vez mais grandes corporações internacionais como Google observem e nos ofereçam o que procuramos. Sendo fascinante e assustadora ao mesmo tempo.

Frente a essa discussão o problema e as questões de pesquisa que esse trabalho buscou focar dizem respeito a:

Como os adolescentes canoenses se relacionam com a visualidade a partir da incursão das tecnologias digitais?

Que tipo de visualidade eles produzem?

Quais registros imagéticos eles mantêm salvos em seus aparelhos celulares?

É possível entender a adolescência contemporânea pelas imagens que eles produzem?

Pode-se conhecer melhor os jovens estudantes pelas fotos que compartilham em suas páginas pessoais na internet?

Essa tese está organizada em nove capítulos. No primeiro capítulo, “A pesquisa e a docência: caminhos convergentes” escrevo sobre a trajetória que percorri como estudante, professora e pesquisadora que me direcionou para essa pesquisa de doutorado.

No segundo, “Os estudantes e as tecnologias digitais” apresento elementos que possibilitam colocar em discussão a forma como os jovens se relacionam a partir da incursão das tecnologias de registro, captação e publicação de imagens. Roxana Morduchowicz (2008) refere-se aos jovens do início de século XXI como “La generación multimedia”, não somente pela quantidade de aparatos tecnológicos que eles têm ao alcance das mãos, mas pela forma concomitante com que eles se relacionam com tais mídias. Ou seja, os jovens de hoje assistem à televisão, escutam música com fones de ouvido e mandam mensagem de texto pelo *WhatsApp*, tudo ao mesmo tempo.

No capítulo intitulado, “A escola e os dispositivos móveis”, a partir da realidade que vivencio em Canoas, faço referência à forma como as tecnologias digitais se fazem presentes nas salas de aula. Além disso, problematizo a incursão ou não dessas nos planejamentos dos professores. De acordo com Paula Sibília, nos últimos anos a sociedade tornou-se “informacional, espetacular e hiperconectada por redes interativas” (2012, p. 64) com isso, “as novidades das últimas décadas substituíram em boa medida os estilos de vida precedentes” (2012, p. 65). Em contrapartida, a escola não acompanha essas mudanças e a sala de aula tornou-se desinteressante, assim, a obrigatoriedade em frequentá-la transformou-se em um sofrimento cotidiano para os ativos e interativos adolescentes contemporâneos, que passam horas

conectados à internet, por computadores e, principalmente, pelo celular. O aparelho que os alunos mais têm acesso é o celular. Atualmente esse aparato tornou-se indispensável, principalmente, para os jovens. O uso irrestrito dos aparelhos celulares permite aos adolescentes acessar, produzir e publicar imagens de forma frenética. Assim, viver um momento e imortalizá-lo com um registro fotográfico tornou-se um hábito, uma necessidade, quase uma obrigação.

“Adolescentes produtores de cultura visual” foi o título que atribuí ao capítulo no qual discuto a grande quantidade de imagens que são produzidas diariamente com o auxílio dos aparatos tecnológicos, em especial, com a câmera fotográfica dos aparelhos celulares, porque registrar o cotidiano com fotografias é validar a experiência vivida.

Nunca o contato e a produção de imagens foram tão intensos. Nos últimos anos, com os avanços tecnológicos e com a proliferação de aparelhos que permitem a produção e publicação de imagens, o acesso ao universo visual tornou-se veemente, para os jovens essa constatação é ainda mais evidente. Ricardo Campos (2010) atribui um lugar de destaque para a juventude na formatação da cultura visual da contemporaneidade. De acordo com o autor, os jovens são os agentes com maior dinamismo e criatividade na produção, manipulação e consumo de imagens, sendo detentores de uma visualidade singular. Nas suas palavras, (CAMPOS, 2010, p. 120):

[...] as tecnologias visuais e audiovisuais, e mais recentemente as linguagens e tecnologias digitais, continuam a representar terrenos onde as gerações mais jovens, incluindo as crianças, fazem uma série de aprendizagens e adquirem competências, constroem imagens do mundo, comunicam e experimentam identidades.

Campos afirma que os jovens utilizam a visualidade como um espaço privilegiado de diálogo, de afirmação identitária e prazer. A visualidade é, dessa forma, cada vez mais, um lugar de criação, de afinação de competências sociais, culturais e simbólicas que, tantas vezes, é desconhecida ou censurada pelo universo adulto (CAMPOS, 2010). Assim, apresento essa demanda contemporânea e convido os leitores a pensar sobre a visualidade acessada, produzida e compartilhada pelos jovens estudantes para, posteriormente, apresentar e problematizar sobre algumas delas.

“Passo a passo da pesquisa” nesse capítulo trago a pesquisa qualitativa que realizei com os jovens estudantes da escola onde trabalho. Falo sobre a escolha dos estudantes para a realização da pesquisa e discorro sobre a forma como a pesquisa de campo foi encaminhada, como também, explicitarei alguns dos resultados encontrados, tendo em vista que procurei mencioná-los durante diferentes momentos da tese com o intuito de relacioná-los com alguns dos autores e teorias mencionadas.

“Olha para as minhas fotos e saberás quem sou: os registros imagéticos dos estudantes canoenses”, foi o título que criei para pensar sobre o universo visual presente no celular de cada um dos adolescentes que juntos somaram mais de mil imagens. Após conhecer os arquivos visuais de cada um dos estudantes, criei categorias gerais e dessas surgiram categorias específicas para analisá-los. Sendo o *Facebook* o site mais acessado pelos estudantes e, conseqüentemente, o destino de muitas dessas fotos, no capítulo a seguir discuto as postagens dos estudantes no referido site.

“Curte que eu chamo, as publicações imagéticas no *Facebook* e as interações com os amigos”, nesse capítulo apresento e analiso alguns dos arquivos visuais postados por uma das adolescente no referido site. Após apresentar esse pequeno recorte das imagens que são tornadas públicas pelo estudante, problematizo o tipo de imagem mais presente as selfies. Essas imagens estiveram muito presentes, tanto nas publicações da aluna na internet, como no seu celular e nos celulares dos outros dois adolescentes participantes da pesquisa.

Assim, no próximo capítulo, “O ato de fotografar-se: para pensar as selfies”, problematizo os registros de si, como uma prática contemporânea que não tem classificação, etária, étnica ou racial, sendo que quase todas as pessoas registram a sua própria imagem, fato que tornou a produção de selfies bastante comum e habitual.

No último capítulo, “Considerações Finais: para que continuemos pensando na relação dos adolescentes com os celulares e o universo visual”, apresento algumas das considerações referentes a esse estudo e possíveis desdobramentos para, quem sabe, continuar pensando no universo visual produzido, editado, armazenado e compartilhado pelos adolescentes.

Encerro essa apresentação da minha tese, reiterando a importância da inclusão das tecnologias digitais, em especial o celular, no ambiente escolar, não somente como mais um recurso pedagógica, mas também como instrumento que pode ser um aliado do professor para tornar a sala de aula mais atrativa. E, além disso, defendo

que tal tecnologia possibilita aos estudantes o olhar crítico frente aos seus usos e possibilidades. De acordo com Sandrine Allain (2012), é fundamental um debate mais consistente sobre o uso das tecnologias digitais na escola, já que a proibição formal não impede o uso do celular, o qual é visto como uma ferramenta de transgressão pelos estudantes, assim esse aparelho acaba não tendo seu potencial educativo aproveitado pelos professores.

Muitos professores desaprovam a utilização do celular e afirmam que ele é responsável pela desatenção e desinteresse dos alunos nas aulas. No entanto, importantes estudiosos da contemporaneidade como Canclini (2008) e Canevacci (2009) reconhecem as potencialidades positivas dessa tecnologia. Nesse sentido, os professores que levam em consideração a realidade dos alunos e a forma como eles se relacionam, não podem excluir o celular nem a discussão sobre os aparatos tecnológicos de sua sala de aula. E, ainda, devem pensar em estratégias para utilizá-los, como mais um recurso para o aprendizado. O foco não está apenas em como usar corretamente a tecnologia na escola, mas como tirar proveito dela para melhorar a qualidade da educação.

Assim, esse texto tem como interesse pensar a relação dos jovens com os aparatos tecnológicos. Em especial, procura colocar em discussão como, a partir do aparelho celular, os jovens de hoje se relacionam com a visualidade. Na pesquisa com os alunos, ficou evidente a importância que os aparatos móveis, principalmente os celulares, têm em suas vidas. Foi possível comprovar, ainda, que os jovens utilizam muito a câmera fotográfica de seus celulares para registrar passeios, viagens, encontros e para, principalmente, registrar a si próprios em diferentes momentos do cotidiano.

Prestar atenção a maneira como os jovens interagem entre si e com os outros a partir do advento das tecnologias digitais pode possibilitar aos educadores entender a juventude contemporânea. Além disso, conhecer as fotos que os alunos carregam consigo, além de aproximar o estudante da professora/pesquisadora me possibilitou dar indícios aos demais professores interessados na relação dos jovens com os celulares e a visualidade, sobre o tipo de imagens que os jovens de hoje colecionam em seus celulares, o que, dentro de um determinado padrão, é pouco variável. Dessa forma, essa pesquisa aponta algumas direções para os professores entenderem que tipo de imagens os estudantes apreciam e assim, ter pistas sobre o hibridismo que constitui a identidade do estudante do século XXI.

2 OS ESTUDANTES E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells (1996), a era da informação se caracteriza pela convergência das novas tecnológicas e pela informatização das sociedades. De acordo com Henry Jenkins (2009), a cultura da convergência se caracteriza pela colisão entre as velhas e as novas mídias, e, também pela interação do poder do produtor de mídia com o poder do consumidor. Assim, mais do que falar das mudanças que podem surgir a partir das novas demandas tecnológicas o autor faz referência à forma como o público está se relacionando com elas. Ou seja, as novas mídias não substituem as que já existiam, elas se complementam e possibilitam novas formas de interação. Hoje em dia, as tecnologias digitais preveem e possibilitam um espectador participativo e, também, produtor de conteúdos.

Atualmente vivemos na era da informação, da conexão e da criação facilitada pela incursão dos aparelhos móveis com acesso à internet. A este respeito André Lemos (2005, p. 2) diz que:

Trata-se da ampliação de formas de conexão entre homens e homens, máquinas e homens, e máquinas e máquinas motivadas pelo nomadismo tecnológico da cultura contemporânea e pelo desenvolvimento da computação ubíqua¹¹.

Segundo o autor, a informatização das sociedades tem uma nova fase no início do século XXI, a qual se intensifica com o desenvolvimento da computação sem fio, principalmente através dos aparelhos celulares. Essa realidade evidencia as “[...] transformações nas práticas sociais, na vivência do espaço urbano e na forma de produzir e consumir informação” (LEMOS, 2005, p.2).

Lemos utiliza as expressões “controle remoto do cotidiano” e “teletudo” (2005) para fazer referência ao que hoje significa ter em mãos um aparelho¹² com acesso à

¹¹ De acordo com Lemos (2015): “Por ‘computação ubíqua’ ou ‘pervasiva’, compreende-se a disseminação dos computadores em todos os lugares. [...] A ‘computação pervasiva’ está diretamente ligada à ideia de ubiquidade, e se caracteriza pela introdução de chips em equipamentos e objetos que podem ser utilizados para a troca informações”.

¹² O uso do telefone celular para acessar a internet ultrapassou o do computador pela primeira vez no Brasil. É o que aponta o Suplemento de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2014 divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mais da metade dos 67 milhões de domicílios brasileiros passaram a ter acesso à internet em 2014 (54,9%). Em 2013, esse percentual era 48%. Mais de 60% dessas casas estavam na área urbana. Informação encontradas no site: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016->

rede. Conforme o autor, esse equipamento é, ao mesmo tempo, utilizado para realizar ligações telefônicas (o que a cada dia se realiza com menos frequência¹³), para assistir à programação das emissoras de televisão e a filmes, além disso, permite a recepção de informações de qualquer lugar do mundo, como também, possibilita ao usuário receber e enviar e-mails, além de acessar estações de rádio, permite a audição de músicas e ainda comporta uma máquina fotográfica. Ou seja, a partir de um mesmo aparelho os usuários têm diferentes possibilidades de uso.

Segundo Lucia Santaella (2013), os celulares fascinam, pois deixaram de ser somente um dispositivo para comunicação oral, agora ele é um sistema de comunicação multimídia e portátil. Na cibercultura¹⁴ essas práticas sociais ligadas às novas tecnologias móveis tornaram-se habituais. Com o celular nas mãos eles estão conectados ao mundo e, principalmente, próximos de seus pares a partir de outro tipo de relação, a virtual.

De acordo com Paula Sibilia (2012), os alunos se relacionam e interagem com eles mesmos, com os outros e com o mundo de uma maneira diferenciada a partir da incursão das tecnologias. Com seus aparelhos celulares, eles conseguem mandar mensagens instantâneas e, ao mesmo tempo, ver as atualizações de seus amigos nas redes sociais e escutar música com os fones de ouvido enquanto conversam entre si. Para fazer referência à forma como os jovens interagem com os seus celulares, Michel Serres (2013), refere-se a eles como “polegarzinhos” e “polegarzinhas”, fazendo alusão à agilidade com a qual meninos e meninas manuseiam seus

[04/celular-e-principal-meio-de-acesso-internetna-maioria-dos-lares](https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,brasil-perde-8-milhoes-de-linhas-de-celular-em-2017-diz-anatel,70002174218). Acessado em 11 abr 2016. E , em janeiro de 2018, conforme a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), o Brasil registrou, 236,5 milhões de linhas ativas na telefonia móvel. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,brasil-perde-8-milhoes-de-linhas-de-celular-em-2017-diz-anatel,70002174218>, acessado em 11 de jun de 2018.

¹³ Em pesquisa realizada no México e na Argentina o antropólogo argentino Néstor Canclini (2008) constatou que 54,1% das pessoas utilizam o celular para falar e fazem uso das ferramentas disponíveis nesse aparelho e 45,1% dessas pessoas utilizam o referido aparelho somente para fazer e receber ligações telefônicas. Dentre as pessoas que afirmaram utilizar as ferramentas que estão incluídas nos celulares, Canclini fez um levantamento desses usos e chegou aos seguintes percentuais: 97,5% das pessoas pesquisadas utilizam o aparelho para enviar e receber mensagens de texto, 19,5% baixar tons de celular, 10,5% tirar fotos, 8,8% navegar na internet, 4,8% dos pesquisados utilizam o seu celular para realizar filmagens e 1,0% para jogar.

¹⁴ Em entrevista ao canal virtual da Universidade Federal da Bahia “Web TV UFBA” André Lemos (2015) fala sobre cibercultura, internet e sociabilidade. Segundo o autor podemos, de maneira simplificada, pensar a cibercultura como a cultura contemporânea na qual estamos imersos. Hoje praticamente todos os processos sociais estão sendo mediados pelos dispositivos digitais. Com esses aparelhos podemos manter contato com os amigos e parentes, como também, produzir e distribuir informação em mobilidade. A internet possibilita que a circulação dessa informação se dê de forma planetária o que pode acarretar reconfigurações nas áreas da vida social e política. <https://www.youtube.com/watch?v=D4x5tliWGP&nohtml5=False>

dispositivos móveis. De acordo com o filósofo francês (SERRES, 2013, p. 19), os alunos com os quais convivemos:

[...] habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao *Facebook* não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo.

O autor complementa afirmando que pelo celular os jovens têm acesso a todas as pessoas; pelo GPS (Global Positioning System) a todos os lugares e através da internet a todas as informações, Serres (2013). Com essa ponderação o autor chama atenção às diferentes funcionalidades à que se tem acesso a partir do uso dos dispositivos móveis.

A forma como os jovens se relacionam com as tecnologias também é objeto de estudo de Morduchowicz e outras publicações surgiram das diferentes pesquisas que a autora vem realizando com jovens argentinos. No ano de 2012, ela publicou o livro “Los adolescentes y las redes sociales”, no qual discute a relação dos jovens com as mídias sociais, especialmente os Blogs e o *Facebook*. A autora inicia seu texto afirmando que 95% dos adolescentes argentinos têm acesso à internet e o principal uso que fazem desse meio é se comunicar com seus amigos e tornarem-se visíveis para esses. Segundo a pesquisadora, ao ser criador de um Blog ou fazer parte de uma rede social “Los adolescentes [...] se muestran, se hacen visibles se presentan como actores sociales” (MORDUCHOWICZ, 2012, p.11).

“Los adolescentes del siglo XXI: los consumos culturales en un mundo de pantallas” (2013), é o título atribuído por Morduchowicz a outra publicação, na qual ela discute a relação dos jovens desse século com as diferentes telas. A pesquisadora inicia esse livro com as palavras de uma adolescente de 14 anos a respeito da sua relação diária com os meios digitais e a internet. Por acreditar que o relato feito pela jovem é bastante significativo para a minha pesquisa reproduzo sua fala aqui:

¿Cómo usé los medios e Internet ayer? Me desperté con la alarma del celular. Escuché música con la computadora. Me conecté a *Facebook*. Me mensajeeé con una amiga. Vi la televisión. Fui a la escuela. En los recreos me conecté al MSN. Llegué a casa y hablé por la tarea en el teléfono de línea. Estuve todo el día conectada a *Facebook* y al MSN (aunque no los estuviera usando). Escuché radio por celular. Miré una película por Internet. Me acosté a ver tele. Al final del día, me fui a dormir con el celular en el MSN y la computadora prendida en *Facebook* (MORDUCHOWICZ, 2013, p.10).

Essa exposição da adolescente sobre a sua interação diária com as mídias é bastante ilustrativa e evidencia a relação dos jovens argentinos com as tecnologias. Depoimentos muito parecidos aos que encontrei na escola em que trabalho em Canoas-RS nas conversas com os jovens sobre os usos diários que fazem das tecnologias e da rede. Alguns desses comportamentos são facilmente percebidos nos adolescentes canoenses quando se presta atenção à forma como eles se comportam no pátio da escola. Nesse ambiente, os estudantes conseguem escutar música com os fones de ouvido plugados em seus celulares, ao mesmo tempo, caminham, sobem ou descem escadas, tiram fotos sozinhos ou com seus colegas enquanto conversam. Tudo isso sem tirarem os olhos de seus aparelhos celulares para não deixarem escapar as últimas atualizações nas redes sociais realizadas por seus amigos. Dessa forma, eles se mantêm atualizados e conectados, sempre.

No ano de 2014, a autora publicou “Los chicos y las pantallas: Las respuestas que todos buscamos”. Esses três livros aos que faço referência nesse capítulo foram publicados pelo “Fundo de Cultura Económica” na Argentina. A publicação de 2014 se diferencia das demais, pois segundo Morduchowicz, surgem das perguntas realizadas pelos pais e professores sobre a forma como os jovens contemporâneos se relacionam com as novas mídias. A pesquisadora, então, organiza esse texto com 57 dessas perguntas. Para cada um desses questionamentos, a autora procura dar uma resposta embasada nas pesquisas que vêm realizando com os adolescentes argentinos. Como exemplo, citarei a pergunta número seis: “Es normal que usen internet para todo: para leer, escuchar música, comunicarse, ver películas, hacer la tarea?” A autora inicia seu argumento afirmando que sim. É normal que os jovens de hoje usem a internet para tudo e segue sua resposta reiterando que os jovens na atualidade vivem no mundo das telas e as utilizam simultaneamente.

Essa realidade, conforme Morduchowicz, permite aos adolescentes mais leituras nas telas do que no papel como era habitual para os seus pais e professores. Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2009) afirmam que vivemos numa verdadeira inflação de telas. Segundo os autores, em nenhum outro momento tivemos à disposição tantas telas, não somente para vermos o mundo, mas, também, para vivermos nossa própria vida. E, sustentado pelas tecnologias digitais, esse fenômeno tende a se prolongar e ser ainda mais rápido. Assim, a possibilidade de “ler o jornal numa tela portátil e tátil que oferece acesso direto à *Web* não é mais uma utopia” (LIPOVETSKY e SERROY,

2009, p. 255). Ou seja, a rede telânica modificou nossos modos de vida e nossa relação com as informações, além disso, transformou-se em “um instrumento de comunicação e informação, um intermediário quase inevitável em nossa relação com o mundo e os outros” (LIPOVETSKY e SERROY, 2009, p. 257).

Essa prática contemporânea faz com que os meios tradicionais, como os livros e os jornais impressos sejam pouco atrativos para os jovens do século XXI. De acordo com Lucia Santaella (2013), é importante pensarmos no perfil cognitivo do leitor dessas novas telas, o leitor ubíquo. O qual foi precedido por outros três tipos de leitores referidos pela autora. São eles, o leitor contemplativo, o leitor movente e o imersivo. O primeiro tem origem na era do texto impresso e da imagem fixa, em que a leitura se dá de maneira sequencial página por página, volume por volume. O leitor movente surge juntamente com os grandes centros urbanos, portanto é leitor do mundo em movimento, é dinâmico e tem seu apogeu na era da televisão. O leitor imersivo transita com desenvoltura pelo mundo da informática e da informação em rede, é imersivo, pois estabelece relações a partir de fragmentos distintos com os quais cria livremente a ordem informacional que lhe é conveniente. Já o leitor ubíquo surge no momento em que os dispositivos móveis com acesso à internet proliferam. Conforme Santaella (2013, p. 278):

Ao leve toque do seu dedo no celular, em quaisquer circunstâncias, ele pode penetrar no ciberespaço informacional, assim como pode conversar silenciosamente com alguém ou com um grupo de pessoas a vinte centímetros ou a continentes de distância. O que lhe caracteriza é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado.

É nesse espaço da hipermobilidade que o leitor ubíquo se faz presente, trazendo consigo um perfil cognitivo que tem origem na mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo. Segundo a autora, para entendermos esse tipo de leitor é importante levar em conta a evolução da internet nesses últimos anos. Hoje em dia, em virtude das redes sociais, os usuários tornam públicos seus interesses, seus gostos e desejos com toques na tela de forma incessante e rápida. Além disso, o leitor ubíquo participa da produção de conteúdos na rede e interage muito bem com as diferentes mídias digitais simultaneamente.

Marc Prensky utiliza a expressão “nativos digitais” (2001) para fazer referência

aos jovens que nasceram imersos nas tecnologias digitais e que estão acostumados a obter informações de forma rápida na *Web* antes de procurarem em livros ou na mídia impressa, como é habitual para o leitor contemplativo (SANTAELLA, 2013).

Diferentemente do leitor contemplativo, Prensky afirma que os nativos digitais trabalham melhor quando estão conectados e convivem bem com gigantesco número de informações que recebem diariamente. Esses jovens têm os dispositivos tecnológicos ao alcance das mãos desde a tenra idade, assim, transitam pela rede mundial de computadores sem dificuldades.

Danah Boyd (2014) no livro “It’s complicated: the social lives of networked teens” procura entender a relação dos jovens com as mídias digitais. De acordo com a autora, muitas pessoas falam sobre o envolvimento dos jovens com a mídia social, no entanto poucas delas estão dispostas a ouvi-los ou a prestar atenção ao que eles têm a dizer sobre as suas vidas no mundo virtual ou fora dele. Após passar alguns anos imersa no mundo das redes sociais mais utilizadas pelos adolescentes norte-americanos, Boyd constata que as mídias sociais desempenham um papel importante em suas vidas já que nesse ambiente virtual eles podem manter contato com seus amigos e essa interação tornou-se complementar aos encontros presenciais. Além disso, a pesquisadora questiona a ideia de que os “nativos digitais” (PRENSKY, 2001) tenham absoluto domínio sobre as redes sociais on-line e das consequências do seu uso.

Conforme a pesquisadora, muitos adolescentes não são tão hábeis digitalmente quanto se supõe. O fato de eles terem facilidade para atrair a atenção e aumentarem a visibilidade para as suas páginas pessoais, por exemplo, não significa que eles tenham habilidade para lidar com o que pode se desenrolar a partir dessas publicações. Uma vez que mostraram saber acessar e interagir com os amigos através do *Facebook*, mas não sabiam como utilizar as opções de privacidade para configurar suas contas nessa rede social. Ou não demonstram ter essa preocupação, pois acreditam que seus interlocutores são seus amigos, amigos dos amigos, colegas e/ou familiares. O mesmo foi constatado pela autora em relação ao *Google*, ou seja, Boyd percebeu que eles sabiam como chegar até o *Google*, no entanto eles demonstraram ter pouca compreensão sobre como fazer uma pesquisa mais criteriosa no referido site.

Assim, para os adolescentes, a vida pública e o contato permanente com os amigos que as redes sociais possibilitam é mais atraente que as tecnologias em si. E,

além disso, a preocupação com o conteúdo das publicações na internet, bem como com a preservação da privacidade nas páginas pessoais são dos adultos, não dos jovens. Os jovens sentem-se muito à vontade nessas relações virtuais¹⁵.

O antropólogo espanhol Carles Feixa (2014) faz referência à passagem da geração@ para a geração#. Segundo o autor, o primeiro termo diz respeito aos jovens que nasceram e cresceram na era digital. Já a geração# é representada pelos jovens que vivenciam cotidianamente a universalização da *Web* social e da comunicação e informação em rede e que, além disso, convivem diariamente com a popularização das redes sociais. Frank Marcon, antropólogo brasileiro, afirma que Feixa (2014) utiliza os símbolos @ (arroba) e # (hashtag) como signos geracionais, para chamar atenção às diferentes formas de atuar e representar o mundo digital por parte dos jovens, nas palavras do autor:

Se o @ simboliza a emergência de uma referência de comportamento cibercultural, que a partir de meados dos anos noventa passa a fazer parte da vida dos jovens em suas atividades de estudo, de trabalho e de lazer através dos conteúdos de produção digital, lógicas de produção e consumo desmaterializadas, como uso de microcomputadores; o # significa a expansão para o uso social das conexões em rede, o uso da internet em dispositivos móveis, a intensidade dos fluxos e a lógica da instantaneidade) (MARCON, 2016, p. 333).

De acordo com Feixa (2014), a vida dos jovens em casa, a partir da década de noventa é cada vez mais restrita aos seus quartos, mexendo no computador ou nos aplicativos de mensagens pelo celular. Com as tecnologias ao alcance das mãos, os jovens passam muitas horas por dia interagindo com esses aparelhos. Assim, eles estão solitários, mas, ao mesmo tempo, rodeados de amigos virtuais pelo *Facebook*, ou pelos grupos do *WhatsApp*.

¹⁵ É comum ouvir relatos de alunas que já passaram por algum tipo de constrangimento devido à postagem de uma foto no *Facebook* ou pelo compartilhamento de fotos íntimas pelo *WhatsApp*. Na escola o caso que mais repercutiu foi solucionado com uma queixa na polícia. Infelizmente, nem todos os casos são resolvidos dessa forma. Em rápida pesquisa no Google é possível ter acesso a vários casos de adolescente meninas que tiraram a própria vida por não aguentarem terem as suas intimidades expostas e serem vítimas dos julgamentos alheios. Apresento dois casos que repercutiram bastante em nosso país. O primeiro aconteceu no Mato Grosso do Sul, Karina Oliveira, 15 anos, cometeu suicídio após ser ameaçada de ter fotos íntimas divulgadas pela internet (<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/brasil/2017/11/17/adolescente-se-mata-apos-ameaca-de-publicacao-de-fotos-intimas-e-imagens-do-suicidio-sao-vazadas.htm>). No outro uma adolescente gaúcha de 16 anos se mata após ter fotos com seios a mostra divulgadas pelo ex-namorado (<https://oglobo.globo.com/brasil/jovem-comete-suicidio-depois-de-ter-fotos-intimas-vazadas-na-internet-10831415>).

Néstor Canclini (2008) discute a maneira como os jovens constroem conhecimento a partir da interação com as mídias digitais. Para o autor, as telas virtuais propiciam uma formação mais ampla em que conhecimento e entretenimento combinam-se. Além disso, segundo Canclini, o acesso rápido à informação proporcionado pelas tecnologias pode tornar a educação mais democrática e acessível:

Como consecuencia, el acceso directo y simultáneo a la información va a democratizar la educación y mejorar el bienestar de la mayoría. En lo político, crecerán las oportunidades de participación y se descentralizará la toma de decisiones (CANCLINI, 2007, p. 41).

Canclini faz referência à democratização do acesso à informação e as implicações decorrentes desse acesso. Já o antropólogo italiano Massimo Canevacci fala sobre a mudança no comportamento das pessoas a partir da cultura digital. Para ele, na contemporaneidade “a relação entre olho, tela, mão, mouse, cérebro, corpo, é muito mais interativa do que se poderia imaginar” (CANEVACCI, 2009, p. 14). Segundo o autor, com a expansão e o avanço das tecnologias digitais os usuários deixaram de ser observadores passivos, chamados por ele de “espectadores” e passaram a ser atuantes tanto na sua relação com as tecnologias como na participação na produção de conteúdos na *Web*, sendo assim, denominados por Canevacci como, “espect-atores”:

[...] o público, que era somente espectador, vem agora a ser espect-ator, isto é, uma mistura daquele que participa, mas que é também ator. Espect-ator significa a coparticipação que desenvolve por meio de atitude performática no público, um espectador performático. Isto é, que não é mais passivo, mas é parte constitutiva da obra. Isso é muito claro no desenvolvimento da tecnologia digital (CANEVACCI, 2009, p. 12).

De acordo com o autor, a comunicação contemporânea torna o público parte do processo já que ele participa da construção da obra, além disso, ele tem autonomia para representar e apresentar a própria vida. E ao se apresentar, escolhe como se mostrar, o que colocar em evidência, o que ocultar. Jenkins (2009) menciona que as mídias tradicionais são passivas e que as mídias contemporâneas solicitam a participação, a interação, a imersão.

Nesse capítulo procurei trazer autores que me deram subsídios para pensar a relação dos jovens canoenses com as tecnologias digitais. Com as leituras que realizei

para a escrita dessa tese, pude perceber que a forma como os jovens argentinos, norte-americanos ou mexicanos interagem com as mídias tem muita semelhança com a forma com que os jovens da escola onde trabalho fazem uso desses dispositivos. Inspirada nas pesquisas realizadas por Boyd com os estudantes norte-americanos e por Morduchowicz com os jovens argentinos, em diferentes momentos da minha pesquisa de campo, procurei ouvir o que meus alunos tinham a dizer sobre a forma como eles utilizam as tecnologias no seu dia a dia.

Segundo Morduchowicz (2014), as casas do século XXI têm mais telas que mídia impressa, e as telas que estão mais presentes na vida dos jovens são três: a televisão, o computador e o celular. Sendo, o último tão difundido quanto à televisão. E é o único que, por ser portátil, acompanha os jovens 24 horas por dia. Nas pesquisas que tem realizado com os jovens argentinos, Morduchowicz comprovou que, dentre essas três tecnologias, o celular ocupa lugar de destaque na vida dos adolescentes já que quase a metade dos jovens pesquisados afirmaram que esse era o meio mais importante em suas vidas.

Durante a construção dessa tese, em diferentes momentos, coloquei como pauta de nossas aulas as tecnologias de comunicação e informação e a forma como os estudantes interagem com essas. Com as nossas conversas foi possível perceber o quanto os aparelhos celulares estão presentes na vida dos alunos canoenses e como são importantes para eles. Alguns dos jovens afirmam manter o telefone ligado mesmo quando vão dormir. Nas palavras de um aluno do 7º ano: “Eu deixo o celular ligado até quando vou dormir, daí quando eu recebo uma mensagem eu acordo e respondo”. Os alunos também disseram usar bastante o celular para tirar fotos e depois manipulá-las no aplicativo *Snapchat*¹⁶ para, em seguida, compartilhá-las com seus contatos.

¹⁶ O Snapchat é um aplicativo criado em 2011 por Evan Spiegel disponível para download em aparelhos celulares Android, iOS. A partir dessa ferramenta os usuários podem compartilhar vídeos e fotos, em tempo real. A particularidade deste aplicativo é que os vídeos e as imagens enviados para seus contatos, só poderão ser vistos por alguns segundos, depois disso, eles são excluídos pelo programa automaticamente. Além disso, é possível adicionar nas imagens filtros como, emojis (carinhas que expressam sentimentos e outros tipos de desenhos), geofilters (recurso para localização) e também textos. Recentemente o site de relacionamentos *Facebook* disponibilizou para o usuário que acessa sua página pessoal pelo celular a sua “câmera do *Facebook*”, com ela é possível “experimentar os efeitos, máscaras, figurinhas e outras ferramentas de criação mais recentes para suas fotos os vídeos”. Essas possibilidades de edições são muito parecidas com as que são disponibilizadas pelo *Snapchat*. Esse concorrência fez com que o *Snapchat* perde-se muitos de seus usuários.

Observou-se que a utilização do celular para realizar registros fotográficos é muito comum para os estudantes de Canoas. Assim, surgiram outras discussões pertinentes: Como a escola lida com a utilização dos celulares pelos alunos? Quais imagens eles registram com a câmera fotográfica do celular? Quais outros usos os jovens canoenses fazem desse aparelho? Em quais momentos do dia eles o utilizam? Essas e outras questões serão discutidas nos próximos capítulos.

3 A ESCOLA E OS DISPOSITIVOS MÓVEIS

As tecnologias digitais estão a cada dia mais presentes na vida dos jovens estudantes, dessa forma, torna-se imprescindível que os professores pensem e se questionem sobre a forma como a escola está lidando com essa realidade. Será que os profissionais da educação procuram entender a maneira como os jovens contemporâneos se relacionam entre si e com o mundo ao prepararem as suas aulas? Ao comparar os jovens de hoje com a escola que eles frequentam, assim como apontou Sibilia (2012, p. 51), podemos notar que:

[...] adolescentes, que nasceram ou cresceram no novo ambiente, têm de se submeter todos os dias ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores escolares [...] e que [...] continua [continuam] a funcionar com o instrumental analógico do giz e do quadro-negro, dos regulamentos e boletins, dos horários fixos e das carteiras alinhadas.

Na escola são oportunizados momentos de leitura e escrita em um tempo linear e ascendente, cada momento depende de uma etapa anterior para ter sentido. Já nos meios interativos, uma imagem substitui a seguinte sem requerer um antecessor, exigindo outras disposições corporais e subjetivas, o que mantém o usuário nessa vivência não é a produção de sentido a partir do que observa, e sim, a própria aceleração das informações (SIBILIA, 2012).

De acordo com a autora (2012), na contemporaneidade estamos convivendo com a crise da escola. Se levarmos em consideração os modos como as tecnologias de comunicação – sobretudo, os dispositivos móveis com acesso à internet – estão afetando o funcionamento dessa instituição, é fundamental que pensemos sobre as influências que o contato com tais aparelhos provocam nas subjetividades e nos corpos contemporâneos¹⁷. Além disso, é importante detectar e problematizar a crescente incompatibilidade desses modos de ser atuais com as instalações, regulamentos e tecnologias escolares. Segundo Mozart Silva (2001), os avanços tecnológicos trazem consigo modificações na sociedade e as mudanças repercutem

¹⁷ Na contramão dessa pontuação da autora, felizmente, é possível encontrar professores que subvertem as práticas formalistas de ensinar e aprender e que agregam as suas aulas as tecnologias digitais e que, além disso, permitem a seus alunos fazerem delas diferentes usos como: realização de cálculos, pesquisas, tradução de palavras, a produção e edição de imagens.

nos estudantes e precisam ser, em certa medida, incorporadas pela escola. Nas palavras do autor:

O impacto das transformações de nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola, a repensarem a sua temporalidade. [...]. Vale dizer que precisamos estar atentos para a urgência do tempo e reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais a lógica vetorial. É necessário pensarmos a educação como um caleidoscópio, e perceber as múltiplas possibilidades que ela pode nos apresentar, os diversos olhares que ela impõe, sem contudo, submetê-la à tirania do efêmero (SILVA, 2001, P. 37).

As mudanças que ocorrem com frequência na sociedade, especialmente a partir das tecnologias digitais, tornaram o acesso à informação fácil e a construção de conhecimento dinâmica e intensa. Essa constatação exige mudanças na forma de pensar a educação escolar. Espaço no qual o conhecimento se apresenta de forma sequencial e onde, muitas vezes, as tecnologias são deixadas de lado. Isso acontece pela falta de preparo de alguns profissionais da educação e pela falta de equipamentos tecnológicos disponíveis para a interação do aluno. Além disso, é comum alguns educadores nem fazerem questão de oportunizar aos alunos o contato com os aparatos tecnológicos, pois acreditam que essa demanda atrapalharia o andamento da disciplina que ministram.

Frente a essa demanda contemporânea, como a escola está lidando com os “nativos digitais” (PRENSKY, 2001), crianças e jovens que estão acostumados a obter informações de forma rápida na *Web* antes de procurarem nos textos impressos? Com as tecnologias digitais ao alcance das mãos, como manter os jovens interessados aos conteúdos escolares? De que forma é possível tornar a escola atrativa em tempos de dispersão? Atualmente, as paredes que delimitam o tempo e o espaço escolar não são interessantes para os alunos (SIBILIA, 2012). A palavra do professor, o quadro negro e o giz tornaram-se ferramentas obsoletas.

Nesse sentido é importante que a escola acompanhe as mudanças sociais advindas das tecnologias digitais que além de remodelarem as relações interpessoais e sociais estão também recriando a nossa maneira de ver e de entender o mundo. Vivemos em uma nova temporalidade instaurada pela velocidade quase instantânea da informação e das imagens. Em contrapartida, há uma saturação de informações e de imagens, dentre as quais precisamos decidir, em um milésimo de segundo, se

merecem ou não nossa atenção. Cabe ao professor não apenas “inserir” as tecnologias digitais na sala de aula e nas atividades educativas como um artefato de modernização tecnológica, mas, principalmente, incitar no aluno ao pensamento crítico sobre essas tecnologias e sobre seus usos. Nessa época de saturação de imagens e informações, devemos discutir qual é o papel dos aparatos tecnológicos na contemporaneidade.

Essa tem sido uma de minhas preocupações enquanto docente. Em sala de aula, instigo os alunos a pensarem criticamente sobre a incursão das tecnologias digitais em suas vidas. Nesse sentido, seguidamente conversamos sobre como usam as tecnologias, em especial o aparelho celular, para buscar informações, para produzir imagens, sons e vídeos, além disso, procuro conhecer a forma como utilizam esse dispositivo móvel para se comunicar com os amigos e familiares já que, para os jovens, a utilização desse aparelho para a realização de ligações telefônicas está, praticamente, em desuso.

Nas nossas conversas sobre os aparelhos tecnológicos que os adolescentes têm à disposição e os usos que fazem deles, ficou evidente a importância que o aparelho celular tem para eles. Também ficou evidente que esse aparelho é muito utilizado para armazenar, editar e compartilhar fotografias em diferentes aplicativos e páginas pessoais na internet.

De maneira geral, pensando na rapidez da imersão tecnológica e no fluxo gigantesco de imagens com as quais os alunos convivem na atualidade, essas ações, que oportunizam aos alunos pensarem sobre os usos que fazem dos dispositivos tecnológicos, ainda são incipientes e estão restritas às disciplinas mais maleáveis como a de Artes. Mesmo porque, poucos são os professores que procuram entender a forma através da qual os alunos interagem com as tecnologias digitais e com a visualidade que os cercam. E raros são aqueles educadores que estão dispostos a ouvir o que os jovens têm a dizer sobre a forma como se relacionam com as tecnologias.

3.1 OS CELULARES INVADEM A SALA DE AULA

Essa pesquisa visa pensar os aparatos tecnológicos, especialmente, o celular, como uma ferramenta que precisa ser inserida na escola para auxiliar na construção

de novos conhecimentos para os alunos e professores. Tendo em vista que o uso desse aparelho é muito comum no cotidiano dos alunos, para, principalmente, a realização de registros fotográficos e para o acesso às redes sociais.

A utilização do celular é proibida nas escolas¹⁸, no entanto, isso não impede que os alunos burlem essa regra e, durante as aulas, mandem mensagens, tirem fotos e assistam a vídeos, fugindo do olhar do professor. Essa utilização “escondida” do aparelho celular é facilmente comprovada a partir de um passeio rápido pelas páginas pessoais dos alunos no Facebook, no qual, seguidamente, postam fotos em algum dos espaços escolares como banheiro, sala de aula ou o pátio da escola.

A discussão referente ao uso dos celulares na escola é contemporânea e controversa. A maioria dos professores vê o celular como vilão e exige que o aparelho permaneça desligado durante as aulas. Ainda são poucos os professores que defendem o uso do aparelho nas aulas e que percebem que todos os suportes tecnológicos podem ser úteis para o aprendizado. Mas muitos têm a consciência de que essa é uma questão que precisa ser discutida. O artigo *Siete razones por la que se debe encender el móvil en clase*¹⁹, veiculado na versão digital do jornal *El País*, publicado no dia 23 de fevereiro de 2015, articula algumas questões importantes a esse respeito, destacando a relevância da integração entre o uso do celular e a escola. O texto inicia com uma afirmativa provocativa: “Encended los teléfonos móviles”, seguida da explicação de que o dia em que essa for a primeira frase dita pelo professor ao entrar em uma sala de aula, ao invés de mandar desligá-los, a mudança será real.

Mesmo achando a reportagem pretensiosa, pois quem está em sala de aula sabe que permitir ou não que os alunos mantenham os celulares ligados durante as aulas não é cerne da questão. O que é efetivamente relevante pensar diz respeito ao uso que os estudantes poderão fazer de seus aparelhos celulares dentro do espaço escolar com o consentimento dos professores. Acredito que a utilização dos celulares pelos alunos durante as aulas pode torná-las mais atrativas e, conseqüentemente,

¹⁸ De acordo com a lei estadual Nº 12.884 de 03 de janeiro de 2008 no Art. 1º - Fica proibida a utilização de aparelhos de telefonia celular dentro das salas de aula, nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul. **Parágrafo único** – Os telefones deverão ser mantidos desligados, enquanto as aulas estiverem sendo ministradas. (Essa lei está anexada nas paredes das salas de aulas).

¹⁹ Disponível no site: http://tecnologia.elpais.com/tecnologia/2015/02/20/actualidad/1424453286_004100.html Acessado em 25 fev 2015.

poderá possibilitar a construção de novos conhecimentos. Isso se torna possível quando, mediados pelo professor, os alunos podem aprender a realizar pesquisas científicas, para além do recorta e cola e da enciclopédia livre (*Wikipedia*), como também, podem utilizar o aparelho para registro e edição de imagens e vídeos, entre outras infinitas possibilidades. Dessa forma, talvez, outros sites possam competir com as redes sociais pela atenção dos alunos.

Em pesquisa no *Google* acadêmico com as palavras “educação” e “novas tecnologias” é possível encontrar diferentes discussões sobre a utilização das tecnologias digitais em sala de aula, algumas das quais mencionarei aqui. Começo fazendo referência ao livro “Novas Tecnologias na Educação: reflexões sobre a prática” (2002), organizado por Luís Paulo Leopoldo Mercado, o qual apresenta sete textos que discutem diferentes demandas a partir da relação da escola com as tecnologias. Na apresentação do livro, Mercado afirma que os artigos apresentam uma visão abrangente do crescimento do conhecimento científico nas áreas das tecnologias digitais, na educação e na metodologia. A partir de discussões que envolvem, principalmente, o uso das tecnologias no ambiente escolar, software educativos e atualização pedagógica.

Já Paulo Gileno Cysneiros, no texto “Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora?” apresenta, brevemente, as tecnologias que foram sendo utilizadas na escola desde as primeiras décadas do século passado nos Estados Unidos. Além disso, o autor critica o uso conservador que muitas vezes acaba sendo realizado a partir das tecnologias educacionais nas aulas tradicionais. Nessas aulas a utilização ou não desses aparatos tecnológicos sequer faria diferença na exposição do professor. Como crítica à inovação conservadora o autor afirma que:

A presença da tecnologia na escola, mesmo com bons softwares, não estimula os professores a repensarem seus modos de ensinar nem os alunos a adotarem novos modos de aprender. Como ocorre em outras áreas da atividade humana, professores e alunos precisam aprender a tirar vantagens de tais artefatos. Um bisturi a laser não transforma um médico em bom cirurgião, embora um bom cirurgião possa fazer muito mais se dispuser da melhor tecnologia médica, em contextos apropriados (CYSNEIRO, 1999, p. 18).

Nesse sentido, pode-se pensar que ter todas as tecnologias ao alcance do professor não é garantia de que em suas aulas deixarão de ser conservadoras. O que está em questão é o uso que ele possibilitará aos seus alunos a partir dessas ferramentas para auxiliá-los na construção de novos conhecimentos.

Sobre a utilização das tecnologias digitais com o objetivo de melhoria no ensino e, conseqüentemente, na aprendizagem dos alunos, Miguel Adilson de Oliveira Júnior e Ária Lobo da Silva escrevem o artigo “Novas tecnologias na sala de aula” (2010) no qual discutem a importância da incursão das tecnologias digitais como mais um recurso pedagógico para o aprimoramento do ensino, contando, é claro, com a participação de professores bem preparados. De acordo com os autores: “o uso de tecnologia nas escolas é conveniente, mas para se alcançar um resultado satisfatório há de ser bem aplicado” (OLIVEIRA JÚNIOR e SILVA, 2010, p.89).

Nessa mesma direção, Antonio Flavio Moreira e Sonia Kramer discutem o papel da tecnologia de comunicação e informação na educação contemporânea no texto “Contemporaneidade, educação e tecnologia” (2007), segundo os autores, os professores devem ser preparados para trabalhar com as tecnologias digitais dentro da sala de aula e afirmam que uma educação de qualidade deve abarcar tanto uma visão crítica dos processos de ensino e aprendizagem, como dos usos apropriados das tecnologias. Os autores, ainda, defendem a ideia de que as discussões sobre as tecnologias precisam considerar as formas de apropriação dos meios digitais por crianças e jovens. Algo que também acredito e que, aos poucos, estou oportunizando para os alunos canoenses. Além desses textos, também é possível encontrar outros títulos (de livros e artigos) no site “Portal do professor” e no Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O primeiro, “Portal do Professor” desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), disponibiliza uma lista de livros e artigos científicos que colocam em discussão as tecnologias digitais e o ambiente escolar. Esses textos têm como objetivo instrumentalizar os professores para essa discussão contemporânea e para o trabalho com as tecnologias dentro das salas de aulas²⁰.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), existe um Centro Interdisciplinar de Novas tecnologias na Educação (CINTED). Semestralmente esse

²⁰ Os textos podem ser consultados no site: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/linksCursosMateriais.html?categoria=360>. Acessado em 11 jun de 2016.

centro publica uma nova edição da Revista “Novas tecnologias na Educação” (RENOTE)²¹. Em cada volume dessa publicação é possível encontrar artigos que envolvem a temática das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em relação com a área da Educação.

Com o intuito de localizar pesquisas que se aproximassem ainda mais do meu interesse nesse estudo, procurei por textos que relacionassem o ambiente escolar e o aparelho celular. Nessa busca encontrei três Dissertações de Mestrado, uma realizada na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no Mestrado Acadêmico em Artes Visuais, outra desenvolvida no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E a terceira foi feita em São Paulo na Universidade de São Paulo (USP), no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Na primeira, “Fotografias produzidas com celulares nas escolas: retrato de um novo ensino? Uma pesquisa na Rede Municipal de Florianópolis” (2012), Sandrine Allain investigou a presença do aparelho celular e seu uso pedagógico nas escolas municipais da cidade de Florianópolis. De acordo com a pesquisadora, quase todos os alunos e os professores das três escolas que participaram da pesquisa possuem aparelho celular. E ambos, professores e alunos, têm consciência do impedimento legal em relação à utilização desse aparelho dentro da escola, além disso, mostraram-se favoráveis à utilização pedagógica desse dispositivo móvel. A autora reitera que é fundamental que o uso do celular nas escolas seja tema de debate dentro do ambiente escolar. Para os alunos, manusear o celular durante as aulas, é uma possibilidade de transgressão, assim, é importante que seu potencial educativo seja utilizado em prol dos conteúdos e das aulas ministradas pelos professores.

Já a pesquisa realizada por Clícia Tatiana Alberto Coelho, em João Pessoa na Paraíba, intitulada “Imagens de celulares e práticas culturais juvenis no cotidiano escolar” (2013), teve como objetivo analisar as narrativas imagéticas (fixas e móveis) armazenadas nos celulares de um grupo de estudantes no 9º ano de uma escola estadual localizada na cidade de Macapá/AP, além disso, a autora procurou entender a forma como os professores de Arte dessa escola reagiam e pensavam a partir de tais imagens.

²¹ A revista está disponível no site: <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote> .

Nas imagens, Coelho constatou que os estudantes, que foram colaboradores de sua pesquisa, tinham armazenados nos seus aparelhos celulares e compartilhavam com seus colegas, arquivos imagéticos (fotos, papéis de parede, vídeos) que de alguma maneira os tocavam porque faziam referência as suas vivências e predileções. A última, “Entre laços e redes de sociabilidade: sobre jovens, celulares e escola contemporânea” (2014) desenvolvida por André Toreli Salatino na USP (Universidade de São Paulo), analisa como se dá a experiência escolar dos jovens da classe popular em São Paulo a partir da grande disseminação das tecnologias digitais. O autor percebeu que as práticas culturais dos jovens possuem como suporte os conteúdos audiovisuais, além disso, a comunicação entre eles se desenvolve por escritas curtas e incessantes através de mensagens de texto, ou nas publicações nas redes sociais. Dessa forma, as referências tecnológicas que marcam o cotidiano dos jovens entram em conflito com a estrutura escolar que mantém os resquícios da Modernidade.

Poderia apresentar aqui muitas outras pesquisas e discussões sobre a tecnologia e o ambiente escolar, no entanto essa não é a intenção desse estudo. Fiz referência a esses textos para reafirmar a contemporaneidade e a importância do tema e para chamar a atenção sobre a relevância da tríade professores-estudantes-tecnologias permear o ambiente escolar.

Dentre as pesquisas que já tive contato, uma tornou-se muito importante para os encaminhamentos dessa investigação que realizei com os alunos canoenses por isso farei referência a este estudo novamente: “O que ouço me conduz e me produz? A constituição de feminilidade no espaço escolar” (2015) foi o título atribuído por Juliana Vargas à pesquisa que realizou com as alunas adolescentes, estudantes e residentes da periferia de Porto Alegre. Na sua tese de doutorado, Vargas analisou as músicas que essas alunas tinham nos cartões de memória de seus celulares. De acordo com a pesquisadora, é possível pensar nos registros musicais como modos através dos quais essas alunas se constituem e são subjetivadas em suas existências.

Como o foco de Vargas foram as músicas, eu fiquei instigada em conhecer e analisar quais fotos os alunos da periferia de Canoas têm armazenadas nos seus celulares e quais dessas imagens eles escolhem compartilhar através da internet. Essa escolha se deu para diferenciar o objeto de estudo, como também, para relacionar a investigação realizada com os alunos com um interesse de pesquisa que me acompanha desde a graduação — as imagens.

Frente à pesquisa realizada por Vargas (2015) com as músicas mais acessadas pelas estudantes e a partir da minha intenção de pesquisa, a qual tem como foco a análise das fotografias colecionadas e compartilhadas pelos estudantes canoenses, acredito ser seja possível que os professores tenham alguns subsídios para entender melhor os jovens que habitam e superlotam as salas de aula na contemporaneidade. Conversar com os jovens a respeito dos arquivos musicais que mais acessam, como também, permitir aos estudantes que falem sobre as imagens que armazenam em seus celulares e aquelas que eles compartilham por aplicativos ou pelas páginas pessoais na internet, dará aos professores pistas sobre a forma como os adolescentes se relacionam com as tecnologias digitais e os usos que fazem dessas.

Outra semelhança entre a pesquisa realizada por Vargas e a investigação que realizei em Canoas é que em ambas o celular é utilizado pelos alunos como suporte no qual são armazenadas músicas e imagens eleitas por cada um dos estudantes como importantes a partir dos mais diversificados critérios. Em relação às músicas, Vargas (2015) constatou que as estudantes tinham armazenadas em seus cartões de memórias canções interpretadas por seus artistas preferidos.

A autora percebeu também que em um espaço curto de tempo as músicas que as alunas elegiam como sendo as suas prediletas modificavam, evidenciando “o quão efêmera é a apreciação das músicas pelas investigadas” (2015, p.82). Vargas apresentou as músicas mais acessadas pelas estudantes, eu, procurei pensar sobre o critério de escolha dos adolescentes em relação às fotografias que produzem: Quais delas ficam salvas no celular? Quais imagens deletam sem pestanejar? Quais eles compartilham pela *Web*? Quais eles elegem como sendo as suas fotos preferidas? Essa relação dos jovens com os aparelhos celulares deixa ainda mais evidente a importância que esse aparelho tem para os estudantes de Porto Alegre e de Canoas. Além de reconhecer a importância que os esses dispositivos móveis têm para os jovens, Vargas em sua Tese afirma que hoje em dia os celulares podem ser vistos como diários digitais contemporâneos porque nesses aparelhos as adolescentes que participaram da sua pesquisa carregavam consigo recordações.

Carregar recordações e segredos era algo muito comum e frequente na vida dos adolescentes até, aproximadamente, a década de oitenta, principalmente pelas meninas, nos seus enigmáticos diários íntimos. Paula Sibilia no livro, “O show do eu: a intimidade como espetáculo” (2008), compara os antigos diários íntimos com os *blogs* publicados na internet. De acordo com a autora, os *blogs* são versões renovadas

dos cadernos de capa dura que eram utilizados para registrar todas as confissões e segredos de uma vida. A principal diferença entre o diário e o blog é que antes o que se mantinha em segredo, guardado a sete chaves, atualmente está na *Web* para quem tiver o interesse de ler. Sobre as práticas “confessionais” contemporâneas pontua a autora “Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de ‘vidas privadas’, que se oferecem despidoradamente aos olhares do mundo inteiro” (2012, p. 27).

Nesses diários elas escreviam sobre seus desejos, seus inquietações e amores. Escritos que eram mantidos muito bem guardados e seu acesso era restrito à sua dona e a pouquíssimas pessoas de seu círculo de confiança. Nas palavras de Vargas (2015,p. 79):

É possível pensar que de modo semelhante aos chamados diários de outros tempos, os aparelhos de celular prestam-se, nos tempos atuais, ao registro de memórias/vivências das jovens alunas, uma vez que imagens e músicas que remetem aos amigos, aos amores e aos ídolos ficam registradas nos cartões de memória de cada aparelho.

Assim como Vargas também vislumbro o celular como um diário digital contemporâneo e, além disso, penso que as imagens que os jovens têm armazenadas em seus aparelhos celulares podem ser pensadas como coleções desse tempo.

Quando menciono as coleções me refiro ao acúmulo de objetos. E não quaisquer objetos, uma coleção é determinada pelo valor atribuído a esses objetos. Segundo Virgínia Cândida Ribeiro, o ato de colecionar carrega consigo “a árdua tarefa de catalogação dos objetos e das coisas colecionadas, inventário da memória de cada um dos objetos retirados do mundo e re-significados em uma coleção” (RIBEIRO, 2008, p. 800).

Arthur Bispo do Rosário e Walter Benjamin tinham algo em comum, ambos eram colecionadores. O primeiro colecionava todo e qualquer tipo de objeto a que tinha acesso e “usava o obsoleto como critério de seleção” (DANTAS, 2009, p. 96). Ele fez dos lugares onde viveu templos de um mundo em formação no qual buscou separar o sagrado de sua morada do espaço circundante e profano. Já Benjamin colecionava livros e acreditava que esses objetos despertavam no colecionador disposição de espírito. Para o autor, o ato de colecionar era mais importante do que a coleção em si e, segundo Benjamin, a compra de um livro novo é um momento de grande excitação. Artista brasileiro e escritor alemão ligados pela mesma paixão: acumular objetos.

Na atualidade, esses objetos de valor mostram-se diferentes de alguns anos atrás. Hoje em dia, no cotidiano escolar não vemos os alunos trocando figurinhas, jogando bola de gude ou colecionando papéis de cartas.

Ao pensar as coleções na contemporaneidade e mais especificamente no que os jovens colecionam hoje me lembrei da minha adolescência. Eu colecionava papéis de carta, naquele tempo, idos dos anos 90, a menina que não mantinha uma coleção desse tipo ficava sem assunto na maior parte das conversas. Eu e as minhas amigas ocupávamos boa parte dos nossos momentos de lazer trocando papéis de carta para aumentar as nossas coleções. O que também se repetia na escola, assim que chegava à hora do recreio. Esses papéis decorados tinham muito valor para mim e ainda hoje têm impregnado neles as lembranças da minha adolescência. E os adolescentes de hoje, quais recordações eles contarão quando se tornarem adultos? E o que eles colecionam atualmente?

Segundo Paola Scheliga e Silvana Hooper (2015), na sociedade contemporânea, imersa no consumo e na tecnologia, outros objetos tornam-se socialmente significativos. Essa mudança na sociedade torna possível pensar nas fotos arquivadas nos celulares pelos estudantes como coleções contemporâneas. Para as autoras “o arquivamento pressupõe algum tipo de critério, que é fundamental para o conceito de coleção”, (SCHELIGA e HOOPER, 2005, p.109). Assim, como já referi em outro momento desse texto, essa Tese tem como interesse criar categorias de análise para as fotos realizadas, salvas e compartilhadas pelos estudantes canoenses, assim como, também, procuro com essa pesquisa conhecer os critérios estabelecidos pelos alunos para manter algumas fotos armazenadas e outras não.

Finalizo esse capítulo afirmando que a visualidade está muito presente em nossas vidas e, com o advento das tecnologias de informação e comunicação, essa demanda aumentou ainda mais. Convivemos com imagens desde a hora que acordamos até os nossos últimos segundos de consciência antes de pegarmos no sono com a televisão ligada. No cotidiano dos adolescentes, essa relação com as imagens é ainda mais intensa, pois além de consumidores de imagens, eles tornaram-se exímios produtores da cultura visual, conforme destaca Imanol Aguirre (2013). As fotos realizadas, compartilhadas e publicadas pelos jovens representam uma parte fundamental da visualidade com a qual eles convivem diariamente.

4 ADOLESCENTES PRODUTORES DE CULTURA VISUAL

Considerar que os estudantes são produtores de cultura visual tem múltiplas implicações educativas, entre elas, a de reconhecer a autoria dos estudantes – também sobre seu próprio processo de aprendizagem – e a de performar- mais do que estudar ou analisar – a cultura visual na sala de aula (PORRES PLA, 2013, p. 171).

A sociedade contemporânea mostra-se cada dia mais imersa em imagens e visualidades (CAMPOS, 2012). As tecnologias visuais foram adquirindo crescente importância nos últimos anos. A nossa condição atual resulta de um processo histórico longo, que tende a afirmar a soberania da visão e das suas extensões tecnológicas na forma como interpretamos e retratamos o mundo. Nessa mesma direção, Maria Acaso (2009) afirma que atualmente vivemos na era do hiperdesenvolvimento da linguagem visual. Para a professora espanhola, essa grande demanda visual se dá pelo desenvolvimento da técnica, pela espetacularização das mensagens visuais e pelo hiperconsumo (ACASO, 2009, p. 27).

Segundo a autora, o desenvolvimento técnico se deu com o surgimento da fotografia em 1827, teve continuidade com o aparecimento da imprensa 1900 e pela mídia televisiva nos anos 60. Nos anos 80 e 90, essa evolução tecnológica teve seguimento com a consolidação da internet. No entanto, a autora reitera que a demanda visual se torna mais intensa a partir da chegada dos produtos da *Web* os quais possibilitam a popularização de espaços virtuais para exibição de imagens a partir dos anos 2000.

Dentre todos os avanços pós-televisão, Acaso (2009) considera o desenvolvimento dos *softwares* de retoque de imagens como responsáveis pelo hiperdesenvolvimento da linguagem visual. A popularização das câmeras digitais e escâneres facilitam a captura e produção de imagens. Ou seja, o acesso cada dia mais facilitado às tecnologias digitais e o gasto praticamente nulo para produzir imagens possibilitam a todos sua criação, reconstrução e edição.

De acordo com Campos (2012), recentemente as tecnologias digitais, afirmam-se como protagonistas inquestionáveis de novas dinâmicas sociais e culturais que marcam definitivamente a visualidade nos dias de hoje. O uso crescente das tecnologias digitais tem incentivado a produção individual de imagens em uma escala gigantesca. Esses aparatos facilitam a exploração visual do mundo, através da captação e manipulação de imagens, além disso, ao se tornarem cada vez mais acessíveis, em termos de disponibilidade e de preço, a propagação das imagens se dá de forma imediata.

Conforme o autor (2012), a imagem é central na afirmação das culturas juvenis, e serve como campo expressivo crucial para a distinção entre grupos. A partir da imagem, individual e de grupo, os jovens transmitem-nos algo sobre as suas filiações identitárias, sobre os seus gostos, práticas e valores.

Tal como Campos, vejo a relação dos jovens estudantes com os aparatos tecnológicos e com a visualidade como fundamentais para compreender a adolescência contemporânea, assim, nessa tese busco entender a forma que os adolescentes relacionam-se entre si, com seus pares e com o mundo que os cerca a partir dos dispositivos tecnológicos. E, mais especificamente, me proponho a conhecer e analisar a maneira como os estudantes da escola onde trabalho em Canoas-RS interagem com a visualidade. Para tanto usarei como delimitação para a infinidade de informações visuais que eles consomem, produzem e compartilham diariamente, as imagens que os adolescentes colecionam, tanto aquelas que eles mantêm salvas em seus aparelhos celulares, quanto às que eles selecionam compartilhar pela *Web*.

O acesso às imagens fixas e em movimento a partir dos dispositivos móveis é uma demanda contemporânea. Até pouco tempo a visualidade se fazia presente na vida das crianças e dos jovens a partir da mídia impressa e, principalmente, a partir da mídia televisiva. Nesse meio, os programas que se mostravam mais atrativos para as crianças eram os desenhos animados. Constatação que se tornou possível a partir dos estudos, pesquisas e entrevistas realizadas com alunos da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no período em que trabalhei como bolsista de Iniciação Científica e na pesquisa que desenvolvi no Mestrado.

Assim, tive a oportunidade de estudar diferentes desenhos animados veiculados pela televisão aberta e pela TV a cabo que eram muito vistos e apreciados

pelas crianças que participaram dos estudos²². Para ter elementos teóricos e aprofundar a discussão sobre os desenhos animados, realizei diferentes leituras a respeito das animações e da relação das crianças e dos jovens com a mídia televisiva. Nesses textos, de maneira geral, as discussões centravam-se na forma como as crianças e os jovens liam essas produções e quais relações eles estabeleciam a partir desses textos visuais. Ou, ainda, essas pesquisas centravam-se na análise crítica desses desenhos animados em relação aos valores que essas produções veiculam. Momento no qual era reiterada a importância da leitura crítica frente a esses textos audiovisuais²³.

Mesmo com outras demandas visuais que surgem diariamente devido ao aprimoramento das tecnologias de informação e comunicação, a televisão se mantém presente no cotidiano das crianças e dos jovens²⁴, o que mudou foi a forma como os jovens estão se relacionando com ela.

Na contemporaneidade a atenção que é destinada às imagens móveis veiculadas pela televisão não é exclusiva, é compartilhada com as músicas que são escutadas com os fones de ouvidos plugados ao celular, com as mensagens de textos que precisam ser respondidas imediatamente e com as atualizações nas páginas pessoais na internet.

De acordo com Morduchowicz (2010, p.62): “os tempos com os meios são compartilhados e não excludentes”. Ao dividir a atenção com os diferentes meios, montamos, editamos e construímos um texto com recortes de informações de diferentes contextos. Segundo Analice Pillar (2013, p. 306): “a simultaneidade faz parte tanto de atividades rotineiras quanto dos modos de ver e de dizer sobre esta época”. A autora complementa afirmando que nos relacionamos com diferentes

²² Para não tornar-me repetitiva não citarei todos os projetos de pesquisa que participei. Se for do interesse do leitor fiz referência a esses estudos em minha dissertação de mestrado “Bob Esponja: produções de sentido sobre infâncias e masculinidade” (2010). Esse texto pode ser acessado online no endereço: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25845>

²³ Na minha dissertação de mestrado apresentei diferentes pesquisas as quais tiveram como objetos de estudo a relação das crianças e dos jovens com a mídia televisiva e também apresento alguns textos que tiveram como intenção analisar criticamente os desenhos animados mais assistidos pelas crianças. Dentre esses estão: FISCHER (1993, 2001), FERRÈS (1996), FUSARI (1985), GIROUX (2001), KINDEL (2003), MACHADO (2001), PACHECO (1985), PILLAR (2001, 2004, 2009), SABAT (2003).

²⁴ Segundo Morduchowicz (2008) a televisão segue sendo o meio mais popular entre os jovens, em termos de sua exposição a ela.

mídias e tecnologias concomitantemente, tornando-se incomum a realização de uma ação após a outra de forma sequencial.

Ainda em relação à simultaneidade nas ações do nosso cotidiano, Morduchowicz (2008) reitera que hoje as crianças aprendem ao mesmo tempo a utilizar o controle remoto, o telefone celular e o computador. Suas conversas sobre os programas televisivos são alternadas pelas novidades dos games, pelas músicas da semana e pelos segredos compartilhados por mensagens.

Segundo a pesquisadora argentina, tudo isso é parte de sua sociabilidade e somente os livros requerem uma leitura sequencial e linear. Nas palavras da autora: “Los libros [...] requieren una lectura individual, com ritmos propios: el intercambio y diálogo son más dificultosos, y muy rara vez em simultáneo” (MORDUCHOWICZ, 2008, p. 31), o que é muito diferente das práticas que os jovens experimentam com os novos meios as quais são simultâneas, fluidas e voláteis. Sobre a relação dos jovens com as tecnologias e as mídias Elisabete Garbin (2009,p. 33) pontua:

Chama-nos a atenção o fato de que há uma juventude que convive, desde a infância, com a televisão, e que não consegue imaginar o mundo sem TV, sem computador, sem internet, sem chats, sem sites, sem celulares, etc. É uma camada juvenil que tecla ao mesmo tempo em que troca e-mails, navega em sites, posta fotos em outros, assiste televisão [com o controle remoto à mão], ouve música num walkman, num discman, num iPod, num MP3/4/5/6/... player, num celular, num Palm top, ou num aparelho de som convencional e comenta o que assiste e ouve, o que tecla, troca de canais a todo instante em busca de novas imagens, de novos sons, dos mais diferentes lugares e com os mais diferentes personagens, com uma velocidade ímpar [...].

Ou seja, as tecnologias digitais além de oportunizarem aos jovens de hoje mais possibilidades de informação e entretenimento, permitem a eles tornarem-se, também, produtores de conteúdos, principalmente na internet.

A discussão a respeito das crianças e principalmente dos jovens como produtores de cultura visual tornou-se possível com o advento e popularização das tecnologias digitais. Atualmente grande parte dos jovens possui um celular com câmera e com acesso à internet, o que facilita sobremaneira a produção e o compartilhamento de textos, imagens e vídeos.

Conforme Alfred Porres Pla (2013), no contexto cultural e social contemporâneo, os jovens estão diariamente imersos em práticas cotidianas de produção de imagens que circulam e são compartilhadas nas redes sociais. De acordo

com o autor, são essas práticas relacionais que revelam a condição de produtores culturais dos estudantes. Corroborando com a afirmação de Porres Pla, Fernando Hernández (2013) chama atenção para as mudanças que ocorreram em nossa maneira de entender e usar a tecnologia a partir da *Web 2.0*. Para o professor espanhol, agora a internet é mais que um meio de comunicação unidirecional, tornou-se um lugar no qual os usuários também podem ser autores.

Entender que os adolescentes de hoje não são somente consumidores, mas, também, produtores de conteúdos, remete-me ao conceito de “prossumidor” cunhado por Alvin Toffler (2007). De acordo com o autor com os avanços tecnológicos as pessoas deixam de ser espectadoras passivas e passam, cada vez com mais intensidade, a criar conteúdos para internet, praticamente sem gastos. Toffler cita como exemplo dessa nova demanda a criação do Linux (1991) pelo jovem finlandês Linus Torvalds. Fazendo de Torvalds produtor e consumidor desse novo conteúdo.

Nessa mesma direção, Arthur Bezerra (2013) afirma que é preciso reconhecer que a popularização dos equipamentos de informática possibilitou que seus usuários se tornassem ativamente engajados no processo de comunicação, descentralizando a disseminação e ampliando o acesso aos conteúdos, tanto informativos, quanto culturais. Conforme o autor (2013, p. 255):

O desenvolvimento das técnicas de digitalização de bens culturais, o barateamento de equipamentos de informática e a disseminação de programas de computador de fácil manipulação para a gravação e edição de sons, textos e vídeos permite que, atualmente, um grande número de pessoas se lance na experiência de criar [imagens], músicas, vídeos, ensaios, críticas culturais, textos jornalísticos, desenhos, software, jogos eletrônicos, aplicativos e outras modalidades de conteúdo. Esse imenso conjunto de bens culturais, que tem como manancial o “excedente cognitivo” (Shirky, 2011) de milhares de pessoas voluntariamente convertido em horas de trabalho solitário e não remunerado, tem feito com que os papéis de consumidor e produtor de conteúdo sejam cada vez mais indissociáveis.

Nós dias de hoje é praticamente impossível pensarmos nas pessoas, e, em especial para esse estudo, nos adolescentes exclusivamente como consumidores de conteúdos, já que, atualmente, com maior ou menor intensidade, eles também participam da criação desses. Pensar os jovens como produtores de cultura foi a intenção da jornada “Investigar con los jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?”, que ocorreu nos dias 10 e 11 de fevereiro de 2012 em Pamplona na Espanha. Os trabalhos apresentados nesse evento foram compilados no livro de mesmo nome “Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como

produtores de cultura visual?” (2013). Esta ênfase na atividade produtiva e na criatividade dos jovens surge como contraponto para as investigações que apresentam os adolescentes como meros consumidores dos meios, sem prestar atenção na participação dos jovens como produtores de significado e experiência através da cultura visual.

De acordo com Imanol Aguirre (2013), optar por uma perspectiva de investigação que analisa as imagens junto com as práticas culturais permite colocar em discussão a produção visual realizada pelos jovens, revelando temas e contribuindo para o estudo da produção da cultura visual. Assim, torna-se possível a relação da imagem com as circunstâncias de sua produção, distribuição e seus lugares de difusão. Segundo o professor espanhol uma das consequências de adotar um ponto de vista que reconhece ao sujeito criador, é que a sua atividade produtora pode ser estudada em si mesma e não como algo incompleto, em trânsito ou em conexão com algum tipo de formação, por exemplo, a escolar. Aguirre aponta, ainda, outro efeito, muito mais importante do que o anterior, é que ao reconhecer o sujeito em sua qualidade de autor, a ideia de “dar voz” a ele aparece vinculada à pesquisa. Porque só se dá voz àqueles que se considera que já a tem.

E é com a intenção de escutá-los, de valorizar as suas opiniões e conhecê-los melhor que, seguidamente, estimo os estudantes canoenses a falarem sobre a forma como interagem com as tecnologias digitais e os usos que fazem delas, em especial o celular. Como também, busco conhecer a visualidade que eles acessam, produzem e compartilham a partir desse aparelho. Além das nossas conversas, os alunos responderam a um questionário (Anexo 1) formulado por mim com quatorze perguntas. Esses questionamentos foram respondidos por 147 alunos estudantes dos Anos Finais da escola municipal na qual ministro a disciplina de Arte em Canoas, os estudantes têm entre onze e dezoito anos.

Com as perguntas, busquei saber a quais tecnologias os alunos têm mais acesso e, dentre essas, qual é considerada por eles como a mais importante para o seu cotidiano. Além disso, os questionamentos foram formulados com o intuito de levar os alunos a refletirem sobre a forma como interagem com estes meios e sobre as imagens que produzem e compartilham através deles. Os dados referentes à análise dos questionários serão apresentados no próximo capítulo, “Passo a passo da pesquisa”. No entanto, é importante mencionar que os usos mais frequentes realizados pelos alunos com o aparelho celular são a troca de mensagens pelo

aplicativo *WhatsApp*, o acesso às redes sociais, em especial ao site de relacionamento Facebook, e ao registro do cotidiano com vídeos e, principalmente, com fotografias.

Em relação ao universo visual com o qual nos deparamos diariamente, Lander Calvelhe (2013) afirma que as imagens que recebemos e aquelas que produzimos contribuem na constituição da nossa maneira de ver, sentir e agir com quem convivemos. Já, Porres Pla (2013) afirma que as representações visuais “vinculam-se a experiências de prazer e se relacionam com as formas de socialização” (PORRES PLA, 2013, p.165). Sendo assim, mais importante que decifrá-las é pensar a respeito dos lugares onde são construídas, dos olhares que possibilitam e das subjetividades que colocam em evidência. Nessa mesma direção, Campos (2010) diz que a visualidade é um elemento fundamental na constituição da representação da juventude da forma como a reconhecemos atualmente. Assim, ao conhecer as fotos que os adolescentes produzem e fazem circular pela *Web* e aquelas que eles compartilham temos pistas sobre o que sentem e como agem os jovens canoenses. No capítulo “Olha para as minhas fotos e saberás quem sou: os registros imagéticos dos estudantes canoenses”, essa discussão será aprofundada.

Da mesma forma que Campos (2010), entendo que as imagens e a cultura visual contemporânea participam da construção do que é ser adolescente nos dias de hoje, sendo componentes fundamentais do modo como eles se comunicam e conferem sentido ao mundo e a si próprio. Conforme o autor, o nosso imaginário é visualmente estimulado por múltiplas instâncias e tecnologias que suprem, constantemente, nossa percepção com conteúdos que se renovam permanentemente. Da imprensa aos mundos virtuais, passando pela televisão, cinema e fotografia, várias são as “telas” (LIPOVETSKY e SERROY, 2009) que se dedicam a facilitar a nossa observação e manipulação do mundo ao nosso redor.

Segundo Campos (2010), os jovens utilizam a visualidade para produzirem e veicularem discursos sobre o real. O que dá a juventude lugar de destaque na cultura visual contemporânea. De acordo com o autor, isso se dá pelo fato dos adolescentes apresentarem grande dinamismo e criatividade na produção, edição e consumo das mais diversificadas imagens. Nas palavras do autor (CAMPOS, 2010, p. 120):

Não podemos [...] ignorar a forma como as culturas juvenis têm utilizado a visualidade como território privilegiado de diálogo, campo de combate

ideológico e simbólico, de afirmação identitária, de jogo e prazer, aproveitando aparelhos especializados como o corpo [...], os adornos e o vestuário, o consumo (de televisão, cinema, música, etc.) e a criação de objectos culturais diversificados (graffiti, stickers, tatuagens, fanzines, *Weblogs*, fotologs, etc.). A visualidade é, assim, cada vez mais, uma arena de prospecção criativa, de afinação de competências sociais, culturais e simbólicas que, tantas vezes, é desconhecida ou censurada pelo universo adulto.

Ao enxergar os jovens como entusiastas produtores de imagens e concordar com Campos (2010) a respeito da forma como os jovens interagem com a visualidade reitero a importância das produções dos jovens não serem censuradas pelo universo adulto, como também, defendo a ideia de que nós, adultos, procurarmos conhecer o universo dos adolescentes a partir da visualidade produzida, manipulada e compartilhada por eles. Além disso, pensá-los como produtores de cultura visual é uma forma de dar a eles o poder de autoria e, ao mesmo tempo, valorizar as suas produções. E isso é algo que cotidianamente busco fazer com os alunos canoenses.

5 PASSO A PASSO DA PESQUISA

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente (VELHO, 1978 p.126).

A pesquisa²⁵ foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada no bairro Rio Branco, na região sudoeste do município de Canoas-RS, cidade localizada na região metropolitana de Porto Alegre. Atualmente a escola atende 780 alunos nos três turnos: manhã, tarde e noite, com a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Ela possui uma boa estrutura física, com vinte salas, onze dessas são destinadas para receber, no turno da manhã, cinco turmas dos Anos Iniciais e seis dos Anos Finais. Além de uma sala multiúso, uma “sala de recursos” (para atender individualmente ou em pequenos grupos os alunos com dificuldades de aprendizagens), um laboratório de informática, um laboratório de ciências e uma biblioteca. Essa é a organização do turno da manhã, nos outros turnos há pequenas mudanças que não serão mencionadas aqui, pois a pesquisa de campo foi realizada no referido turno.

Nessa instituição de ensino, atuo como docente desde agosto de 2009. De 2009 até o presente momento, já atuei como professora regente de turmas do 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, também já ministrei as disciplinas de PPA (Projeto Pedagógico Alternativo) matemática para os alunos de 1º, 2º, 3º e 4º anos e PPA português para as duas turmas de 4º ano do Ensino Fundamental. Atualmente,

²⁵ Para seguir os trâmites referentes à ética na pesquisa entreguei para a diretora da escola, “O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Informado à Escola” (Anexo 2), após a leitura do documento a diretora prontamente autorizou a realização da pesquisa e para cada um dos alunos entreguei uma cópia do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido informado aos pais” (Anexo 3) os alunos levaram o documento para casa para que os pais fiquem cientes dos interesses da pesquisa e para que autorizem a participação dos seus filhos na mesma.

ministro a disciplina de Artes²⁶ em nove turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

O corpo docente da escola é constituído por quarenta e dois professores, os quais possuem, no mínimo, graduação. Muitos fizeram Pós-graduação, em nível de Especialização e quatro professores têm o título de Mestre. Além de mim, outra professora está cursando o curso de Doutorado na área da Educação. A maioria dos professores reside em Porto Alegre e se desloca até Canoas para trabalhar.

Já os alunos, em sua maioria, residem nas proximidades da escola e vão até a escola a pé. Eles são provenientes de famílias de nível socioeconômico baixo ou muito baixo. Essa realidade social não impossibilita que grande parte dos alunos tenha acesso às tecnologias de comunicação e informação. E, assim como Rejane Ledur (2013, p. 27) observou nas três escolas municipais de Canoas-RS que visitou para a realização de sua tese, percebo na escola onde atuo como professora que:

Indiferente à classe social, hoje, os alunos estão inseridos numa cultura pós-moderna, mediada pelos avanços tecnológicos, constituindo-se através das redes sociais de comunicação, interagindo com diferentes linguagens, contextos e intertextos, que rompem com o paradigma moderno construído em torno de narrativas fixas, lineares e históricas. Quase todas as informações estão disponíveis e são acessadas pelos meios tecnológicos de comunicação.

Dessa forma, mesmo que muitas das famílias passem por alguma dificuldade financeira, quase todos os alunos (91% deles) possuem celulares com câmera e com acesso à internet. E é a partir desse aparelho eles tiram fotos, escutam músicas, mandam mensagens de texto, compartilham áudios, imagens e vídeos, além de frequentemente acessarem seus perfis nas redes sociais.

5.1 METODOLOGIA

²⁶ Como referi no primeiro capítulo dessa tese, devido a minha aproximação com a área das Artes e por ter realizado o Mestrado dentro da temática “Educação e Artes Visuais” desde 2011 a Equipe Diretiva da escola me convida para ministrar a disciplina de Artes sempre que falta um professor concursado para atuar nessa área, tendo em vista que minha formação inicial e o concurso que realizei e fui aprovada é em Pedagogia Anos Iniciais só posso assumir essa função na falta do professor especializado.

A metodologia utilizada nessa tese é qualitativa de abordagem interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008) com inspiração²⁷ etnográfica. Segundo Gabriel Chueke e Manolita Lima (2012), uma pesquisa interpretativa propicia um caminho subjetivo, que se constrói a partir das representações dos sujeitos e entre os sujeitos. Assim, a pesquisa se fundamenta na subjetividade humana. Dessa forma, o pesquisador e o objeto são constituídos na experiência e a visão de mundo do pesquisador faz parte do processo de construção de significados. Segundo os autores: “metaforicamente, podemos associar o papel do pesquisador qualitativo ao do intérprete (CHUEKE e LIMA, 2012, p. 66).

De acordo com Norman Denzin e Yvona Lincon (2006), uma pesquisa qualitativa envolve um conjunto de práticas materiais e interpretativas utilizadas para colocar em evidência o objeto que será estudado, dentre essas práticas os autores mencionam, o estudo de caso, os grupos focais, a observação participante, as entrevistas e as análises de artefatos culturais. A partir da utilização de uma ou mais dessas estratégias, que devem dar ao pesquisador visibilidade ao objeto de estudo, a pesquisa qualitativa precisa envolver uma abordagem interpretativa da realidade estudada em seu cenário natural. Nessa perspectiva, o trabalho analítico refere-se aos processos de interpretação e significação, distanciando-se das medições. Nessa direção, Elaine Guerra (2014, p. 11) afirma que os pesquisadores engajados com a abordagem qualitativa devem:

[...] aprofundarem-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social -, interpretando segundo a perspectiva dos próprios sujeitos, sem se preocupar com representatividade numéricas, generalizações.

²⁷ Com a palavra “inspiração” procuro deixar claro ao leitor que utilizei como influência para a coleta e análise dos dados algumas aproximações com os estudos etnográficos, pois entendo a imersão que um estudo etnográfico anseia, a partir de uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989), do diário de campo, das entrevistas e das aproximações com os sujeitos da pesquisa, o que requer que o pesquisador esteja disposto à filiação ao “estatuto etnográfico”, o qual está consolidado na Antropologia e, por isso mesmo, exige que alguns princípios, específicos dessa área, sejam levados em consideração para a realização da pesquisa (SCHEFER e KNIJNIK, 2015). No entanto, me permito afirmar que a pesquisa que realizei com meus alunos tem inspiração nessa metodologia devido a minha proximidade diária com os sujeitos da pesquisa, o que me permitiu conhecê-los melhor, aproximar-me e observá-los em distintos momentos da rotina escolar, para além das nossas aulas de artes e de nossas discussões sobre a pesquisa que estava sendo realizada. Além disso, realizei a transcrição de algumas das nossas conversas, analisei os questionários respondidos pelos estudantes e realizei e descrevi três entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com três dos adolescentes.

Com essa pontuação da autora entende-se que, assim como Denzin e Lincon (2006), ela defende a ideia de que os pesquisadores qualitativos devem estar próximos à realidade socialmente construída e ter uma íntima relação com o que é estudado. Sempre levando em consideração que essa realidade é repleta de valores e significados. Nas palavras dos autores: “A competência da pesquisa qualitativa é, portanto, o mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual e a ação cultural entrecruzam-se” (DENZIN e LINCON, 2006, p. 22). Assim, minha intenção, como pesquisadora/professora e professora/pesquisadora foi me aproximar ainda mais dos meus alunos e procurar entender a forma como vivem e interagem com seus colegas e com o mundo saturado de imagens e hiperconectado no qual vivem.

Dentre as práticas interpretativas que podem ser utilizadas na pesquisa qualitativa, optei por aquelas que me dariam subsídios para conhecer melhor meus alunos e a visualidade produzida, armazenada e, por vezes, compartilhada por eles. Para realizar esse levantamento de dados, em momentos oportunos das nossas aulas de Arte, conversávamos sobre as diferentes formas de uso do telefone celular e a respeito das possibilidades de interação a partir desse aparelho. Também criei e apliquei um questionário que foi respondido por todos os estudantes do 7º ao 9º ano (anexo 1). Além disso, selecionei três estudantes para ter acesso e analisar os registros visuais presentes em seus celulares. Com esses estudantes realizei, também, entrevistas semiestruturadas (anexo 4).

Procurei, assim, abordar por meio de um estudo exploratório, de observação e de participação a relação dos adolescentes com as tecnologias digitais, em especialmente o celular, e a visualidade. De acordo com Marli André (1995), a observação participante entende que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, assim ao mesmo tempo em que ele a afeta é afetado por ela.

Nesse sentido, da mesma forma que propõe João Batista Martins (1996), busquei estabelecer uma participação adequada, de aproximação e respeito dentro dos grupos observados e, com a familiaridade que já tínhamos, por ter sido professora de muitos deles em diferentes anos letivos, não houve espaço para estranhezas. Esse vínculo permitiu a mim, pesquisadora/professora e professora/pesquisadora, observar fatos, situações e comportamentos que possivelmente não ocorreriam na presença de pessoas estranhas. Além disso, acredito que uma pessoa sem vínculo com os adolescentes, encontraria resistência para ter acesso às imagens salvas nos celulares

de alguns desses estudantes. Barreira que não foi enfrentada por mim. Os três estudantes que contatei e expliquei o interesse da pesquisa em conhecer e analisar as imagens presentes nos seus celulares, prontamente aceitaram dividir comigo um pouco de suas intimidades ao me permitirem ter acesso aos seus registros visuais.

Frente ao universo visual com o qual me deparei ao ter acesso às imagens colecionadas pelos adolescentes em seus celulares, entendi que a perspectiva de análise qualitativa em conformidade com algumas estratégias metodológicas implicadas no fazer etnográfico se constituiria como caminho interessante para o estudo. Conforme Ana Luiza da Rocha e Cornelia Eckert (2008), o método etnográfico é desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência efetiva do pesquisador junto ao grupo social a ser estudado.

Segundo Rocha e Eckert (2008), a pesquisa etnográfica se constitui no exercício do olhar e do escutar, e impõe ao pesquisador um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno observado, a partir da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade, por meio das quais a realidade investigada se apresenta. As autoras complementam afirmando, que o observar na pesquisa de campo implica a interação com o sujeito observado e, para tanto, é necessário habilidade para participar das tramas da vida cotidiana desses, e estar presente na sequência dos acontecimentos. Isto implica em estar atento às regularidades e variações de práticas e atitudes, reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais, para além das suas formas institucionais e definições oficializadas por estruturas de poder.

Assim, entendo que a proposta da etnografia pós-moderna mostre-se como a estratégia mais pertinente para a análise e discussão das práticas culturais dos jovens estudantes, no contexto da contemporaneidade, uma vez que tal metodologia presta atenção para a produção cultural dos grupos investigados, e, também, para aspectos da subjetividade desses sujeitos.

5.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Fazem parte dessa pesquisa de doutorado, alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, mais especificamente das turmas de 7º, 8º e 9º anos²⁸. No período de coleta de dados os estudantes tinham de 11 a 18 anos. Muitos desses jovens são alunos da escola desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Assim, reencontrei trabalhando nos Anos Finais alunos que eu havia alfabetizado nos Anos Iniciais.

5.3 MATERIAL EMPÍRICO

Registro em áudio das nossas conversas.

Questionário, o qual foi respondido no ano de 2014 por 147 estudantes dos Anos Finais das turmas 7º ano A, 7º ano B, 8º ano A, 8º ano B, 9º ano A e 9º ano B²⁹.

Fotografias salvas nos celulares de 3 alunos, 2 meninas e 1 menino.

Entrevistas semiestruturadas e individuais com esses 3 estudantes.

Publicações imagéticas no Facebook de uma das estudantes.

Print screen de algumas publicações da estudante na referida rede social.

Passo agora a falar especificamente de cada um dos materiais que foram utilizados para a realização da coleta de dados.

5.3.1 REGISTRO EM ÁUDIO DE NOSSAS CONVERSAS

Durante as nossas aulas de Artes seguidamente inseri discussões referentes às tecnologias digitais e suas possibilidades de usos, como a produção, manipulação e compartilhamento de vídeos e imagens. Também, incentivei os alunos a falarem sobre a forma como se relacionavam com seus amigos com o auxílio das tecnologias digitais e sobre o tipo de arquivos visuais que armazenavam ou compartilhavam pela internet. Essas discussões foram gravadas em áudio e os trechos pertinentes às

²⁸ Somente a aluna Estela estava no sexto ano no período de coleta dos dados.

²⁹ O número total de alunos fica em torno de 160, apresento esse valor aproximado já que é comum, durante o ano letivo, alguns alunos trocarem de escola, irem estudar na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) no turno da noite, também é corriqueiro a chegada de novos alunos. As turmas de 6º e 8º anos apresentam alto índice de evasão e reprovação, por isso tínhamos alunos com 18 anos cursando o Ensino Fundamental.

problematizações propostas nesse estudo foram transcritas, algumas mencionarei nos próximos parágrafos e outras estão presentes em diferentes momentos desse texto para agregar mais valor às discussões.

Nessas conversas, foi possível comprovar que quase todos os estudantes possuem celular com câmera e com acesso à Internet. E que essa é a tecnologia mais utilizada pelos estudantes. Os adolescentes afirmaram, também, que fazem diferentes usos dos aplicativos presentes no aparelho celular, desde aqueles considerados mais comuns como conferir as horas, trocar mensagens e até a produção de vídeos e imagens com a utilização de recursos acessados pela internet.

Ficou evidente, ainda, a importância que os estudantes dão para o aparelho celular. Por estar sempre ao alcance de suas mãos, mesmo ao irem dormir e por atribuírem a essa tecnologia lugar de grande importância em suas vidas. Ao afirmarem que fazem tudo com o celular, que esse aparelho é como um filho, que não gostam de emprestá-lo e que o dia a dia sem a companhia dessa tecnologia não teria a menor graça.

Além disso, pode-se constatar que os adolescentes utilizam bastante a câmera de seus aparelhos celulares para registrar seus cotidianos com imagens fixas ou em movimentos. Foi interessante perceber que ao longo dos quatro anos que envolveram essa pesquisa, a utilização de edições e filtros nas imagens produzidas pelos alunos tornou-se gradativamente mais presentes. Como foi verbalizado por muitos deles, “Ah eu uso sempre edição, nem que seja só uma moldurazinha” (menina, 14 anos). “Sabe *sora*, antes eu não usava muita edição nas fotos, agora não publico foto sem filtro” (menina, 13 anos). Evidenciando que a partir da melhor familiaridade com o aparato e com as diversificadas possibilidades de edição presentes no aparelho celular e nas redes sociais, editar as imagens antes de publicá-las torna-se cada dia mais trivial.

Quanto questionei os adolescentes a respeito do principal uso realizado com o aparelho celular, a maioria deles afirmou que utilizam seus celulares para se comunicarem com seus amigos a partir do aplicativo *WhatsApp*, como ficou evidente na fala de dois dos estudantes, “Uso o *Whats* o dia todo quase, gosto pra conversar, trocar Memes, mandar fotos, links e marcar os rolê kkk” (menina, 15 anos), “Eu uso bastante o *WhatsApp*, gosto muito dele pelas ligações de vídeo e de áudio, também uso bastante os emojis e pela comunicação com meus amigos” (menino, 14 anos). Em razão dessas diferentes formas de interação, o celular se tornou um “fiel companheiro”, sendo quase impossível imaginar o dia a dia sem a presença dele.

Assim, durante nossas aulas de Artes, como também, em diferentes momentos da prática escolar, durante o recreio, na saída de turno e no refeitório, conversei com os estudantes sobre o uso que fazem dos seus aparelhos celulares, como também, instiguei-os a falar sobre a forma que interagem com seus amigos a partir dessa tecnologia e sobre a visualidade que eles produzem, manipulam e compartilham a partir dele.

Esses momentos foram de muito aprendizado, principalmente para mim, que conheci o aplicativo *Snapchat*, que recebi dicas de como tirar uma boa selfie, tendo de ter cuidado na hora de posicionar o celular para não ficar “gorda”, com o celular posicionado de baixo para cima, ou “achatada” se, a foto for tirada de cima para baixo. Descobri, também, que marcar os amigos nas fotos postadas no Facebook tem como resultado receber mais curtidas e comentários em suas postagens. Além disso, conheci diferentes programas gratuitos para edição das imagens e percebi que os adolescentes se relacionam muito bem com o mundo digital em rede e com a visualidade, nesse sentido, todos os dias, temos algo novo para aprender com eles.

No próximo item, faço referência ao questionário que foi respondido pelos estudantes de 7º ao 9º ano e apresento os dados que pareceram mais significativos para esse estudo.

5.3.2 QUESTIONÁRIOS

Antes de iniciar a pesquisa de campo com os alunos, acreditava que a gravação em áudio de algumas das nossas aulas seria suficiente para saber quais tecnologias digitais eles tinham mais acesso, assim como qual era a mais utilizada por eles e que tipo de usos faziam delas. Em contrapartida, durante as nossas primeiras conversas, percebi que eram sempre os mesmos alunos que se sentiam à vontade para se expressar verbalmente. Então, com o questionário, eles puderam expor as suas aproximações com o mundo digital em rede. As quatorze perguntas foram formuladas levando em consideração as nossas primeiras conversas e tiveram o intuito de evidenciar quais dispositivos tecnológicos os alunos possuem, quais eles mais utilizam, que usos fazem deles, como também, criei questionamentos a respeito da visualidade que produzem e compartilham com seus pares.

Para realizar a coleta dos dados, imprimi 160 cópias do questionário e durante uma das nossas aulas de Artes no mês de dezembro de 2014, distribuí uma cópia para cada um dos alunos. Assim que terminavam de respondê-lo, o questionário era recolhido por mim para posterior análise de dados. Das 160 cópias impressas, 147 foram analisadas por mim, isso aconteceu porque alguns estudantes não entregaram as suas respostas e outros trocaram de turno ou de escola.

Com a análise das suas respostas para o questionário foi possível constatar que quase a totalidade dos alunos, mais de 91%, têm pelo menos um celular com câmera e com acesso à internet, a televisão também é bastante presente, esse eletrodoméstico está em 93% dos lares. E, 57% deles têm computador em casa.

Dentre os aparelhos que eles mais utilizam o celular aparece em primeiro lugar para 71% dos adolescentes e também é o aparelho celular a tecnologia que fará mais falta se estragar de acordo com 65% dos alunos.

Em relação à pergunta: “O celular está sempre perto de ti?”, mais de 54% dos estudantes que responderam o questionário afirmaram que sim, o celular está sempre por perto. Algumas das respostas me pareceram bastante significativas, pois evidenciam a importância que esse aparelho tem para os adolescentes. Para problematizá-las apresento algumas aqui: “Sempre, porque eu acho que ele é praticamente parte de mim” (aluna de 13 anos), “Está sempre perto para eu receber mensagem e responder rápido (aluno de 15 anos)”, “Meu celular é meu bebê” (aluna, 13 anos), três meninas adolescentes de 13 anos afirmam que o celular está sempre com elas, pois amam esse aparelho e, uma aluna de 14 anos responde que o celular está sempre por perto porque faz tudo com ele, “Meu celular pra mim tudo, faço tudo com ele”.

A primeira adolescente, diz considerar o celular uma parte de seu corpo, algo que McLuhan, na década de 60, falava sobre os meios de comunicação de massa, mais adiante retomo essa discussão. Já o aluno, faz referência ao pronto retorno que pode dar para as mensagens recebidas. Essa simultaneidade é bem comum entre os adolescentes, eles querem tudo “agora” e ao “mesmo tempo”, de outra forma ficam entediados.

A aluna que considera seu aparelho celular um bebê, atribui a ele características humanas, para fazer referência ao fato do aparelho estar sempre ao alcance de suas mãos. E aquelas três estudantes que afirmaram amar esse aparelho, reiteraram a importância que essa tecnologia ocupa em suas vidas. A estudante que

diz fazer tudo com o celular, evidência os diferentes usos realizados pelos alunos com esse dispositivo móvel.

Foi possível registrar 23 usos realizados pelos adolescentes com esse aparelho, citarei, em ordem decrescente, os usos que foram mais mencionados pelos estudantes:

- 62,5% dos alunos afirmaram que usam o aplicativo *WhatsApp*;
- 47% dos estudantes acessam o site de relacionamentos Facebook pelo celular;
- 17% dos adolescentes jogam pelo celular;
- 12% dos alunos usam seus aparelhos para escutar músicas;
- 11% dos alunos fazem ou recebem ligações pelo celular;
- 9% dos alunos acessam o site www.youtube.com para assistir a vídeos;
- 5,4% dos estudantes acessam o Google pelo aparelho celular;
- 4,7% dos alunos utilizam o despertador;
- 4,7% produzem vídeos;
- 4,7% realizam pesquisas;

Com os dados foi possível perceber que a grande maioria dos estudantes utiliza o celular para se comunicar pelo *WhatsApp*. Hoje, não causa estranhamento que eles se comuniquem mais por mensagens do que por ligações, tendo em vista que seus polegares (SERRES, 2013) são tão ágeis quanto seus pensamentos. E, além disso, a grande popularidade desse aplicativo entre os jovens está no fato dele possibilitar outras formas de comunicação, para além da oralidade. Com a troca de emojis, de memes, de fotos e links, o *WhatsApp* é muito atrativo e muito usado pelos adolescentes. Por esse motivo, os adolescentes têm dificuldade de imaginar a suas vidas sem a presença do aparelho celular.

Isso foi constatado em muitas respostas dos alunos, tendo em vista que mais da metade deles manifestaram-se a respeito das dificuldades de viver sem o celular: “Seria um tédio, uso o celular para quase tudo” (menina, 14 anos), “Acho que eu ia ficar louca” (menina, 14 anos), “Ia ser um inferno, não consigo ficar sem ele” (menino, 13 anos), “Eu iria me comunicar menos” (menina, 14 anos), “Ia ficar um vazio”. No entanto, também, apareceram respostas nas quais os adolescentes afirmavam que nada mudarei em suas vidas sem a presença desse aparelho. E alguns estudantes responderam que não sabiam o que poderia ser diferente, nesse sentido, achei essa resposta bem representativa: “Não sei o que poderia mudar no meu dia a dia sem o celular, mas, provavelmente, ficaria igual ou até melhor, pois, às vezes, perco muito

tempo mexendo no celular, enquanto poderia estar me relacionando com minha família e amigos” (menina, 14 anos).

Esse argumento da aluna dá espaço para uma discussão importante e atual sobre o quanto o uso das tecnologias pode afastar as pessoas dos contatos presenciais, Rochele Corrêa e Helen Rozados, no artigo “Isolamento nas Redes Sociais Virtuais: breve discussão da interação de usuários no Facebook” (2014), tratam do constante isolamento social nas redes sociais. Segundo as autoras, a frequente interação pelo Facebook, isola os usuários do contato presencial, os quais, sem essa aproximação social face a face passariam a viver em “solidão interativa”, Dominique Wolton (2008). Conforme o autor, as pessoas podem passar horas, dias conectadas e serem incapazes de ter uma relação humana com quem quer que seja. Assim, Corrêa e Rozados (2014), afirmam que é importante que os usuários dose suas interações virtuais e não percam o contato “olho no olho”, tendo em vista que, a palavra dita, sendo mediada pelo computador (PRIMO, 2007), não teria o mesmo valor.

Em contrapartida, autores como Boyd (2014), pontuam que os adolescentes utilizam as redes, principalmente, para se comunicar com os colegas e amigos que estão diariamente com eles, dessa forma, esse contato virtual reforçaria seus laços de amizade. Em virtude desse frequente contato com seus pares, o celular deve estar sempre ao alcance das mãos e permanentemente ligado.

Setenta e um por cento dos estudantes afirmam que deixam o celular ligado 24 horas por dia³⁰, “Deixo ele sempre ligado, porque ele é como um filho” (resposta de um menino de 17 anos), “Sim, porque sempre tem amigos chamando” (menino de 15 anos), “Deixo o celular ligado para responder as mensagens rápido” (menino, 15 anos), “Sim, porque eu mexo muito no Facebook, gosto de estar sempre conectada” (menina, 13 anos). A resposta dessa aluna evidencia outra recorrência que pode constatar com a análise dos questionários, o Facebook é a rede social onde os jovens canoenses estão mais presentes e, conseqüentemente, a que mais usam, principalmente para postar fotos.

Grande parte dos adolescentes, 86 % deles, responderam que tiram fotos com o celular e muitos utilizam editores de imagens, tanto aqueles disponíveis no aparelho

³⁰ Alguns dos alunos que responderam que não deixam o celular ligado o dia todo explicaram que não o fazem para economizar bateria, “Não deixo ligado direto, porque a bateria não aguenta” (resposta de um menino de 13 anos).

quanto os acessados online. Eles publicam fotos, principalmente, no Facebook, tendo em vista que 89% dos alunos têm perfil nessa rede social e 50% desses afirmam que acessam o site “muitas vezes”, “toda hora”, ou “24 horas por dia”.

Em relação às fotos publicadas, foi possível constatar que a maior parte das adolescentes leva em consideração a sua aparência nas fotos antes de escolher quais serão postadas na internet. As estudantes responderam que publicam as fotos que estão mais bonitas: “as melhores” (12 anos), “as mais lindas” (14 anos), “Fotos que eu esteja arrumada, bonita e feliz” (13 anos) “As que me achei linda e que ficou com a melhor edição” (13 anos), “As que estou muito alegre, porque as fotos ficam mais bonitas” (15 anos).

Para os adolescentes, a resposta mais presente foi a de que não publicam fotos. Além disso, os argumentos apresentados por dois alunos de 13 anos foram muito interessantes, pois chamaram atenção a respeito da diferença entre as fotos publicadas pelas meninas e pelos meninos. “Eu publico as fotos que estou com meus amigos e aquelas que não saí tão feio”, [...] as que não estou, porque sou feio”. Com essas respostas, pode-se inferir que, assim como as adolescentes, eles também se preocupam com as suas aparências nas fotos, no entanto fazem referência a essa questão de uma maneira diferente, “não saí tão feio” e “porque sou feio”. Os alunos que afirmaram que publicam fotos, responderam que escolhem aquelas que estão com seus amigos, “As mais retardadas, quando estou na *vibe* com a galera” (menino, 15 anos) e “As mais legais, com meus amigos” (menino, 16 anos). Assim, para os meninos, de forma mais evidente do que para as meninas, estar com seus amigos é motivo para realizar e publicar fotos.

A análise dos questionários permitiu saber um pouco mais sobre a forma como os estudantes canoenses se relacionam com o mundo digital em rede e sobre a visualidade a que eles têm acesso, produzem, editam e compartilham com os aplicativos presentes em seus aparelhos celulares.

Passo agora a falar sobre a forma como a coleta das imagens presentes nos celulares dos três adolescentes foi realizada por mim.

5.3.3 ARQUIVOS VISUAIS DE TRÊS ESTUDANTES

O principal interesse dessa pesquisa foi conhecer a visualidade que três³¹ adolescentes mantinham armazenadas em seus aparelhos celulares. Para tanto, primeiramente, selecionei dentre os estudantes que já faziam parte da pesquisa, duas meninas e um menino.

As escolhas da Estela, da Eduarda e o Lorenzo³² não foram aleatórias, visto que escolhi esses três estudantes por eu ter sido professora deles quando eles estavam no 2º ano do Ensino Fundamental, assim nosso vínculo de afinidade e respeito já estava construído. Além disso, achei que seria interessante o fato de eu ter participado do processo de alfabetização desses estudantes. Primeiro no mundo da leitura e da escrita, agora, como professora de Artes, no universo imagético.

É importante eu mencionar que após conversar com os estudantes sobre as minhas intenções com a pesquisa e com a análise das imagens que eles tinham em seus celulares, expliquei que eles teriam toda a liberdade para deletar ou salvar em outro lugar alguma imagem que não quisessem que eu tivesse acesso³³. Além disso, falei sobre toda a questão de ética que está envolvida nesse estudo e que seus nomes não serão divulgados e as fotos que apresentarei nesse estudo serão previamente editadas com o intuito de preservar as suas identidades.

Assim, para desenvolver o estudo sobre a visualidade produzida e armazenada pelos alunos investigados, me dispus a conhecer os arquivos visuais que esses três estudantes mantinham armazenados em seus aparelhos celulares. Ao analisar essas imagens, procurei compreendê-las como ações identitárias dos grupos sociais dos quais os alunos participam. Uma vez que, muitos desses registros são compartilhados entre eles pela internet, através dos aplicativos *WattsApp* e *Snapchat*. Como também, muitas dessas fotos são eleitas pelos alunos para serem publicadas no Facebook, como ficou evidente na análise dos questionários e nas publicações imagéticas realizadas pela estudante Estela.

³¹ No período de escrita do projeto de tese tinha a pretensão de analisar as fotos de quatro dos estudantes, no entanto frente ao universo visual com o qual me deparei, ao ter acesso as fotos de três dos jovens (1.082). Acreditei que essas imagens dariam subsídio para uma análise criteriosa.

³² Atribuí outros nomes para os alunos para preservar o anonimato dos mesmos.

³³ Os três estudantes que aceitaram compartilhar comigo as imagens que tinham em seus celulares afirmaram que não apagaram previamente qualquer imagem.

Os dados foram analisados qualitativamente. Os resultados estão apresentados nesse e em outros capítulos desse texto com o intuito de relacioná-los com as discussões propostas. Assim, esse estudo tem como interesse dar visibilidade e pensar sobre os modos de ser e de viver desses alunos na atualidade, além de dar indícios para uma melhor compreensão das condições que organizam a constituição das culturas juvenis.

Antes de apresentar a análise das imagens salvas dos celulares dos três adolescentes é importante mencionar como essa cartografia³⁴ foi realizada. Em três momentos distintos, 2014, 2015 e 2016, tive acesso a cada um dos grupos de imagens mantidos salvos por cada um dos três estudantes.

Em 2014, tive contato com as imagens armazenadas por Estela em seu aparelho celular, com a prévia autorização da aluna e com a utilização de um cabo USB, salvei as suas fotos em uma pasta do meu computador nomeada por mim como: “Fotos de Estela 2014”.

No ano de 2015, salvei e armazenei no meu computador, para posterior análise, os registros imagéticos de Eduarda na pasta: “Fotos de Eduarda 2015”. E, por último, no ano de 2016, tive acesso e salvei, também, as imagens que Lorenzo carregava consigo em seu celular na pasta a qual nomeei: “Fotos de Lorenzo 2016”.

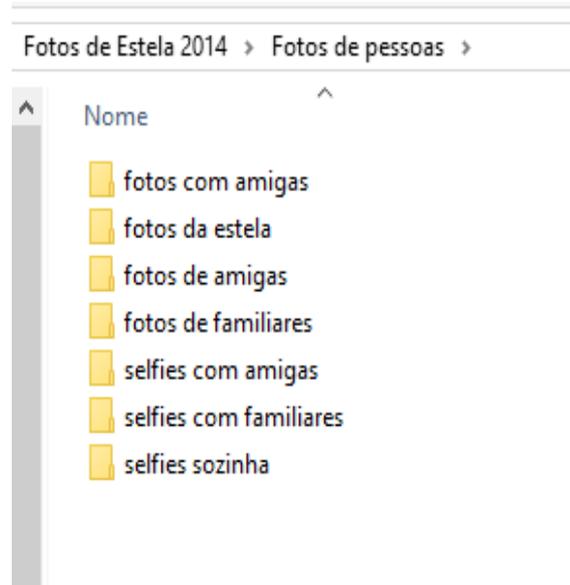
Após essa coleta dos dados, dediquei-me às suas análises. Nesse momento me empenhei em olhar com atenção para cada um dos três grupos de imagens. Ao olhar, olhar novamente e olhar de novo para os registros salvos por cada um dos estudantes senti a necessidade de organizar essas imagens de acordo com as suas recorrências, assim, dentro das três primeiras pastas que criei para armazenar cada grupo de imagens, outras foram surgindo.

Começando pelas fotos armazenadas por Estela, a pasta inicial que criei para guardar as suas imagens transformou-se em duas outras nas quais primeiramente separei as “Fotos de pessoas” das “Fotos que não retratavam pessoas”. Da pasta “Fotos de pessoas” surgiram outras sete pastas: “Selfies sozinha”, “selfies com as amigas”, “selfies com familiares”, “fotos de familiares”, “fotos de amigas”, “fotos da

³⁴ No momento de defesa da tese a professora doutora Edméa Santos da UERJ chamou atenção para a cartografia que realizei ao olhar para as imagens salvas pelos alunos e criar estratégias para analisá-las. A cartografia diz respeito a invenção, sendo assim, dá ao pesquisador lugar de autoria e de artistagem em sua criação metodológica (DELEUZE, G.; GUATTARI, 1997). Essa discussão não seja aprofundada nesse texto, no entanto, essa forma criativa de olhar para os objetos será aprofundada em estudos futuros.

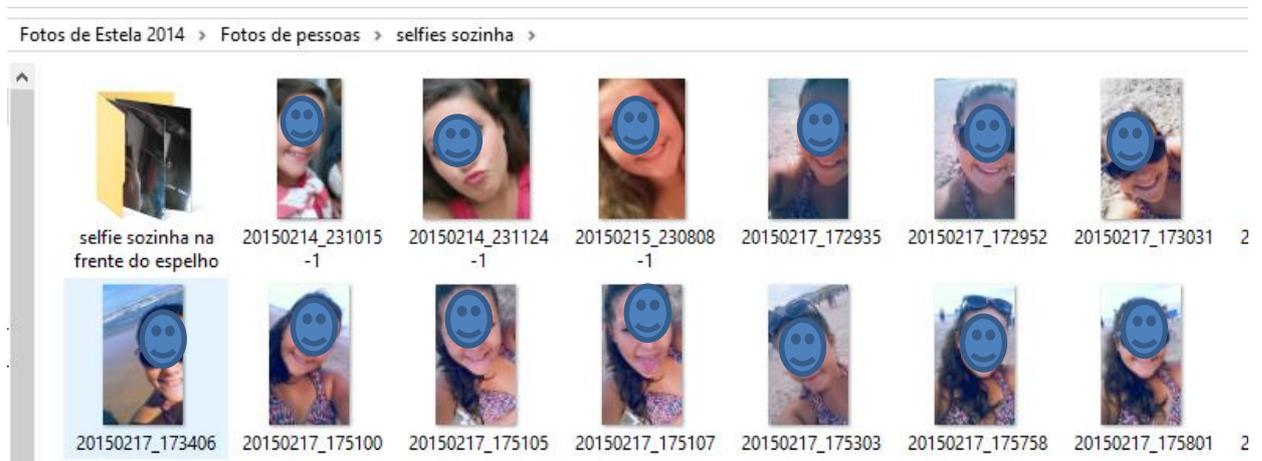
Estela” e “fotos com amigas”. E, da primeira pasta, “selfie sozinha” surgiu, ainda, a pasta, “selfies na frente do espelho”, como ilustrarei a seguir:

Figura 1 - Print Sreen das pastas criadas a partir das fotos de Estela.



Fonte - Arquivo pessoal da autora (2014).

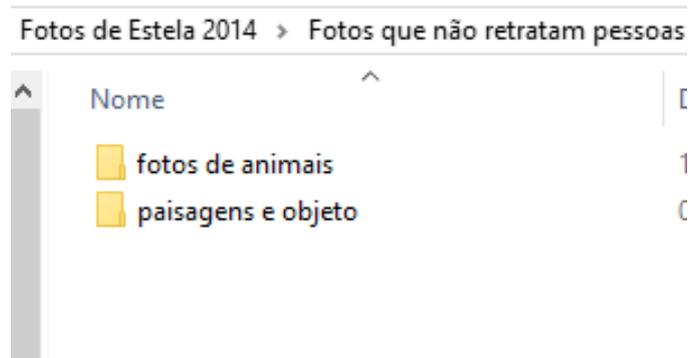
Figura 2 – Print Screen de pastas criadas para salvar as fotos de Estela.



Fonte - Arquivo pessoal da autora (2014).

Essas oito pastas surgiram devido às aproximações que encontrei em algumas das fotos da estudante. O outro grupo de fotos mantidas salvas pela adolescentes chamei de: “Fotos que não retratam pessoas”, as quais organizei em duas pastas: “Foto de animais” e “paisagens e objeto”.

Figura 3 – Print Screen de pastas criadas para organizar as fotos de Estela.



Fonte - Arquivo pessoal da autora (2014).

As fotos da Eduarda foram organizadas da mesma forma, primeiramente a partir das duas pastas: “Fotos de pessoas” e “Fotos que não retratam pessoas” e dentro de cada uma dessas surgiram outras divisões. Para dar conta das fotos armazenadas na pasta “Fotos de pessoas” criei outras sete pastas: “Fotos acompanhada”, “Fotos da estudante sozinha”, “fotos de amigas”, “fotos de familiares”, “fotos de partes do corpo”, “selfies acompanhada” e “selfies sozinha”.

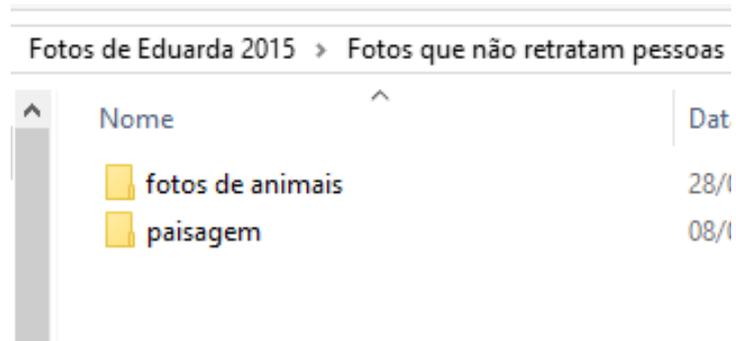
Figura 4 - Print Screen de pastas criadas para organizar as fotos de Eduarda.



Fonte - Arquivo pessoal da autora (2015).

Para a pasta “Fotos que não retratam pessoas” criei duas outras pastas: “paisagens” e “animais”.

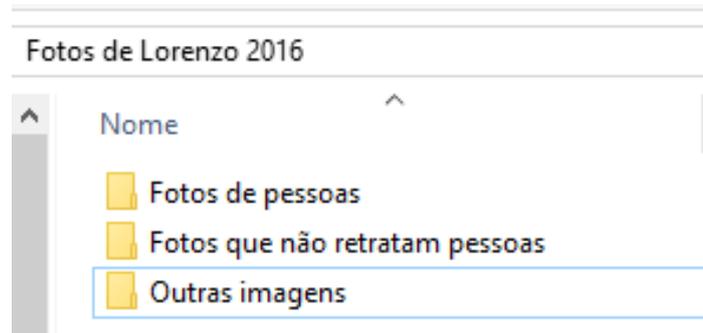
Figura 5 - Print Screen de pastas criadas para organizar as fotos de Eduarda.



Fonte - Arquivo pessoal da autora (2015).

O terceiro grupo de imagens organizadas para a análise foram os arquivos visuais de Lorenzo. Sendo esses mais diversificados e em maior número do que os das adolescentes, senti a necessidade de começar a categorizá-los com três pastas: "Fotos de pessoas", "Fotos que não retratam pessoas" e "Outras imagens".

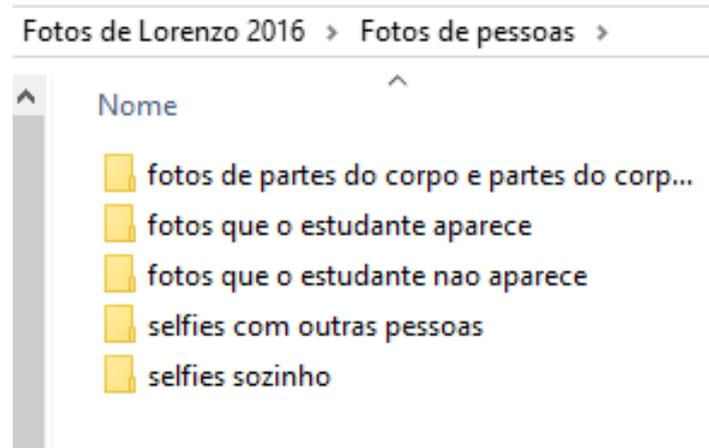
Figura 6 - Print Screen de pastas criadas para organizar as imagens de Lorenzo.



Fonte - Arquivo pessoal da autora (2016).

Na pasta "Fotos de pessoas" foram criadas cinco outras pastas: "Fotos de partes do corpo e partes do copo com objetos", "fotos que o estudante aparece", "fotos que o estudante não aparece", "selfies com outras pessoas" e "selfies sozinho".

Figura 7 - Print Screen de pastas criadas para organizar as imagens de Lorenzo



Fonte - Arquivo pessoal da autora (2016).

Dentro da pasta "selfies com outras pessoas", acrescentei a pasta "selfie com familiares".

Figura 8 - Print Screen de pastas criadas para organizar as imagens de Lorenzo.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2016).

"Fotos que não retratam pessoas" dessa pasta surgiram outras duas: "Fotos de animais" e "objetos".

Figura 9 - Print Screen de pastas criadas para organizar as imagens de Lorenzo.

Nome	Dat
fotos de animais	26/
objetos	05/

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2016).

E para o grupo que chamei de “Outras imagens”, inventei quatro outras pastas: “Conversas salvas do aplicativo *WhatsApp*”, “fotos salvas da internet que retratam pessoas”, “fotos salvas da internet que não retratam pessoas” e “memes”.

Figura 10 - Print Screen de pastas criadas para organizar as imagens de Lorenzo.

Nome
conversas salvas do aplicativo Whats App
fotos salvas da internet que retratam pes...
imagens salvas da internet que nao retrat...
memes

Fonte - Arquivo pessoal da autora (2016).

Foi dessa forma que previamente organizei as imagens armazenadas por cada um dos estudantes para, posteriormente, criar categorias gerais e categorias específicas para apresentar e classificar algumas dessas imagens.

No próximo capítulo: “Olha para as minhas fotos e saberás quem sou: os registros imagéticos dos estudantes canoenses”, apresento a análise das imagens presentes nos celulares dos três adolescentes participantes da pesquisa e categorias específicas que criei para analisá-las.

5.3.4 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

As três entrevistas foram realizadas com os três estudantes que me autorizaram a ter acesso aos seus arquivos imagéticos. Essas conversas foram realizadas individualmente com cada um dos estudantes no pátio da escola, em dias alternados no mês de junho do ano de 2017.

O roteiro das entrevistas foi construído a partir das questões centrais que eu tinha interesse em abordar na pesquisa, aprofundando algumas das questões que já haviam sido apresentadas no questionário. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e, algumas das respostas dos adolescentes são mencionadas em diferentes momentos desse texto.

5.3.5 PUBLICAÇÕES IMAGÉTICAS NO FACEBOOK DE UMA DAS ESTUDANTES

Como ficou comprovado no questionário respondido pelos alunos, quase todos têm uma página pessoal no Facebook, e é essa a rede social digital mais acessada por eles e, conseqüentemente, na qual eles mais fazem publicações, principalmente de imagens. Assim, tornou-se interessante para a pesquisa conhecer algumas dessas publicações.

Para tanto, escolhi a Estela, uma das estudantes participantes da pesquisa, e durante 17 meses, de fevereiro de 2015 a julho de 2016, acompanhei as suas publicações imagéticas na *Web*. Sendo os três adolescentes muito participativos na rede, optei por conhecer as postagens somente de um dos estudantes para viabilizar essa análise.

Nesse período, armazenei 86 *Print screen* referentes às publicações realizadas por Estela que eram acompanhadas por imagens para, no decorrer da pesquisa, analisá-las. As análises desses dados serão apresentadas no capítulo: “Curte que eu chamo: as publicações imagéticas no Facebook”.

6 OLHA PARA AS MINHAS FOTOS E SABERÁS QUEM SOU: OS REGISTROS IMAGÉTICOS DOS ESTUDANTES CANOENSES

Nenhuma obra de arte é contemplada tão atentamente em nosso tempo como a imagem fotográfica de nós mesmos [...] (BENJAMIN, 1994, p. 103).

Atualmente, os aparelhos celulares têm um papel central no cotidiano das pessoas³⁵. Essa realidade é ainda mais intensa no dia a dia dos adolescentes que estão sempre com seus celulares em mãos e o usam para tudo, como se esse aparelho fizesse parte de seus corpos. Algo que o visionário teórico Marshall McLuhan (1974, p. 88), na década de 60 já ponderava sobre os meios de comunicação de massa, conforme o autor:

Este poder da tecnologia em criar seu próprio mercado de procura não pode ser desvinculado do fato de a tecnologia ser, antes de mais nada, uma extensão de nossos corpos e de nossos sentidos. Quando estamos privados do sentido da visão, os outros sentidos, até certo ponto, procuram supri-lo. Mas a necessidade de utilizar os sentidos disponíveis é tão premente quanto respirar — o que confere sentido à necessidade que sentimos em manter o rádio ou o aparelho de televisão ligados quase que continuamente. A pressão para o uso contínuo independe do “conteúdo” dos programas ou do sentido de vida particular de cada um, testemunhando o fato de que a tecnologia é parte de nosso corpo.

Essa relação com o rádio e a televisão, é muito similar ao que atualmente é ter um celular em mãos. A principal diferença é que hoje, um único aparelho, é capaz de suprir a nossa necessidade diária de “respirar”. Segundo McLuhan (1974) a tecnologia se relaciona diretamente com nosso sistema nervoso central. Assim, pouco nos resta quando somos submetidos às estratégias de manipulação daqueles que para visar ao o lucro procuram arrendar nossos sentidos. No momento atual, com o mundo digital

³⁵ Como já referi nesse texto, o acesso à internet pelos brasileiros se dá, majoritariamente, pelo celular, ultrapassando os acessos pelo computador. Conforme o IBGE, no ano de 2016, 92,6% das famílias brasileiras possuíam pelo menos um celular. Em 2017, o número de celulares no país passou dos 230 milhões, número maior que a população brasileira que era de 207,6 milhões de pessoas. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-fizeram-para-trocar-mensagens.html>. Em relação aos estudantes canoenses o celular também mostrou-se muito importante e muito presente e é esse aparelho que mais usam e que fará mais falta se estragar.

em rede, há mais possibilidades de acesso à informação, diferente do período retratado pelo autor, quando os meios de comunicação de massa ditavam o modo como as pessoas deviam pensar e o que tinham de consumir. Ainda os meios de comunicação de massa são implacáveis formadores de opinião, no entanto, hoje, eles competem com o meio digital que oferecem outras formas de buscar a informação e de se comunicar, especialmente por meio dos celulares.

A esse respeito, Ricardo Campos (2011) afirma que as tecnologias digitais e visuais são extensões físicas e simbólicas a partir das quais o cotidiano dos jovens é entendido e encenado. Com seus aparelhos móveis, os jovens escutam música, realizam pesquisas, assistem a vídeos, mandam para seus pares ou as tornam públicas através das redes sociais mensagens de áudio, de texto e também em formato de vídeos, além disso, eles produzem, compartilham e armazenam imagens frequentemente.

Nesse capítulo, o principal interesse é criar categorias de análise para as imagens produzidas e armazenadas nos aparelhos móveis de três estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental na rede municipal de ensino de Canoas-RS, duas adolescentes, Estela e Eduarda, e um jovem, Lorenzo.

As categorias de análise para as fotos foram criadas a partir das recorrências presentes nos registros de cada um dos adolescentes. As coletas das fotos foram realizadas em três momentos distintos. Em 2014 tive acesso às fotos da Estela. Em 2015, salvei as fotos da Eduarda e, por último, em 2016, Lorenzo deu-me acesso às imagens salvas em seu aparelho celular.

Antes de analisar as imagens salvas pelos adolescentes é importante eu mencionar que dos três estudantes, somente Lorenzo tinha vídeos armazenados no celular, totalizando 26 registros audiovisuais. Desses, três são produzidos e protagonizados pelo próprio estudante. Em dois deles, o adolescente aparece cantando e gesticulando embalado por duas músicas do funkeiro MC Kevin, “Novinha quer mamar” de 2016 e “Veracruz” do mesmo ano. As duas músicas têm clipes disponíveis no *YouTube*, ambos produzidos e dirigidos pela maior referência do *funk* ostentação: Kondizilla, nome artístico do artista Konrad Dantas. O *funk* ostentação tem como característica fazer referência nas letras e mostrar nos clipes, carros de luxo, joias de ouro, roupas de grife e bebidas caras (PEREIRA, 2010).

No clipe da primeira música “Novinha quer mamar”, além dos artigos de luxo, aparecem mulheres vestidas com roupas curtas e justas dançando a música e sendo

seduzidas pelo MC, além disso, a letra faz referência direta a atos sexuais. É bastante comum as letras das músicas *funk* referirem as mulheres como objetos, além de submetê-las aos desejos dos homens. Sobre a inferiorização feminina nessas músicas Edinéia Oliveira (2008, p. 11-12) afirma que:

[...] basicamente é o homem quem tem voz e ação nesses textos, enquanto a mulher, embora seja constantemente mencionada, é geralmente o agente passivo em relação ao homem. Essa mulher assume o papel de gatinha, de cachorra, de fiel ou de amante, segundo a vontade masculina construída nos textos. Sendo assim, observaram-se antigas representações de gênero presentes nas letras de músicas funk, e construídas em novas e diversificadas roupagens que acabam retomando e enfatizando os papéis que sempre foram determinados historicamente para homens e mulheres, onde a mulher é inferior, submissa, associada ao erotismo e não tem posição ou voz de comando.

A partir da forma como essas músicas fazem referência às mulheres e as diminui perante os homens, os estereótipos socialmente atribuídos para os gêneros são veemente reforçados.

No terceiro vídeo produzido e protagonizado pelo adolescente pode-se identificar a sua voz e uma de suas mãos. Neste vídeo ele mostra como fez a instalação do seu videogame.

A maioria das recorrências é de filmagens realizadas por Lorenzo, mas que ele não aparece, apresentando somente o seu ponto de vista. São 17 vídeos de um amigo seu, em dois ele aparece andando de skate pelas ruas do bairro onde mora em Canoas; em um está tocando violão e cantando um trecho da música “A casa é sua” (2013) da banda “Megafone”. E 14 desses vídeos são engraçados, nesses, seu amigo aparece fugindo de jatos d’água, lançando objetos e correndo ou fazendo “acrobacias” na frente da câmera.

Não trarei mais informações sobre esses vídeos, pois esse não é o foco de interesse dessa pesquisa e, também, pelo fato de análises desse tipo demandarem ainda mais tempo devido a sua complexidade. Para analisar os vídeos eu teria de dar conta, além da linguagem visual (imagem, verbal/escrito, gestual, proxêmica³⁶, moda³⁷), da linguagem sonora (verbal/oral, músicas, ruídos), e, ainda, as articulações entre o visual e o sonoro. Assim, não teria tempo hábil para acrescentar mais essa discussão à tese. Essas filmagens dariam subsídios para análises bem interessantes,

³⁶ Analisa a disposição dos sujeitos e dos objetos no espaço.

³⁷ Diz respeito aos figurinos.

as quais poderão ser realizadas em outras pesquisas, tendo em vista que nesses vídeos temos pistas dos gostos musicais do estudante, de seu entusiasmo para jogar videogame e do seu interesse em produzir vídeos engraçados, esses contando com o auxílio de um amigo.

Passo, então, a análise das imagens³⁸ salvas nos celulares dos alunos seguindo a ordem de coleta desses dados. Assim, farei referências primeiro aos registros imagéticos de Estela, seguidas pelas fotos salvas por Eduarda e, por último, apresentarei e analisarei os arquivos imagéticos de Lorenzo.

No final de 2014, Estela mantinha salvas em seu celular 186 fotos. Na época, a estudante estava com 12 anos e seus traços infantis eram bem evidentes. Seu rosto era bem arredondado, não usava maquiagem e as suas roupas não eram decotadas.

Em 2015 e 2016 foram facilmente perceptíveis as mudanças na aparência da adolescente, agora com 13 e 14 anos, respectivamente. Ela está mais alta, mais magra, seu rosto mais fino e suas sobrancelhas bem desenhadas, além disso, suas fotos demonstram maior preocupação da aluna a respeito da forma como ela se mostra. As fotos são mais produzidas tanto em relação à sua aparência física, com os cabelos alisados, bem maquiada e vestindo roupas justas e decotadas, as quais davam destaque ao seu colo. Como também, em relação à qualidade dos registros, as fotos apresentavam melhor foco, além de mais cuidado com os enquadramentos e a repetição dos melhores ângulos nos registros, preocupações que foram pouco evidentes no período da coleta das fotos³⁹. Essas comparações poderão ser observadas nas suas postagens de fotos no site *Facebook*, as quais serão apresentadas no próximo capítulo.

Antes de falar dos registros imagéticos de cada um dos adolescentes, apresento um panorama geral das imagens coletadas. Estela tinha em **2014, 186** imagens salvas, Eduarda em **2015** tinha **426** e Lorenzo, no ano de **2016** contava com **470** registros imagéticos em seu aparelho celular. Juntos eles somam **1.082**. Curioso perceber que com o passar dos anos a quantidade de imagens salvas foi aumentando,

³⁸ As fotos estiveram presentes nos três celulares dos adolescentes. Somente no aparelho de Lorenzo também pude encontrar, vídeos, memes e imagens salvas da internet. Para dar conta de todo esse universo imagético e para dar fluência ao texto, ao logo da tese uso como equivalentes as palavras e expressões, imagem, registro imagético, registro visual, arquivo imagético e universo visual.

³⁹ Essa comparação entre as fotos produzidas pela aluna em 2014 com suas fotos posteriores só foi possível de ser realizada, por eu ter acompanhado suas postagens imagéticas no *Facebook* após coletar as fotos que a estudante tinha salva em seu aparelho celular. Essa confrontação não será realizada nas fotos dos outros dois estudantes.

pode ter sido mera coincidência, no entanto me arrisco em afirmar que ao se sentirem mais seguros com o manuseio do aparelho e com a própria aparência, tornam-se mais presentes nas redes, produzem e, conseqüentemente, colecionam mais fotos.

Observando a totalidade das fotos salvas pelos três adolescentes criei três categorias gerais para classificá-las: 1) Fotos de pessoas, 2) Fotos que não retratam pessoas e 3) Outras imagens. Antes de analisar os grupos de imagens de cada um dos adolescentes esclareço que a categoria geral “Outras imagens” foi criada especificamente para dar conta dos arquivos visuais de Lorenzo, na análise dos registros salvos pelo estudante essa diversidade imagética será apresentada e discutida. Passarei, agora, a apresentar cada um dos três grupo de imagens.

6.1 REGISTROS IMAGÉTICOS DA ESTELA

Em dezembro de 2014 tive acesso aos registros imagéticos da estudante Estela, na época ela estava no 6º ano do Ensino Fundamental e tinha 12 anos. De acordo com as recorrências presentes nas 186 fotos da estudante utilizarei duas das classificações gerais, “Fotos de pessoas” e “Fotos que não retratam pessoas” e as categorias específicas que apresento a seguir.

Para fazer referência às categorias específicas, segui a sugestão do professor doutor Celso Vitelli, no momento da qualificação do projeto de tese, e utilizarei *hashtags*⁴⁰ para apresentá-las. Os termos utilizados nas categorias foram inventados por mim a partir das reiteraões presentes nas fotos dos três adolescentes.

De acordo com o dicionário *Oxford*⁴¹, *hashtag* é uma palavra ou frase precedida do símbolo # (hash), usado em sites e redes sociais, especialmente no *Twitter*, para identificar mensagens sobre um tópico específico. Segundo Silveira (2015), uma *hashtag* se configura como uma técnica para reunir postagens com o mesmo assunto ou tema no interior de um determinado ambiente. Assim, as *hashtag* exercem um importante papel para a propagação de conteúdos na rede. No caso da tese, as

⁴⁰ Segundo a agência de *marketing* digital “e-Plan”, as *hashtags* mais populares de 2017 no Brasil foram: #love, #bomdia, #boanoite, #instagood, #amor, #fashion, #moda, #tbt, #brasil e #repost. Informações encontradas no site: <https://www.agenciaeplan.com.br/single-post/2017/12/27/Quais-foram-as-hashtags-mais-usadas-no-Instagram-em-2017-Descubra-aqui>. Acessado em 9 de abril de 2018.

⁴¹ <https://en.oxforddictionaries.com/definition/hashtag>, tradução minha. Acessado em: 07 de abril de 2018.

palavras ou expressões foram criadas para fazer referência às aproximações presentes em cada grupo de fotos.

6.1.1 FOTOS DE PESSOAS

A categoria geral mais presente nas fotos da adolescente foi “Fotos de pessoas”, para analisar essas fotos criei cinco categorias específicas e as trago na ordem em que mais apareceram, são elas: #selfies, #sanguedomeusangue, #fotosdelas, #fotoscomelas, #euzinha.

6.1.1.1 #SELFIES

A categoria específica #selfies somou 140 fotos do total de 186. Dessas 140, 98 são selfies da adolescente sozinha, 26 na frente do espelho. Ainda tinham 38 selfies com suas amigas e 4 e com seus familiares. Nas selfies da estudante sozinha em 70 ela se mostrava sorrindo e em 18 “fazendo biquinho” (*duck face*). Falarei mais sobre a *duck face* no próximo capítulo.

Figuras, 11, 12 e 13 – Selfies de Estela.



Fonte – Imagens salvas do celular da adolescente em dezembro (2014)⁴².

Nas três selfies da adolescente, nota-se que ela está em uma praia, uma vez que, fica visível a areia fina da praia, além disso, fica aparente uma parte do seu

⁴² Para preservar a identidade da aluna cortei suas fotos na altura de seus olhos. Na terceira imagem o corte foi um pouco mais acima para que o gesto que a estudante fez com uma das mãos também ficasse aparente.

biquíni e a estudante está usando óculos escuros. As duas primeiras representam aquelas que foram mais recorrentes: fotos da adolescente, sorrindo e fotos “fazendo biquinho”, na terceira a estudante se mostra fazendo careta e gesticulando com uma das mãos, de todas as suas selfies somente nessa ela aparece fazendo algum gesto. Pode-se perceber também, que essas imagens foram clicadas quase no mesmo momento, sendo necessário breves instantes para encostar um lábio no outro e projetá-los para frente, para, em seguida, mostrar a língua.

É bastante comum os jovens tirarem várias fotos antes de optar por uma para armazenar ou publicar. Em nossas conversas os adolescente, principalmente as meninas, afirmam que tiram várias fotos para eleger as que serão mantidas salvas e aquelas serão deletadas sem pestanejar. O que não é diferente com Estela. Em relação as fotos que produz e publica a adolescente diz que: “Ah, eu tiro umas vinte fotos, dessas escolho cinco que eu mais gosto e das cinco uma eu publico no *Facebook*” (2014). Foi possível perceber que seu critério de escolha diz respeito ao fato de se achar mais bonita em determinada foto do que em outra.

Nas suas selfies, os enquadramentos foram bastante repetitivos. Em 58 dessas imagens a adolescente se mostrou em plano médio, da região do colo para cima. Em 32 o enquadramento, em primeiro plano, dava destaque somente ao seu rosto e, em 7 registros a aluna se mostra em um plano um pouco mais aberto, da cintura para cima. Esses dados evidenciam o destaque que a estudante dá para seu colo e, principalmente, para seu rosto.

Para dar destaque a própria imagem, a adolescente utiliza, principalmente, dois editores de imagens “Retrica”, aplicativo que permite escolher entre oitenta diferentes filtros para acrescentar a foto, e “Piclab”. Eles oferecem praticamente os mesmos recursos de edição, mas a diferença é que no aplicativo “Piclab” nem todas as possibilidades de edições são gratuitas. Apresento agora uma selfie de Estela com edição.

Figura 14 – Selfie de Estela sorrindo.



Fonte – Imagem salva do celular da estudante (2014)⁴³.

Nessa selfie, Estela se mostra sorrindo, a foto é colorida e o enquadramento é da região do colo para cima, em plano médio. Pode-se perceber que ela modificou a luminosidade da imagem como, também, acrescentou molduras nas duas laterais. Dentre todo o universo visual presente nas imagens coletadas dos três estudantes, sem dúvida, a moldura é a edição mais presente.

Das 98 selfies da adolescente sozinha, em 61 delas Estela fez uso de algum tipo de edição, além das molduras, foi possível perceber que ela seguidamente modifica a luminosidade das fotos, como também, usa alguns filtros para clarear, escurecer ou dar um aspecto envelhecido para as imagens. Em três das suas selfies ela acrescentou a linguagem verbal escrita a partir das seguintes inscrições: “Novinha sapeca”, “Ela é um poço de qualidade” e “Sol e piscina tudo de bom”, nas duas primeiras a adolescente utiliza palavras para explicitar para seus possíveis interlocutores como ela quer ser vista nessas imagens.

“Novinha sapeca” é o trecho da música “Papapa da perereca” (2014) de MC Menor da VG e “Ela é um poço de qualidade” é um fragmento de uma música de 2013 do *rapper*, cantor e compositor Projota, intitulada “Mulher”. A primeira música é um *funk* e sua letra faz referência direta ao ato sexual e aos órgãos genitais. Já a música composta pelo cantor Projota conta a história de uma mulher que está com problemas em casa e o procura para ajudá-la a resolvê-los. Ao escolher trechos dessas duas

⁴³ Para preservar a identidade de Estela e Lorenzo cobri seus olhos nas fotos.

músicas para acompanhar duas de suas selfies, é possível inferir que a aluna gosta de ouvi-las e, em certa medida, se identifica com elas. O gosto pelo estilo musical *funk* também foi observado nas produções audiovisuais de Lorenzo, as quais mencionei na abertura desse capítulo. Já a música do cantor Projota traz outro estilo musical, no entanto, é possível traçar uma aproximação entre a letra da música “Mulher”, com alguns dos *funks* apreciados pelos adolescentes.

No *funk* a figura feminina parece estar disponível aos olhares e aos desejos masculinos e na música do cantor Projota uma mulher precisa da ajuda de um homem para solucionar seus problemas em casa. Assim, nas duas canções, a figura masculina ocupa lugar de destaque e os seus desejos sexuais precisam ser saciados. Indicações facilmente destacáveis em suas letras:

Novinha tá demais
Abre bem as penas
E vem com a perereca [...]
 Novinha, sapeca,
Tu provocou o meu piru, agora é guerra
 Pa pa pa pa pa pa pa pa... na perereca
 Pa pa pa pa pa pa pa pa... na perereca
 Trecho da música “Papapa da perereca”, grifos meus.

Se quiser desabafar fica à vontade,
 mas com toda essa saudade eu **nem vou te deixar falar [...]**
 seu problema a gente tem que resolver,
 mas deixa para amanhã, **hoje eu vou te fazer mulher [...]** **seu corpo perfeito**, é convite pro que ela tem no coração
 Trecho da música “Mulher”, grifos meus.

A partir das palavras grifadas por mim nesses trechos das duas músicas ficam evidentes as referências aos atos sexuais, além disso, percebe-se em ambas, que o desejo sexual e a iniciativa para o sexo partem dos homens e não das mulheres.

6.1.1.2 #SANGUEDOMEUSANGUE

Na categoria específica, #sanguedomeusangue, foram encontrados 20 registros. Onze desses são fotos de crianças, quatro são fotos que retratam mais de um familiar e quatro são de fotos da sua mãe, três dessas sendo selfies. Nesse grupo apareceu também uma foto de uma ultrassonografia.

Figuras 15 e 16 – Foto de familiares.



Fonte – Imagens salvas do celular da Estela (2014).

Figura 17 – Foto da mãe de Estela.



Fonte – Imagem salva do celular de Estela (2014).

Na primeira imagem que apresento da categoria específica #sanguedomeusangue, pode-se observar um menino de dois ou três anos de idade segurando/tomando uma mamadeira. Nessa foto a adolescente novamente utilizou o aplicativo “Retrica” para editá-la. Com essa ferramenta ela juntou quatro fotos do menino e transformou-as em um único arquivo imagético. Assim, na montagem, primeiro vemos o menino com a mamadeira na boca e nas outras três fotos,

gradativamente, ele afasta a mamadeira de seu rosto, evidenciando a sequencialidade dos registros.

Na segunda foto estão retratados três familiares de Estela. Nela observa-se um homem segurando um bebê e uma criança, a criança é a mesma que aparece na montagem anterior. A terceira recorrência que apresento é uma selfie da mãe da adolescente. Importante mencionar que nas fotos presentes no celular de Lorenzo e de Eduarda também tinham selfies de suas mães, isso comprova que essa demanda contemporânea não tem classificação etária. Após apresentar todas as imagens voltarei a pensar sobre o registro de si na contemporaneidade.

6.1.1.3 #FOTOSDELAS

Esse grupo apresenta somente seis fotos de uma amiga de Estela, sempre na praia permitindo a presunção que esses registros foram realizados no mesmo dia que as três selfies da Estela que já apresentei no início dessa análise.

6.1.1.4 #FOTOSCOMELAS

Nessa categoria específica estão cinco fotos, quatro dessas realizadas também na beira da praia e uma na escola. A foto que escolhi para apresentar dessa categorização mostra as duas adolescentes, no entanto como Estela direcionou a câmera para as suas sombras na areia só podemos observar as silhuetas de seus corpos. Estela está à direita da imagem, com uma das mãos ela segura o aparelho celular e com a outra gesticula mostrando o dedo indicador e o médio. Sua amiga, à esquerda da imagem, também faz o mesmo gesto com a mão. Esse símbolo normalmente se refere à “paz e o amor”⁴⁴, no entanto, em algumas das conversas com os adolescentes, eles não sabem afirmar o significado dos gestos que fazem em suas fotos, eles dizem que quando repetem algum símbolo com os dedos têm o interesse de deixar a sua foto mais divertida.

⁴⁴ Informações encontradas no site: <https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/ok-joinha-origens-15-sinais-fazemos-maos/>. Acessado em 13 de jun de 2018.

Figura 18 – Foto de Estela com uma amiga.



Fonte – Imagem salva do celular de Estela (2014).

6.1.1.5 #EUZINHA

Essa categoria específica reúne quatro fotos da estudante em dois registros diferentes, que não foram clicadas por ela. Dessas, apresento abaixo o registro que sozinho mostra três fotos juntas. Para a realização dessa montagem a adolescente, novamente, utilizou o aplicativo “Retrica”. Na união proposital dessas três fotos, a adolescente faz alusão aos “Três macacos sábios” provérbio japonês que tem como significado: "não veja nenhum mal, não ouça nenhum mal, não fale nenhum mal". No ocidente, muitas vezes a frase é utilizada para fazer referência àqueles que fazem vista grossa para o que não querem ver⁴⁵.

⁴⁵ Informações encontradas no site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tr%C3%AAs_Macacos_S%C3%A1bios, acessado em 27 de março de 2018.

Figura 19 – Fotos da Estela fazendo pose.



Fonte - Registro salvo do celular da estudante (2014).

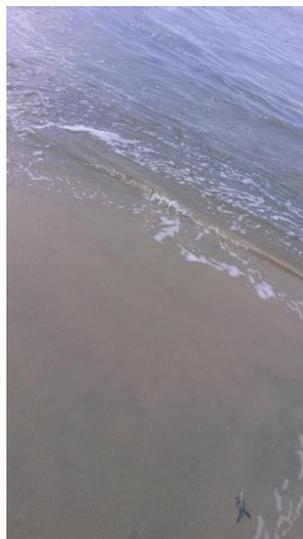
6.1.2 FOTOS QUE NÃO RETRATAM PESSOAS

A classificação geral “Fotos que não retratam pessoas” foi pouco presente nas fotos da adolescente, somente 13 fotos. Para essa classificação geral criei três classificações específicas: #meuescritórioénapraia, #pets e #amém.

6.1.2.1 #MEUESCRITÓRIOÉNAPRAIA

Nove foram as fotos de paisagens, com exceção de duas dessas fotos, sete delas mostravam a areia da praia e o mar evidenciando o lugar onde muitas das fotos da adolescente foram produzidas, à beira da praia, por isso classifiquei esse grupo com a *hashtag*, #meuescritórioénapraia.

Figura 20 – Foto de uma praia.



Fonte – Imagem salva do celular de Estela (2014).

6.1.2.2 #PETS

Nessa categoria específica incluí três fotos de animais que retratam cachorros, duas são do mesmo animal, que aparece na sala de uma casa, em uma das imagens, e em cima de uma cama, na outra. Por estar dentro da casa pode-se inferir que esse era o animal de estimação da família, por isso a denominação *#pets*.

A outra foto mostra um cachorro preso em uma coleira em um ambiente externo. Nessa foto a aluna utilizou o aplicativo para edição de imagens “Retrica” para modificar as cores da imagem. O resultado lembra bastante o filtro sépia, que, além de dar um ar envelhecido para a foto, a deixou com todos os tons da imagens muito parecidos.

Figura 21 – Foto de um cachorro.



Fonte – Foto salva do celular de Estela (2014).

6.1.2.3 #AMÉM

Nesta categorização “Fotos que não retratam pessoas” havia, também, uma foto de um objeto: uma imagem da padroeira do Brasil, Santa Nossa Senhora Aparecida, para a igreja católica, ou orixá Oxum para as religiões afro-brasileiras, enrolada em um papel filme. Essa é a segunda vez que a imagem da santa aparece nos registros visuais da adolescente, anteriormente pode-se observá-la, na selfie da sua mãe, à direita em um quadro com a imagem da padroeira pendurado na parede, reafirmando a devoção da família para a referida entidade, por isso a *hashtag* *#amém*.

Figura 22 – Foto de uma imagem de gesso.



Fonte – Registro salvo do celular de Estela (2014).

De maneira geral, as fotos de Estela retratam sua família e amigas, e ao mantê-las salvas e carregá-las consigo reiteram o carinho e amor que sente por elas. Nesses registros pode-se observar a imortalização de momentos felizes e descontraídos, principalmente na beira da praia, ao lado das pessoas importantes para a aluna. Dentre a principal recorrência está a categoria geral “Fotos de pessoas”, principalmente fotos que retratam a própria estudante, as selfies. Nelas o rosto da adolescente recebe especial destaque e na maioria desses registros a estudante se mostra sorrindo.

Ao longo da nossa convivência pude presenciar a adolescente carismática e afetuosa que Estela foi se tornando. Elas sempre se mostrou uma colega querida e companheira, com os professores não foi diferente. A estudante formou-se no 9º ano do Ensino Fundamental em 2017 e deixou na escola muitas lembranças e amigos.

6.2 AS FOTOS DA EDUARDA

Eduarda é uma adolescente bastante comunicativa e divertida. Seu relacionamento com os colegas é tranquilo. Com alguns dos professores não é da mesma forma, já que ela está sempre com o seu iPhone ao alcance das mãos, esperando uma oportunidade para tirar uma foto, verificar as atualizações de seus amigos no *Facebook*, mandar ou receber mensagens pelo *WhatsApp*.

A estudante é bastante vaidosa, por isso, mesmo tendo de usar o uniforme disponibilizado pelo prefeitura, ela se destaca por estar sempre muito bem maquiada, com o cabelo alisado e com as unhas feitas, por ela mesma. De modo geral, suas fotos reiteram a sua personalidade já que em muitas delas está cercada de amigos ou de algum familiar em momentos de descontração e alegria. Como também, evidenciam a sua vaidade, tendo em vista que em muitos registros apresentam closes de seus olhos maquiados ou de suas unhas pintadas.

Tive acesso às fotos da aluna no ano de 2015, nessa época a estudante estava com 13 anos e cursava o 7º ano do Ensino Fundamental. Juntas, as suas fotos somavam 426 registros. Para explorar a visualidade armazenada pela adolescente, utilizarei duas das classificações gerais, “Fotos que não retratam pessoas” e “Fotos de pessoas”, essa foi a mais presente entre as duas.

6.2.1 FOTOS DE PESSOAS

“Fotos de pessoas” essa classificação geral somou 385 fotos. Para analisá-las, criei seis categorias específicas e as apresento agora: #simplesmenteeu, #sozihanunca, #eueaminhagalera, #vaidosaeu?, #minhafamilia, e #eudeboa. Essas especificidades foram apresentadas em ordem decrescente das que foram mais frequente para as menos frequentes.

6.2.1.1 #SIMPLESMENTE EU

Na classificação específica #simplesmenteeu, são 100 fotos da estudante sozinha, a maior parte na sua casa, no seu quarto e na frente do espelho. Quase todos os seus registros a mostram de corpo todo, bem diferente das fotos produzidas por Estela nas quais o principal destaque era sempre seu rosto. Trinta e quatro das selfies de Eduarda a mostram da altura da coxa para cima, em um enquadramento chamado “plano americano”. Vinte e seis representam o número de fotos que a estudante se mostra da altura do joelho para cima, repetindo o plano americano. Esse mesmo número são de fotos nas quais a adolescente aparece da altura do colo para cima, dando destaque, agora, ao seu rosto.

Em 41 das selfies que está sozinha a adolescente se mostra séria, em 31 ela aparece fazendo “biquinho” e, em 20 das suas fotos, ela faz careta para a câmera

mostrando a língua. Importante eu mencionar que essas três expressões faciais, que foram as mais presentes nas fotos da estudante, não foram facilmente identificadas já que em 13 fotos a jovem praticamente esconde seu rosto atrás do celular.

Figura 23 – Selfie de Eduarda na frente do espelho.



Fonte – Foto salva do celular de Eduarda (2015)⁴⁶.

Observando essa foto da adolescente se pode inferir algumas questões, primeiro, que ela quis dar destaque aos seus olhos maquiados, sendo que armazena fotos deles, em close. Além disso, a forma como ela segura o celular para fazer esse registro dá especial destaque as suas unhas pintadas, outra recorrência nos seus registros visuais. Também se pode pensar, confesso que parece menos provável, que a adolescente praticamente se esconde atrás do aparelho, pois ainda estava aprendendo o melhor posicionamento do celular para mostrar o próprio rosto. Nessa foto, também chama atenção seu plano de fundo, nele está evidente na parte superior direita a imagem de uma mulher loira na parede branca, como se a imagem dessa mulher fosse uma inspiração para o visual que a adolescente almeja ter.

Dentre as selfies da estudante sozinha, em 11 ela se mostra vestindo somente sua roupa íntima, calcinha e sutiã na frente do espelho em seu quarto. É bastante comum os adolescentes fotografarem-se na intimidade de banheiros ou em seus quartos, da mesma forma é corriqueiro eles se exporem demasiadamente em suas fotos. Dos três adolescentes que participaram da pesquisa, Eduarda é a que se expôs

⁴⁶ Diferentemente das fotos dos outros dois adolescente deixarei aparentes seus olhos, acredito que isso seja possível, e continua respeitando a sua identidade, pois o restante do seu rosto praticamente não aparece. Fiz essa escolha pelo destaque especial que a estudante dá para seus olhos em muitas das fotos.

mais, isso torna-se recorrente porque, de maneira geral, os adolescentes não pensam nas possíveis consequências de uma dessas fotos cair na mão errada e vazar pela rede.

As selfies da adolescente, especialmente as que se mostra de roupa íntima na frente de espelho, além de evidenciarem a aceitação da estudante com a sua forma física, reiteram uma cultura impulsionada pelo imperativo da visibilidade e culto a forma. Segundo Sibilia (2009, p. 317) as velhas essências modernas interiorizadas se desvanecem e hoje é necessário mostrar-se espetacularmente para ser alguém. Nas palavras da autora:

[...] las tendencias de exposición de la intimidad y de espectacularización de la vida cotidiana, que hoy proliferan por todas partes, no parecen denotar cualquier recelo o temor a una irrupción indebida en la privacidad de cada uno. En cambio, las nuevas prácticas expresan un deseo de desbordar la propia intimidad, ganas de exhibirse y hablar de sí mismo para que todo el mundo vea y sepa “quién soy yo”. Son muy fuertes, y cada vez más extendidas, esas ansias de forzar los límites del antiguo espacio privado para mostrar lo que se es, para hacer público y visible ese yo supuestamente íntimo.

Essa atitude de registrar a intimidade e, por vezes, torná-la pública pela internet é entendida por Sibilia (2009) como uma tentativa de recuperar a autenticidade perdida, se exhibe na superfície do corpo, como também nas telas, o personagem atrativo que cada um deseja parecer e ser. Para a autora, as tecnologias digitais, em especial para esse estudo o celular, permitem a exposição de si mesmo, além de exercerem uma intensa sociabilidade mediada pela rede interconectada.

6.2.1.2 #SOZINHANUNCA

Nas selfies que está acompanhada, em 56 ela se mostra com algum familiar ou com seus amigos. As selfies com seus amigos somaram a maior quantidade,³⁷. Em 24 imagens desse grupo a adolescente se mostra na frente do espelho, principalmente com suas amigas.

Figura 24 – Eduarda com as amigas na frente do espelho.



Figura14 - Salva do celular de Eduarda (2015).

O registro acima é um clássico entre as adolescentes, selfie na frente do espelho, no entanto não é um espelho qualquer. Esse está localizado em um shopping na cidade de Canoas dentro de um banheiro, para deixar registrado esse passeio que fizeram juntas. Nessa imagem, Eduarda é quem segura o celular, na esquerda da imagem vemos uma de suas amigas sorrindo e na direita da imagem a outra adolescente faz pose e mostra a língua para o aparato. Assim como a maior parte das selfies desse grupo, essa reitera um momento e alegria e descontração vivido pela estudante com seus pares.

6.2.1.3 #EUEAMINHAGALERA

#eueaminhagalera, são registros da adolescente acompanhada de seus amigos ou familiares, em 37 fotos. Dessas, em 26, a adolescente está com suas amigas e podemos vê-la brincando em brinquedos infláveis, pulando na cama elástica e dando cambalhotas. Outra recorrência foram fotos com a sua prima, também em momentos divertidos fazendo caretas ou acrobacias para a câmera. Nessa classificação a adolescente se mostra bastante infantil, brincalhona e divertida, um contraponto bem interessante ao compará-las com as suas selfies que a mostram adultizada e erotizada.

6.2.1.4 #VAIDOSAEU?

Da mesma forma que em suas selfies a classificação #vaidosaeu? Dá especial destaque a sua vaidade. Essas fotos juntas somam 58 registros, desses 31 são fotos de unhas muito bem feitas, algumas pela própria estudantes e outras por sua mãe que é manicure. Também aparecem fotos copiadas do site www.esmaltebonito.com, provavelmente para que ambas, mãe e filha, aprendam a fazer unhas decoradas. Abaixo, apresento dois exemplares dessas imagens, a primeira foi salva da internet e a segunda mostra unhas pintadas pela mãe da estudante.

Figuras 25 e 26 – Fotos de unhas pintadas.



Fonte – Imagens salvas do celular de Eduarda (2015).

Manter essas fotos salvas, demonstra o interesse da aluna pela carreira da sua mãe, como também, o desejo em segui-la. Depois do destaque dado as unhas muito bem pintadas, as fotos mais presentes nessa classificação específica foram closes de seus olhos, ou da região do seu colo, com sete fotos de cada.

Nas fotos que dão especial destaque ao seu colo, em cinco se mostra de sutiã, dessas em duas, usando uma caneta hidrográfica preta escreveu o nome e o sobrenome do menino que gostava na época, na parte aparente dos seus seios e entre as duas mamas desenhou um coração. Essa atitude da aluna é bastante questionável por nós adultos, difícil não ser moralista, difícil não julgá-la e pensar que ela não está se valorizando, que está mostrando demasiadamente seu corpo e o objetivando. No entanto, para a aluna, não passa de uma demonstração de carinho para seu *crush*.⁴⁷

⁴⁷ Gíria muito utilizada pelos jovens para fazer referência à pessoa de que gostam.

Figura 27 – Foto da região do colo de Eduarda.



Fonte – Imagem salva do celular de Eduarda (2015).

Editei a imagem salva pela aluna para não expô-la demasiadamente e para preservar o nome do menino que ela escreveu onde é possível enxergar duas manchas pretas à esquerda e à direita da foto. O pequeno borrão no meio de seus seios é o coração que ela também havia desenhado. Essa foto da estudante remeteu-me ao carnaval carioca de 1998, quando a ex modelo Luma de Oliveira surgiu na avenida no desfile da escola de samba Tradição, utilizando como acessório de sua fantasia um colar preto, que mais parecia uma coleira com o nome do seu marido na época, Eike. A homenagem da modelo para o empresário gerou muita polêmica na época e foi bastante questionada.

Figura 28 – Foto da ex modelo Luma de Oliveira.



Fonte - imagem salva da internet (2018)⁴⁸.

Já nas fotos de seus olhos azuis, ficam evidentes as várias camadas de rímel preto em seus cílios e a forte marcação do delineador preto em suas pálpebras. Novamente, evidenciando a sua vaidade e dando destaque para essa parte do seu rosto. A evidência que a estudante que dar aos seus olhos fica ainda mais perceptível quando se presta atenção ao enquadramento que ela fez ao fotografá-los, super close. Para fazer essa montagem na imagem e juntar três cliques em um único registro a adolescente fez uso do aplicativo “PicLad”.

Figura 29 – Foto dos olhos de Eduarda.



Fonte – Registro salvo do celular de Eduarda (2015).

48

Imagem disponível no site:
https://www.google.com.br/search?q=imagem+luma+com+coleira+de+eike&rlz=1C1NHXL_pt-BRBR786BR789&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=uH8x03DW0p8q5M%253A%252CUbn0kZVs_mnPLM%252C_&usg=__bDWggQymVlv9el0IAk5evYq26Ms%3D&sa=X&ved=0ahUKEwi69KT2pMzbAhXLf5AKHat3C3QQ9QEINTAE#imgsrc=uH8x03DW0p8q5M: Acessado em: 11 jun de 2018.

6.2.1.5 #MINHAFAMÍLIA

A classificação específica, #minhafamilia somou 40 fotos. Dessas fotos, 23 são de adultos, três delas são fotos de sua mãe, sendo duas dessas selfies e duas da sua vó. Também incluí nesse grupo sete fotos de sua prima adolescente, todas são selfies. Nesses registros chama atenção a quantidade de fotos de uma tia da estudante, quinze. Neles, a adulta aparece com diferentes roupas e poses. Suas roupas são curtas e coladas ao seu corpo. Como pode-se observar na imagem abaixo.

Figura 30 – Foto de uma tia de Eduarda.



Fonte - Imagem salva do celular da estudante (2015).

Nesse grupo também estiveram presentes fotos de crianças, 23, dez dessas imagens são selfies da sua prima. Quase todas as fotos de seus familiares foram feitas com o celular na vertical, na posição retrato.

6.2.1.6 #EUDEBOA

#eudeboa, em 31 fotos Eduarda aparece sozinha em registros que não foram realizados por ela. Em 12 dessas fotos, a estudante faz alguma “acrobacia” na frente da câmera, em dez ela se mostra séria e em quatro faz alguma careta. Assim, como nas fotos em que está acompanhada, o que mais chama atenção é a descontração desses registros. Novamente está mostrando o lado moleca e brincalhão da adolescente. Passo agora a analisar as imagens salvas pela adolescente e que foram classificadas por mim como, “Fotos que não retratam pessoas”.

6.2.2 FOTOS QUE NÃO RETRATAM PESSOAS

Essa classificação geral totalizou 40 fotos, as quais dividi em dois subgrupos, fotos de animas, #émuitafofura, e fotos de paisagens #vamosalaplaya. A primeira classificação #émuitafofura somou 36 fotos, nesses registros estão presentes somente cachorros, alguns de grande porte e a maioria cachorros pequenos e com poucos meses de vida. Nesses registros, três chamaram especialmente a minha atenção pela humanização dos animas.

6.2.2.1 #ÉMUITAFOFURA

Figuras 31, 32 e 33 – Fotos de cachorros



Fonte – Fotos salvas do celular de Eduarda (2015).

Na primeira imagem, um dos cachorros é fotografado com um bico na boca, a segunda retrata um cachorro dormindo escorado em um bichinho de pelúcia e a terceira mostra esse mesmo filhote novamente dormindo e para salvar esse registro a adolescente acrescentou imagens de corações a foto.

Todo esse carinho e cuidado, para muitos exagerado, com os animais de estimação, vai ao encontro de uma reportagem publicada no Informativo número 60 divulgado pelo Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo em novembro de 2015⁴⁹. Nesse texto são apresentados dados que foram coletados pelo IBGE em 2013, os números revelam que 44,3% dos lares brasileiros têm pelo menos um cachorro, número maior do que o de crianças por residências. Essa mesma

⁴⁹ Informação encontradas no site: <http://www.crmvsp.gov.br/informativos/Informativo%20-%202060%20-%20Web.pdf>. Acessado em 08 de abril de 2018.

reportagem faz referência à forma humanizada como esses animais são tratados. Os *pets* são considerados membros das famílias, inclusive sendo chamados de filhos e, em alguns casos, ganhando até festas de aniversário.

6.2.2.2 #VAMOSALAPLAYA

Já a classificação #vamosalaplaya apresenta somente quatro fotos, todas retratam, em plano geral e com a máquina na posição paisagem a beira de uma praia onde se pode observar ao fundo, pessoas, cadeiras de praia e guarda-sóis.

Figura 34 – Foto de uma praia.



Fonte – Imagem salva do celular de Eduarda (2015).

A partir dos registros imagéticos de Eduarda foi possível evidenciar uma adolescente vaidosa e divertida, erotizada e brincalhona, adultizada e moleca. Assim, ao conhecermos a forma como a estudante se mostra, temos indícios da forma como a aluna vive a sua vida ao lado das pessoas que ama.

6.3 OS ARQUIVOS VISUAIS DE LORENZO

Para dar conta do universo visual presente no celular do Lorenzo, observei atentamente cada uma das 470 imagens salvas pelo aluno e, a partir das recorrências que se fizeram presentes nesses textos visuais criei algumas categorias específicas para analisá-los.

Lorenzo é um jovem vaidoso, extrovertido e bastante comunicativo, além disso, tem ótima relação com seus colegas de turma. Sua forma descontraída de se

relacionar também pode ser observada na grande variedade de imagens que mantêm armazenadas em seu aparelho celular, sendo, muitas dessas, despojadas e divertidas. Para que o leitor possa vislumbrar essas imagens, apresento-as a partir das categorias criadas.

Categorias gerais: 1) Fotos de pessoas, 2) Outras imagens 3) Fotos que não retratam pessoas. Dessas, a que apresentou maior número de fotos foi a “Fotos de pessoas”. E a “Fotos que não retratam pessoas”, é a classificação geral com a menor quantidade de fotos, entre as três.

6.3.1 FOTOS DE PESSOAS

A primeira categorização, “Fotos de pessoas” foi a mais presente nas imagens salvas no celular de Lorenzo, totalizando 371 imagens. Nessa classificação estão incluídas as fotos do aluno sozinho, fotos do jovem com seus amigos ou familiares, fotos só dos familiares e fotos de seus amigos e namorada. Algumas das imagens mostram somente parte de seus corpos e muitas retratam o estudante sozinho fotografando a si próprio, as populares selfies.

Categorias específicas que surgiram da classificação geral “Fotos de pessoas”, essas categorizações foram organizadas de acordo com a frequência de aparição de cada uma dessas especificidades, assim, em ordem decrescente apresento as especificidades mais recorrentes na categoria geral, #soumaiseu, #osmeus, #fotoscomosparça e #euemdetalhes.

6.3.1.1 #SOUMAISEU

Passo agora a pensar sobre cada uma dessas categorias específicas que se mostraram presentes nas fotos do Lorenzo. Sendo as selfies a especificidade mais presente, torna-se necessário apresentar alguns exemplares aqui.

Figura 35 – Selfie de Lorenzo na frente do espelho.



Fonte - Fotografia salva do celular do aluno (2016).

A primeira selfie que apresento mostra o aluno sem camisa. Nessa imagem, o estudante está no banheiro de sua casa, na frente do espelho, com seu celular na mão. Ele está de tênis, veste somente uma calça jeans e deixa aparente parte de sua roupa íntima. Como adereço usa dois colares e uma pulseira. Também é possível perceber que o estudante edita sua foto e modifica as duas laterais da mesma.

Das 371 fotos classificadas por mim como “Fotos de pessoas” 174 eu incluí na especificidade #selfies e dessas em 66 o adolescente se mostra sem camisa, como no exemplo acima. Todas as suas fotos são tiradas com a câmera na posição retrato, com o celular na posição vertical, ideal para as selfies. E em quase todas, o aluno se mostra de corpo inteiro, em plano geral ou da cintura para cima, em plano médio.

O cenário escolhido pelo aluno não causa estranhamento, uma vez que, é bastante comum as selfies serem realizadas na intimidade do banheiro e na frente do espelho. O que merece ser comentado é um certo descuido com o cenário, o pano de fundo da imagem. Nessa foto do aluno pode-se perceber que a presença do cesto de lixo e do cesto de roupa suja não parece ser problema para Lorenzo, já que utiliza esse mesmo lugar para a realização de selfies distintas.

Essa despreocupação do aluno com o cenário deixa ainda mais evidente o destaque que quer dar ao primeiro plano da foto, sua própria imagem. Algo não muito diferente das imagens que circulam na rede.

Escrevendo sobre essa foto do estudante lembrei-me de um meme⁵⁰ que circulou pelo *Facebook*, claro, respeitando sempre as devidas proporções. Nessa imagem aparece uma jovem tirando uma selfie na frente do espelho, algo muito comum nas redes e nos registros visuais dos três adolescentes participantes da pesquisa. A diferença está nas inscrições acrescentadas a essa foto: “Iphone: R\$ 4.600” na parte superior ao centro da imagem e na parte inferior “dava para rebocar esse quarto, pintar, colocar piso, central de ar e comprar um galax”, que chamam atenção para o cenário onde a foto foi realizada, o que parece ser um quarto, sem reboco na parede e sem piso. Assim, nesse meme, o valor de um *Iphone* é comparado ao gasto que a jovem, aproximadamente, teria de investir para arrumar a parede e colocar piso no quarto, o cenário da imagem.

Mesmo sabendo que esse meme foi criado para gerar alguns instantes de descontração e riso põe em evidência algo bastante recorrente nas imagens produzidas pelos adolescentes, o demasiado destaque dado para a própria imagem. Fazendo com que invistam em celulares cada vez mais caros devido à qualidade de sua câmera, algo que foi comprovado nas entrevistas individuais que realizei com as duas meninas, Estela e Eduarda, afirmaram que compram um novo celular levando em consideração a qualidade de sua câmera. Assim, pode-se inferir, que quando acreditam que estão “bem na foto”, o cenário é o que menos importa.

⁵⁰ Na sequência da análise das imagens presentes no celular de Lorenzo falarei mais a respeito dos memes.

Figura 36 – Meme da internet.



Fonte - imagem salva da internet (2018)⁵¹.

Ainda em relação a selfie sem camisa postada pelo adolescente pode-se perceber o quanto ele é vaidoso, primeiro por fotografar-se sem camisa e também pelos adornos que utiliza, pulseira e colares. A forma como o aluno dá destaque ao seu dorso evidencia sua aceitação para o próprio físico, e as joias que utiliza reiteram a sua vaidade. O jovem não tem problema de afirmar que se preocupa com a própria aparência. Em uma de nossas conversas ele me mostrou as luzes que havia feito nos cabelos e afirmou entusiasmado e seguro, “Sou metrossexual⁵² ‘sora’ [professora]”.

Nas selfies de Lorenzo além de ser facilmente percebida a sua vaidade, é possível notar a forma descontraída e divertida com a qual o estudante retrata sua vida através das imagens, tendo em vista o número significativo de fotos nas quais se mostra fazendo careta, 62. Desse total, as mais recorrentes são do aluno fazendo “biquinho” ou *duck face*⁵³ em 28 imagens e mostrando a língua em 18.

O adolescente acrescentou inscrições em 15 de suas fotos, todas acompanhadas de emojis⁵⁴. Trago duas dessas como modelos, na primeira imagem vemos o aluno fazendo biquinho, sem camisa e usando um boné com a aba virada para trás, na parte inferior da imagem está escrito “Flexfit”, seguido de duas consoantes K e S que se repetem para representar uma risada. “Flexfit”, essa

⁵¹ Imagem disponível no site: <https://me.me/i/iphone-rs4600-dava-pra-rebocar-esse-quarto-pintar-colocar-piso-535039>. Acessado em: 11 jun de 2018.

⁵² De acordo com Mittal, Holbrook e Beatty, os metrossexuais são “homens urbanos que têm um forte senso estético e que gastam muito tempo e dinheiro com sua aparência e estilo de vida” (2008, p.411).

⁵³ No próximo capítulo trago mais informações a respeito dessa expressão facial.

⁵⁴ Falarei a respeito dos emojis no próximo capítulo.

denominação faz referência a um estilo de boné feito com material elástico sem a necessidade de ter o ajuste na sua parte traseira⁵⁵, provavelmente é desse estilo o boné que está sendo usado pelo aluno na foto. A inscrição e os *emojis* dão um ar descontraído e engraçado para o registro.

Figura 37 – Selfie de Lorenzo.



Fonte – Imagem salva do celular do aluno (2016).

A segunda foto mostra o adolescente usando boné, agora com a aba para frente. Ele está, novamente, sem camisa e usa um colar, na parte inferior da imagem acrescentou a expressão “Jet de nave” e dois emojis. A expressão além de ser o título de uma música do funkeiro MC Pikneis é a junção de duas gírias bastante comuns entre os apreciadores desse estilo musical, jet = dar um rolé e nave = carro de luxo⁵⁶.

⁵⁵ Informações encontradas no site: <https://www.Webartigos.com/artigos/historia-dos-bones-snapback-strapbacks-e-flexfit/126350/>. Acessado em 10 de abril de 2018.

⁵⁶ Dados obtidos no site: <http://www.funk.blog.br/2013/11/girias-de-funkeiros-e-seus-significados.html>. Acessado em 10 de abril de 2018.

Figura 38 – Selfie de Lorenzo sem camisa.



Fonte – registro salvo do celular de estudante (2016).

Essas duas imagens com inscrição comprovam aspectos da personalidade do adolescente. Fazem referência a um acessório muito usado pelo adolescente, o boné e reiteram o sua preferência pela música *funk*.

Segundo Leonardo Pastor e André Lemos (2018), com as redes sociais que dão especial destaque para as imagens fotográficas, o que temos nos dias de hoje são espaços ampliados de socialização através da produção, estocagem e circulação de diferentes imagens. Para os autores (PASTOR, LEMOS, 2018, p.25), o ato de tirar uma foto e compartilhá-la, se coloca como uma prática conversacional de dados. Nas suas palavras:

[...] essas imagens se inserem em uma ampla rede de sociabilidade voltada para uma comunicação desenvolvida como produção de diversos metatextos que passam a compor a própria fotografia. Dessa forma, o uso das hashtags e legendas, por exemplo, indica um direcionamento expressivo, a confirmação do caráter comunicativo da prática fotográfica contemporânea, apontando para uma maior atenção à explicitação dos sentimentos de forma direta e inequívoca.

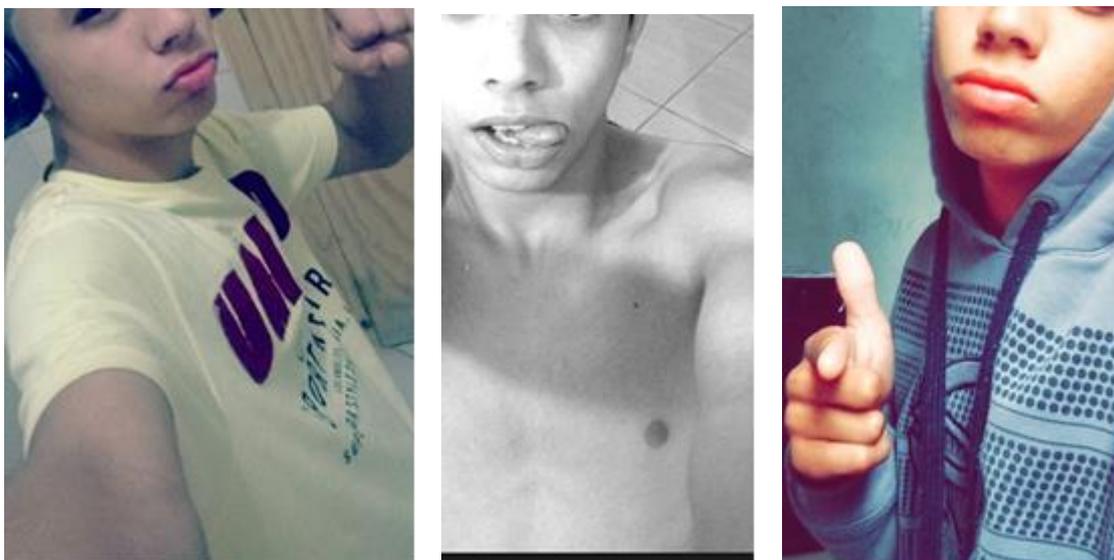
Nas fotos do Lorenzo, o uso desses metatextos, se dá a partir das legendas que acrescentou em algumas de suas fotos e do acréscimo de *emojis* nas mesmas. Conforme os autores as legendas e os desenhos engraçados que são escolhidos para compor a imagem evidenciam o caráter comunicativo das fotos na

contemporaneidade. Os autores fazem referência as fotos publicadas por um grupo de pessoas no *Instagram*, no entanto, suas ponderações, sem quaisquer prejuízos, podem ser direcionadas para as fotos produzidas e publicas pelo adolescentes na rede.

Em 48 das suas selfies sozinho, ele segura o celular com uma das mãos e com a outra faz algum gesto como, por exemplo, mostra uma das mãos fechada como se simulasse um soco em seis das fotos, em outras seis aponta o dedo indicador para o aparato e levanta o polegar, lembrando o desenho de uma arma, ou, ainda, mostra os dedos polegar e mínimo formando o símbolo denominado *hang loose*. Esse gesto surge originariamente com os surfistas norte-americanos na década de oitenta e é utilizado de maneira informal para dizer que se “está de boa”, “na paz”, ou “tranquilo”. Esse foi o gesto mais presente nas fotos de Lorenzo, ele apareceu em 26 das suas fotos.

Nas fotos nas quais simula socos ou armas, apresentam uma conotação diferente do que já havia sido discutido até esse ponto do texto, já que até esse momento dei destaque à vaidade do aluno e a sua preocupação com a aparência, questões socialmente atribuídas ao universo feminino. Já nas fotos em que simula socos ou armas, respeitando as devidas proporções, pode-se pensar que o aluno incita a violência, uma questão social que historicamente é relacionada à masculinidade.

Figuras 39, 40 e 41 – Selfies de Lorenzo.



Fonte - Imagens salvas do celular do adolescente (2016).

A masculinidade hegemônica sempre esteve associada ao poder, à dominação e à violência. Diferente da feminilidade que remete à submissão, à afetividade e à vaidade. Conforme Robert Connell (1995, p. 189-190):

Existe uma narrativa convencional sobre como as masculinidades são construídas. Nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto.

Connell (1995) também explicita a origem da pressão social que visa distanciar homens de mulheres, de acordo com autor a imposição dessa norma vem, principalmente, das famílias, da mídia e da escola. Frente a essa realidade, muitos rapazes internalizam essa regra social e adotam maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, repetidamente, a repressão de seus sentimentos.

Ao analisar as fotos de Lorenzo, pode-se inferir que a forma como o aluno se mostra, em certa medida, borra a fronteira socialmente estabelecida em relação ao comportamento dos homens. Tendo em vista que seus registros imagéticos evidenciam, concomitantemente, um jovem amigável, vaidoso e viril. A discussão referente às questões de gênero não é o interesse principal desse texto, por isso não será aprofundada aqui. Apresentei brevemente essas questões com o interesse de analisar e categorizar as fotos do estudante.

Ainda dentro da categoria específica #selfie, também chamou atenção a quantidade de fotos do estudante acompanhado, totalizando 56 fotos. Nessas, 19 são do estudante com seus familiares e em 37 está com amigos, principalmente colegas de escola. Estar com seus pares é algo muito importante para os jovens, constatação que pode ser comprovada nas fotos dos três adolescentes, já que em muitas delas eles aparecem com grupos de amigos, no shopping, na praia, em festas ou na escola. De acordo com Carles Feixa (2006), a escola além de oferecer a cultura acadêmica é um espaço de sociabilidade, já que esse lugar possibilita aos jovens momentos para estarem juntos.

Em consonância com o pensamento do autor, Michel Maffesoli (1998) afirma que os jovens buscam a todo momento o prazer de estar junto. Nessa perspectiva, as “banalidades” do cotidiano como ir para a escola e as atividades em grupo constituem

a base para a construção da realidade, assim, o dia a dia é o que fundamenta as maneiras de ser jovem.

6.3.1.2 #FOTOSCOMMEUSPARÇA

Nos registros imagéticos de Lorenzo também estão presente fotos em que o jovem aparece, #fotoscommeusparça, mas que não foram clicadas por ele. Nesses 18 registros, 12 fotos são do aluno com seus familiares e seis com a sua namorada.

6.3.1.3 #FOTOSDOSMEUS

Nas fotos nas quais o estudante não está retratado, que nomeei pela *hashtag*, #fotosdosmeus, as mais recorrentes foram fotos de seus colegas de escola e familiares. Sessenta e sete registros são imagens de seus colegas e trinta e cinco de seus familiares. Nas fotos da sua família 24 são somente de sua mãe, inclusive selfies, em 13 desses registros.

O adolescente também carregava consigo, salvas em seu celular 23 fotos da sua namorada. Ter as fotos salvas facilita seu acesso e dá a sensação de proximidade com as pessoas que estão imortalizadas nessas imagens. Quando questionei o aluno sobre o porquê de manter essas fotos salvas ele afirmou que gosta de tê-las para quando sentir saudades poder olhá-las e assim se sentir mais perto das pessoas retratadas. E, comentou ainda, que ter essas fotos ao alcance das mãos e dos olhos ajuda a lembrá-lo dos momentos vividos juntamente com as pessoas que ama.

Felizardo e Samain (2007) afirmam que a fotografia é uma forma rápida e objetiva de eternizar as memórias. Segundo os autores, nesses registros imagéticos o espaço e o tempo são inseparáveis, são marcas permanentes na sua construção e de fundamental importância para sua rememoração. Nessa direção, Boris Kossoy (2007, p. 42) ressalta a instantaneidade do acontecimento e a potência da fotografia como memória, nas palavras do autor:

O fato se dilui no instante em que é registrado: o fato é efêmero, sua memória, contudo, permanece – pela fotografia. São os documentos fotográficos que agora prevalecem; nele vemos algo que fisicamente não é tangível; é a dimensão da representação: uma experiência ambígua que envolve os receptores, pois, dependendo do objeto retratado, desliza entre a informação e a emoção.

Jacques Le Goff (2003) corrobora com os autores e chama atenção para o fato de a fotografia democratizar a memória e dar a ela uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo, dessa forma, guardar a memória do tempo. Assim, para guardarem na memória lembranças de momentos felizes que passaram com a sua família e amigos, Lorenzo, Eduarda e Estrela carregam consigo fotos que os retratam.

Essa estreita relação entre as imagens fotográficas e as memórias lembrou-me de um texto produzido por dois alunos do 8º ano a partir de uma atividade desenvolvida por mim durante uma de nossas aulas de Artes. A proposta era que eles trouxessem de casa três fotografias para que construíssem, em pequenos grupos, narrativas visuais. Primeiro, as fotos foram espalhadas nas mesas para que todos os estudantes pudessem conhecer a variedade das fotos. Depois cada grupo selecionava três ou quatro fotos e a partir dessas tinham de escrever uma narrativa e apresentá-la para os colegas, juntamente com as fotos escolhidas. Pois bem, uma dessas narrativas, de forma bastante poética, falou do poder que as imagens têm para guardar lembranças e a possibilidades de rememorar-las ao olharmos novamente para esses registros. Peço licença aos leitores da tese, para reproduzir o texto “Fluxo sentimentos” (SIQUEIRA e MASTRANGELO, 2016) aqui:

Uma câmera fotográfica é quase a mesma coisa que uma máquina do tempo. Cada imagem, cada momento, cada sentimento, fica gravado, dando a você, a chave para voltar e reviver tudo aquilo que não volta mais. Às vezes, no Natal a melhor coisa que pode existir é uma imagem, onde você vai olhar e lembrar de todas as emoções que estavam bem ali, que você estava sentindo, todo, aquele fluxo de sentimentos. Lembrar de pessoas que você pode nunca mais ver, de todos reunidos e rindo. De tudo o que vai acontecer, novamente, exatamente como foi da última vez. Mas você, sempre vai se emocionar da mesma maneira. Ou até mesmo, alguém tão pequeno ainda, fazendo algo tão simples como, sentar na frente de casa com um vestido marcante, pode se tornar um dos momentos mais incríveis que você vai ver. E que com certeza vai querer revivê-los. Sempre, não importa o que você faça, vai haver algum momento em que você gostaria de viver só nele por uma eternidade. O antes, o depois, o agora, os minutos. De alguma maneira, isso pode se tornar real, mesmas roupas, posição, atos, ações... E talvez você consiga sentir o mesmo sentimento, a mesma emoção, duas vezes.

A primeira vez que ouvi esse texto não contive as lágrimas. Fiquei muito emocionada ao perceber como eles conseguiram extrapolar com tamanha maestria a proposta dada. Quanta poesia, quanto sentimento que veio à tona a partir dos seus olhares atentos para fotos de seus colegas. Meu contentamento e admiração pelo trabalho apresentado foi tão grande que na mesma aula falei para eles que esse texto faria parte da minha Tese. Confesso que naquele momento não tinha a menor ideia

de como ia fazer para incorporá-lo a esse texto acadêmico. Está aí promessa cumprida, agora outras pessoas poderão compartilhar comigo dessas lindas palavras as quais evidenciam o poder das fotografias em eternizar os acontecimentos.

Esses registros imagéticos, além de serem combustível para nossas lembranças, podem dar pistas dos gostos e interesses de Lorenzo ao optar por armazená-las.

6.3.1.4 #EUEMDETALHES

#euemdetalhes são fotos de partes do corpo e fotos de parte do corpo com objetos ou alimentos. Esse grupo soma 21 fotos. Dez são de partes do corpo, especialmente alguma parte das suas pernas ou mãos, e duas são fotos de seus punhos com inscrições em caneta esferográfica azul, “Eu amo vc” e “Eu te amo (apelido da sua namorada)”. Nessas duas fotos o adolescente utiliza inscrições para reiterar o carinho que tem pela sua namorada.

Figura 42 – Foto do punho de Lorenzo.



Fonte – Imagem salva do celular do estudante (2016).

E sete fotos são de partes do corpo com comidas e bebidas. Em cinco dessas imagens ele está segurando algo para comer, uma caixa de bombom, um prato de sopa e uma pizza, em três dos registros. Em outra foto ele aparece segurando um copo servido com refrigerante e gelo e sobre sua perna vemos um controle remoto de videogame, nessa imagem ele acrescenta a inscrição “Só de boa em casa jogando

Xbox” e três emojis, em algumas de suas selfies também apareceram esse tipo de metatextos (PASTOR e LEMOS, 2018), os quais foram problematizados no início da análise de suas imagens. Na última foto dessa classificação, apoiada em suas pernas observa-se uma garrafa *long neck* de cerveja e um pacote de bolacha recheada.

Figuras 43 e 44 – Fotos de Lorenzo segurando um copo com refrigerante e com um controle remoto sobre suas pernas e foto segurando uma garrafa de cerveja e com um pacote de bolacha recheada sobre a sua perna, respectivamente.



Fonte - Imagens salvas do celular de Lorenzo (2016).

Nessas imagens, me parece que o comportamento do adolescente oscila entre o universo adulto e o infantil. Em algumas das fotos, ele mostra ter maturidade suficiente para namorar e tomar cerveja em outras parece infantil ao comer guloseimas, tomar refrigerante e jogar videogame. Obviamente tenho consciência que essas classificações a respeito da adultez e da infância são exageradas, caricaturadas. Tendo em vista que na atualidade a fronteira entre o mundo adulto e infantil está difusa, diluída. Maclovia da Silva e Milton Magnabosco observam que atualmente “Crianças e adolescentes cada vez mais adultizados e adultos cada vez mais infantilizados [...]” (SILVA e MAGNABOSCO, 2005, p.4). Dessa forma, a linha que separa uma idade da outra se torna cada vez mais invisível. Assim, não é de se estranhar que o mesmo adolescente que aparece segurando uma cerveja e se declarando para a sua namorada, se mostre jogando videogame e comendo bolachas recheadas.

6.3.2 OUTRAS IMAGENS

Para a classificação geral, “Outras imagens” o total foram de 95 registros. Para esse grupo, criei quatro classificações específicas e as apresentarei agora na ordem de suas recorrências da mais presente para a menos frequente. São elas: #sonhodeconsumo, #memes, #pelarede e #batepapo.

6.3.2.1 #SONHODECONSUMO

#sonhodeconsumo, esse grupo de imagens totalizou 41 imagens salvas da internet que não retratam pessoas. A maior recorrência foi de imagens de carros, em 17, e fotos de motos em nove registros. Interessante essa constatação, tendo em vista que esse dado reforça algo que já foi observado nas selfies do adolescente, a reiteração do estereótipo de uma masculinidade hegemônica, já que é socialmente comum, restringir aos homens o interesse aos carros e, principalmente, as motos. Além disso, culturalmente as mulheres são consideradas motoristas ruins e pouco aventureiras. Comportamento esperando para alguém que pilote uma moto, um homem, por exemplo.

6.3.2.2 #MEMES

Já os #memes foram a segunda classificação mais presente. Eles apareceram em 27 imagens salvas por Lorenzo. Mas afinal, o que são memes? Na internet esse termo é utilizado para descrever uma ideia que se espalha pelos usuários principalmente pelas redes sociais. O meme pode ter a forma de um vídeo, de uma imagem, expressões ou frases e pode ser reutilizado, sem restrições. Segundo Coelho e Martins “O conceito de meme foi emprestado dos estudos da genética e aplicado às ciências sociais: psicologia, filosofia, antropologia e linguística como replicadores de informação e partículas virais com alto poder de reprodutibilidade” (2017, p.951). Com esse potencial para se propagar, o meme é hoje parte da cultura digital e depende da ação participativa dos internautas para se replicar. Santaella (2007) chama atenção para o caráter efêmero dessas imagens e afirma que enviadas pelas redes, elas podem ocupar diferentes lugares ao mesmo tempo, assim, o usuário não precisa buscá-las, elas vão até ele.

Conforme Edméa Santos, Raquel Colacique e Felipe Carvalho os memes são formas de narrar o cotidiano por meio do humor, tendo em vista que “ao conceber imageticamente aspectos da realidade, trazem em seu viés cômico elementos para que a imaginação recrie/reinterprete a realidade por ele representada” (2016, p.138). Todos os quatro memes que apresento nesse texto apresentam discussões do cotidiano. Os dois primeiros colocam em evidencia os relacionamentos amorosos, o terceiro comparado ao uso de drogas com a diversão proporcionada ao pilotar um moto. E no último o humor se dá de forma mais evidente, principalmente a partir do trocadilho entre as palavras super-herói e supermercado. Trago agora quatro dos memes que estavam presentes no celular de Lorenzo.

Figuras 35 e 36 – Memes da internet.



Fonte - Imagens salvas do celular de Lorenzo (2016).

Figuras 37 e 38 – Memes da internet.



Fonte – Imagens salvas do celular de Lorenzo (2016).

Os dois primeiros memes apresentados acima fazem referência a relacionamentos afetivos. O primeiro mostra fotos comparativas, estilo antes e depois, do ator Taylor Lautner que ficou mundialmente conhecido após interpretar o lobisomem Jacob Black nos filmes da Saga Crepúsculo (2008-2012). Para dar vida a esse personagem o astro de Hollywood mantinha seu corpo em forma e os músculos bem definidos, físico que colocou o jovem na lista dos “50 homens mais sexy de 2010” criada pela revista *Glamour*⁵⁷. Após ganhar alguns quilos, apareceu com um visual bem diferente do que os fãs estavam acostumados. Os quilos a mais do ator renderam diferentes memes nas redes sociais. Esse salvo por Lorenzo, tem como tema o fim de um relacionamento, esse término teve como consequência a depressão e o ganho de peso de uma das partes. Na parte inferior da imagem, remetendo ao personagem vivido pelo ator, um lobisomem, aparece duas imagens de um lobo, assim como foi

⁵⁷ Informação disponível na página: <http://www.glamourmagazine.co.uk/gallery/50-sexiest-men-2010-results#!image-number=50>. Acessada em 10 de abril de 2018.

feito com a imagem do artista, a segunda imagem mostra o animal com mais peso que na imagem anterior.

Em contrapartida, o segundo meme apresenta o lado bom da relação a dois, encontrar o par ideal. Com um trecho da letra da música “Não vá embora” (2000) da cantora brasileira Marisa Monte, “E no meio de tanta gente eu encontrei vocês, Entre tanta gente chata sem nenhuma graça, você veio”. Sabendo que no período de coleta das imagens o estudante estava namorando, pode-se pensar que assuntos referentes ao fim ou ao sucesso dos relacionamentos eram instigantes para o adolescentes.

O terceiro meme reitera o interesse do adolescente pelas motos, algo que ficou evidente na análise das arquivos visuais presentes nas classificações #sonhosdeconsumo e #pelarede, com nove e dez imagens de motos, respectivamente.

O quarto e último se destaca pelo humor, algo bem comum em imagens desse tipo. O humor se dá por dois motivos, primeiro ao utilizar duas fotos de um gato branco filhote. Na primeira imagem o animal parece estar atento e tranquilo ao olhar do seu interlocutor, e, na imagem seguinte, aparece de olhos entreabertos e com a boca bem aberta como se desse uma boa gargalhada. O que também reitera o caráter engraçado desse meme é o jogo de palavras, super-herói e supermercado que mencionei alguns parágrafos acima.

6.3.2.3 #PELAREDE

Já a classificação específica #pelarede, somou 17 registros imagéticos, desses 10 são de pessoas andando ou sentadas em uma moto. Em sete dessas imagens são apresentados homens sendo os pilotos, somente em uma delas pode-se observar que é uma mulher quem pilota a moto, para tanto ela está bem amparada de seu companheiro, de mãos dadas.

Figura 49 – Imagem salva da internet.



Fonte - Imagem salva do celular de Lorenzo (2016).

Nas outras duas imagens que aparecem mulheres e motos, as mulheres estão somente sentadas nas motos paradas enquanto são galanteadas por um homem.

Figura 50 – Imagem salva da internet.



Fonte - Imagem salva do celular de Lorenzo (2016).

6.3.2.4 #BATEPAPO

#batepapo, nesse grupo estão presentes algumas conversas salvas do aplicativo *WhatsApp* totalizando nove imagens. Nessas estão presentes trocas de mensagens com sua namorada ou com amigos utilizando o referido aplicativo. Atualmente esse aplicativo é muito utilizada pelos estudantes para se comunicarem, eles pouco usam seus aparelhos celulares para fazer ligações.

Na análise dos questionários respondidos pelos alunos, foi possível perceber que o principal uso que fazem do aparelho celular é de se comunicarem utilizando o *WhatsApp*. O sucesso desse aplicativo está nas diferentes formas de comunicação que ele oportuniza, além das ligações de áudio e vídeo, os adolescentes podem trocar mensagens de áudio e texto, como também utilizam muito os *emojis* disponíveis no dispositivo.

O aparelho celular é muito importante para os jovens e, por isso, deve estar sempre ao alcance das mãos, mesmo quando os jovens estão indo dormir. Acordar para responder mensagens e registrar o cotidiano com imagens é trivial na vida dos estudantes em geral, e, para Lorenzo, Eduarda e Estela, em especial. Frente a essa constatação, ter acesso às fotos dos alunos além de me permitir conhecê-los melhor, me deu pistas sobre os seus comportamentos e sobre a forma como eles retratam a própria imagem.

Nas fotos de Lorenzo, a categorização mais presente foi a “Fotos de pessoas” com 371 registros, desses 118 eu incluí na categoria específica #selfies, dentre essas,

63 são do estudante sem camisa. Com a análise dessas imagens, foi possível perceber que ao mesmo momento que o aluno se mostra um adolescente vaidoso e despachado reitera uma masculinidade hegemônica e viril. Essa ambiguidade também pode ser observada em suas fotos no momento em que interesses adultos e infantis fizeram-se presentes de forma concomitante.

Também foi possível observar, nas categorias específicas #osmeus e #fotoscomoparças diferentes momentos em família, especialmente com a sua mãe e momentos divertidos com grupos de amigos na escola, principalmente com sua namorada. Mostrando-se um jovem apegado à sua família, um namorado carinhoso e um amigo presente, que mantém fotos das pessoas que ama salvas e as carrega consigo para mantê-las por perto e para preservar as memórias dos momentos vividos.

Na categorização geral “Outras imagens” ficou evidente o espírito aventureiro do estudante a partir de muitas imagens retratando carros e motos velozes. Os memes que mantém salvos, além de fazerem referência a temáticas do cotidiano, como o sucesso ou o término de relacionamentos amorosos, são engraçados e podem ser comparados à forma descontraída e divertida que o adolescente vive seu dia a dia.

6.3.3 FOTOS QUE NÃO RETRATAM PESSOAS

As 52 fotos presentes nessa classificação foram tão diversificadas que não foi possível identificar recorrências e criar *hashtags* para categorizá-las. Nesse grupo estão presentes, imagens de celulares, de carros, de bicicletas, de ventiladores, de ar condicionado, de papel higiênico, de comidas, de talheres, enfim, a listagem dos registros ocuparia mais algumas linhas, como nenhuma reiteração se fez presente não irei problematizá-las.

Antes de finalizar esse capítulo, é importante eu mencionar que em setembro do ano passado apresentei na ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas), em Campinas parte dessa análise e da categorização das fotos presentes no celular de um dos adolescentes, o Lorenzo. Após a explanação dos dados analisados até aquele momento, uma das professoras que presenciou a minha fala, mostrou-se provocada pelo título do trabalho “Tuas fotos te apresentam? os registros imagéticos de um jovem estudante”, e indagou-me, “E o adolescente, você acha que ele pensa que as fotos que produz o apresentam?”. Respondi,

primeiramente, que não havia feito essa pergunta para o adolescente e que os dados apresentados diziam respeito as minhas impressões em relação às fotos armazenadas por Lorenzo. Além disso, complementei a minha resposta afirmando que sim, que as imagens armazenadas por Lorenzo dizem muito sobre ele já que evidenciavam um adolescente carismático, amigo, carinhoso, companheiro e bastante ligado a sua família. Que gosta de ouvir músicas funk e que tem interesse em carros e motos velozes. Comportamento e gostos facilmente comprovados por qualquer pessoa que conhecê-lo.

Meu argumento naquele momento foi suficiente para responder ao questionamento da professora, no entanto a sua indagação acompanhou meus pensamentos até o retorno para casa. De volta a Porto Alegre e retomando a análise dos dados pensei que seria importante para a pesquisa que eu fizesse mais essa pergunta para os três estudantes. Com esse intuito entrei em contato com os adolescentes e devolvi essa questão para eles: “Tuas fotos te representam?”. As duas meninas afirmaram que sim, que ao ter acesso às suas fotos quaisquer pessoas teriam elementos para saber mais sobre elas e conseqüentemente as conheceriam melhor. Nas palavras de Estela. “Eu acho que quando as pessoas olham as minhas fotos elas imaginam que eu sou uma pessoa vaidosa, porque eu só costumo tirar fotos com make, ah, e eu sou vaidosa mesmo, kkk.” Nessa mesma direção, Eduarda afirmou que as fotos que publica, contam um pouco sobre ela, “Eu acho que me representam sim, pq eu posto somente as que eu gosto muito com as roupas que eu gosto, eu acho que quem olha pensa que sou vulgar pq sou mesmo, mais é meu jeito então é isso kkk”.

Já Lorenzo, diferentemente da minha constatação em relação a análise de seus arquivos visuais, acredita que as suas fotos não o representam, segundo o aluno os seus registros ajudam a lembrá-lo dos momentos vividos, “Minhas fotos são momentos bons que eu passei para que eu possa lembrar.” No entanto, reitero que dentre os três adolescentes, são os registros visuais de Lorenzo que mais dão pistas a respeito de seus gostos, interesses e anseios.

Encerro esse capítulo apresentado e justificando a existência do próximo, “Curte que eu chamo: as publicações imagéticas no *Facebook* e as interações com os amigos”. Sendo o site de relacionamentos *Facebook* destino de muitas das fotos produzidas, editadas e armazenadas pelos adolescentes apresentarei e problematizarei algumas das postagens imagéticas realizadas por Estela no referido

site. Escolhi somente acompanhar as publicações de um dos alunos para que a análise desse material fosse viável, tendo em vista a grande demanda visual nas publicações dos adolescentes, o que também é evidente na página pessoal da Estela. Acredito que a análise desses dados servirá como amostragem para pensar nas intenções e interesses dos jovens estudantes a partir das fotos que publicam em seus perfis virtuais na internet.

7 CURTE QUE EU CHAMO: AS PUBLICAÇÕES IMAGÉTICAS NO FACEBOOK E AS INTERAÇÕES COM OS AMIGOS

Esse capítulo dará ênfase às publicações imagéticas realizadas por Estela na rede social Facebook⁵⁸, como também, farei referência a alguns trechos das conversas que tive com a aluna e seus colegas sobre as suas publicações no referido site. Além disso, utilizarei algumas produções contemporâneas audiovisuais para pensar na relação dos adolescentes canoenses com as redes sociais.

Utilizarei algumas das fotos publicadas pela estudante para pensar sobre as postagens dos adolescentes na *Web*. Já a seleção do site Facebook foi devido à sua popularidade entre os estudantes da escola, sendo o site mais acessado por eles. Nesse site de relacionamento os adolescentes compartilham publicações, expressam pensamentos, interagem com seus amigos e disponibilizam fotos frequentemente.

No entanto, o que chama atenção é a forma como os estudantes de maneira geral, e a Estela, especificamente, estimula a participação de seus amigos em suas postagem. Constatação essa que nos possibilita inferir a importância que os jovens dão para a opinião dos amigos virtuais. Segundo Dayrell (2007), a turma de amigos é referência na trajetória da juventude: é com essa turma com quem fazem os programas, conversam e buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, inventando um 'eu' e um 'nós' diferentes.

Essa ansiedade pela interlocução de seus parceiros fica evidenciada a partir de algumas das frases publicadas pela aluna em sua página pessoal: "Curte, que eu chamo", "Se gosta de mim, dá um ame!", "Vai curtindo se eu te mencionar é pq tu é importante para mim", "Comenta 'diz aí' que eu falo o que acho sobre ti". Tais frases

⁵⁸ Criado em 2004 por um grupo de estudantes universitário de Harvard (Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes), o *Facebook* é um site e serviço de rede social no qual pessoas podem se encontrar e conversar, trocar imagens e informações, primeiramente essa rede virtual de amigos foi pensada pelos estudantes de Harvard, para os próprios estudantes dessa Universidade. Com a expansão da rede o site tornou-se mundial, em 2012 o *Facebook* ultrapassou a marca de 1.060 milhões de usuário. Qualquer usuário que declare ter pelo menos 13 anos pode se tornar usuário registrado do site, é comum os mais jovens mentirem a idade para poderem fazer parte dessa rede virtual. A unanimidade do site para os jovens fez com que diferentes linhas teóricas e áreas de estudo começassem a pensar criticamente sobre essa rede social. Na área da educação encontrei o livro organizado pelas professoras Cristiane Porto e Edméa Santos "*Facebook e Educação: Publicar, curtir, compartilhar (2014)*", o livro se constitui em uma coletânea de textos que procuram, dentre outras discussões, relacionar a rede social *Facebook* com a Educação e o ambiente escolar. Além disso, apresenta subsídios importantes para pensar a formação dos professores a partir das tecnologias digitais e da mobilidade ubíqua.

escritas com marcas da oralidade, evidenciam a expectativa de um retorno positivo acerca do que é postado na rede social.

Não é novidade que a opinião dos amigos é muito importante para os adolescentes. A novidade está na forma virtual que essa interlocução ocorre atualmente. Hoje, muitos adolescentes conversam mais mediados pelas tecnologias de comunicação do que pessoalmente. Eles demonstram sentirem-se mais à vontade atrás das telas do que falando olho no olho. Essa sensação de ‘proteção’ proporcionada pelas telas, principalmente a do celular, permite aos alunos expressarem-se sobre os mais diversificados assuntos, como também facilita e estimula as interações nas páginas pessoais de seus amigos.

“Pego, não pego, já peguei, tenho vontade... Solta um pontinho que eu respondo kkkk”, com essa postagem Estela quer que seus amigos respondam publicamente sobre suas paqueras e sobre o interesse de se relacionar com alguém. Conversas desse tipo são muito comuns entre adolescentes, mas com a possibilidade de comunicação em rede e em tempo real essa interação tornou-se pública. É como se, para eles, não houvesse mais segredos e nem receio de se exporem de forma demasiada. Os jovens publicam na rede seus interesses e anseios mais íntimos, publicizando o que seria da ordem do privado, do particular.

Essa mesma relação pode ser observada nas fotos que eles postam. Algo a que já fiz referência na análise das selfies produzidas pelos três estudantes, principalmente em relação a alguns dos registros da própria imagem realizados por Eduarda, nos quais ela se apresenta com roupa íntima. Os jovens frequentemente disponibilizam no Facebook fotos de si mesmos e muitas dessas fotos são realizadas na intimidade de seus lares, em seus quartos, com pouca roupa e várias delas na frente do espelho. Fontcuberta (2010) discute o fascínio do seres humanos pelos espelhos e observa que “no atual estágio de nossa civilização da imagem, os espelhos atendem à necessidade e ao anseio de nos olharmos, mas também à necessidade e ao desejo de compartilhar esse olhar”. Segundo o autor os espelhos e câmeras definem o caráter panóptico e escópico de nossa sociedade, guiada pelo prazer de olhar.

Segundo Mariane Cara (2013), os jovens passam muitas horas direcionando as energias para as atividades do universo visual nas redes. Na intensidade das experiências vividas e postadas no Facebook, o papel da imagem é intensificado e torna-se instrumento de autopromoção e subjetivação. Ao analisar a forma como as

adolescentes se mostram a partir das fotografias digitais nas redes sociais, Cara (2013) utiliza a expressão “extra-visibilidade” e afirma que as adolescentes produzem e publicam imagens muito bem trabalhadas para apresentar uma corporeidade espetacular.

Com o advento da comunicação em rede, publicizar a intimidade tornou-se comum no cotidiano dos jovens. Dar visibilidade ao universo particular é tema de discussão de Paula Sibilia desde seu livro “Show do eu: a intimidade como espetáculo (2008)”, em que analisa a forma como os jovens expõem as suas intimidades nos Blogs publicados na internet. Em 2015, no artigo “O universo doméstico na era da extimidade: nas artes, nas mídias e na internet” a autora analisa as mudanças recentes na forma como a esfera íntima é apresentada, principalmente nas redes sociais, a partir da incursão das tecnologias de comunicação e informação. De acordo com a autora (SIBILIA, 2015, P. 134):

[...] predominam agora famosas selfies, esses autorretratos cuja principal – e cada vez mais desesperada – função consiste em disputar as atenções de todos os outros, procurando dirigi-las para o próprio rosto ou umbigo. Mas a exibição do universo particular de cada um não se esgota nesses primeiros planos que tanto abundam: há também toneladas de fotos de férias em família e comemorações de aniversários ou casamentos, imagens de ultrassom que mostram o bebê ainda por nascer dentro da barriga da mãe e calorosas manifestações de todas as classes de sentimentos. À luz dessas novidades, caberia se perguntar: o que aconteceu com a velha intimidade, esse espaço outrora tão apreciado e zelosamente resguardado?

O questionamento proposto por Sibilia nos instiga a pensar sobre o que é intimidade hoje. Atualmente, os jovens passam muitas horas conectados à internet, ansiosos por novas mensagens, curtidas ou comentários em suas publicações de textos e imagens. Essas imagens são predominantemente fotos que registram passeios realizados, festas em que compareceram, diferentes momentos de lazer ou ócio com amigos e familiares, além de uma quantidade infinitamente maior de registros imagéticos que mostram os próprios adolescentes em diversificadas poses, cores e edições. Com essa gigantesca exposição da própria imagem, essas fotos, e os comentários sobre elas, que eram restritos a círculos pequenos de amigos e familiares, hoje proliferam nos perfis sociais dos jovens na internet para quem quiser ver.

Conforme Sonia Livingstone, as crianças e os jovens da era da internet estão preparados “para se despirem de corpo e alma”, eles não têm “senso de vergonha.

Nenhum senso de privacidade” (2012, p. 94). E ainda são narcisistas, falam muito sobre si e, igualmente, mostram a si mesmos nessas redes como se pedissem para serem olhados.

A enorme exposição da própria imagem na rede também é objeto de estudo dos autores Francisco Silva e Éderson Silveira (2014). Eles afirmam que uma maior visibilidade na rede para o sujeito comum o transforma em célebre anônimo ansioso por expor nas telas o que antes ocultava. Assim, a fronteira que separava o que poderia ser tornado público daquilo que era da instância privada e que precisaria ser silenciado, parece cada vez mais frágil (SILVA; SILVEIRA, 2014).

Esse desejo por ver e ser visto se dá pela grande ‘fome de realidade’ (SIBILIA, 2008) que aumenta o apetite pelo intenso consumo de vidas alheias e reais. Essa constatação também foi observada nas fotos publicadas pela estudante canoense, as quais são intimistas já que, muitas vezes, retratam a imagem da própria aluna. De maneira geral, suas selfies mostram diferentes versões dela mesma, na frente do espelho ou não, fazendo poses, caretas, “biquinhos”, ou sorrindo para o aparato buscando se comunicar com seus interlocutores/observadores.

7.1 O PERFIL DE ESTELA NO FACEBOOK

No início da coleta dos dados, Estela tinha 13 anos e cursava o 7º ano do Ensino Fundamental⁵⁹. No *Facebook* ela se apresentava como: “13 anos/ pisciana/ gremista” e, tinha 3.820 amigos. Sua foto de perfil era uma selfie, nessa imagem a aluna se mostrava séria, com os olhos entreabertos, maquiada e com os cabelos alisados. Ela estava usando um colar dourado e uma blusa justa e colorida, a foto está acompanhada da seguinte descrição “Vamos tirar onda de tudo o que rolou”⁶⁰. É importante mencionar que os jovens atualizam suas fotos do perfil frequentemente, o que não é diferente com Estela. Quando perguntei para a estudante se ela tem o

⁵⁹ A aluna frequentou a nossa escola durante os nove anos do Ensino Fundamental. Esse ano ela cursa o 1º ano do Ensino Médio, ela ainda mora nas proximidades da escola e nos visita regularmente. Ainda somos amigas no *Facebook* e atualmente ela tem 5.000 amigos virtuais e sua frase de apresentação é “De mil amores, o Grêmio”. Assim como as fotos de perfil sua apresentação no site variou bastante, por um período ela divulgou o número de seu celular. Essa exposição demasiada nos rendeu boas discussões durante as nossas aulas e fez com que a aluna retirasse seu número de contato da sua página pessoal.

⁶⁰ Essa frase é trecho da música “Vamos seguir” da banda brasileira NxZero, lançada em 2014.

hábito de trocar a foto de seu perfil seguidamente ela afirmou que sim e disse, ainda, que substitui sua foto de apresentação de cinco em cinco dias, em média. Após 21 horas da atualização do seu perfil sua nova foto foi curtida 108 vezes, 23 dos seus amigos virtuais mostraram-se encantados com sua foto e três pessoas clicaram no emoticon⁶¹, “Uau” (😲), reagindo⁶² à postagem da aluna.

Estela e eu somos amigas no referido site. Assim, acompanhei as publicações imagéticas da aluna de 13 de fevereiro de 2015 até 31 de julho de 2016. Nesse período a estudante disponibilizou para seus amigos e conhecidos 86 fotos. Dessas, 79 eram selfies, sendo que, 15 desses autorretratos virtuais são da Estela com algum dos colegas da escola, 10 retratam a estudante fora do ambiente escolar com algum amigo, 4 são da jovem com algum familiar e, principalmente, as selfies são da aluna sozinha, 13 dessas fotos não apresentam quaisquer edições e, em 37 das selfies publicadas pela estudante observa-se algum tipo de efeito na imagem como, moldura, inscrições, cortes e ajustes variados de cores. Segundo Rodrigo Fernandes e Antonio Carlos Amorim (2017, P. 181):

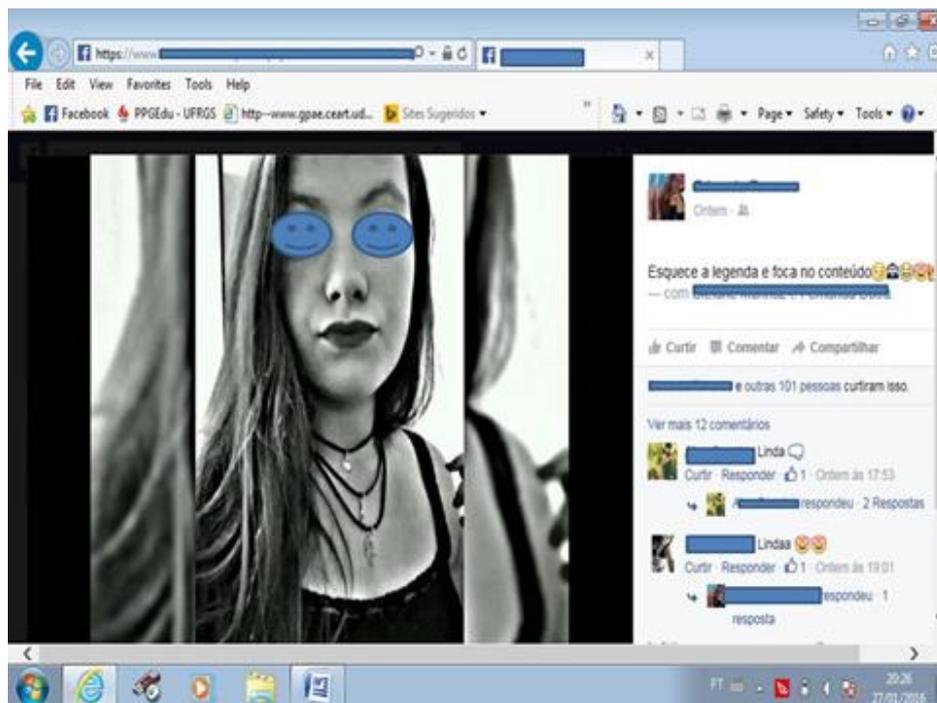
Ações “simples” como tirar uma foto, um ato em si já carregado com um extenso histórico de significações e desdobramentos desde a invenção da fotografia, parece transfigurar-se quando o clicar confunde-se com o postar e o momento capturado torna-se instantaneamente acessível a um continente de distância.

Para ilustrar esse ato repleto de sentido, analiso o tipo de foto mais recorrente nas publicações da aluna, suas selfies, a partir de três dessas imagens.

Figura 51 – PrnScr de uma postagem de Estela no *Facebook*.

⁶¹ Em inglês emotion (emoção) + icons (ícones).

⁶² Desde 24 de fevereiro de 2016 o *Facebook* acrescentou outras possibilidades de interação com as postagens e publicações. Além da opção “curtir”, os usuários podem expressar suas emoções com quatro emoticons que significam, “amei”, “haha”, “triste”, ou raiva “grrr”. Reportagem veiculada pelo site G1 “*Facebook* libera cinco novos botões alternativos ao ‘curtir’, disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/Facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html> Acessada em 07 nov 2016.

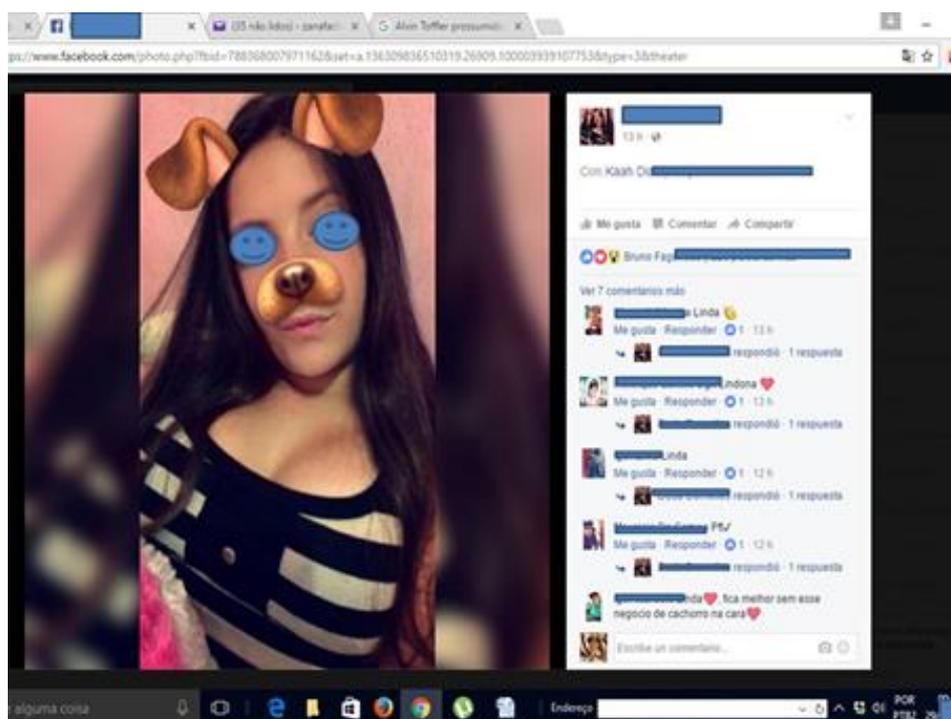


Fonte – Página pessoal da estudante no *Facebook* (2015).

Nessa foto publicada por Estela podemos perceber que a imagem foi editada previamente para a opção “preto e branco”, a aluna também colocou efeito nas duas laterais da sua foto. Como descrição para a sua imagem a estudante escreveu “Esquece a legenda e foca no conteúdo – com 11 amigos” (marcou o nome de 11 amigos). A legenda escolhida por Estela para acompanhar a sua foto nos permite inferir o seu interesse em ter a sua foto visualizada, sendo a própria aluna o “conteúdo” que deve ser “focado”.

Diego Basile e Joaquín Linne (2014) analisaram fotos produzidas e publicadas no *Facebook* pelos jovens dos setores populares da cidade de Buenos Aires. De acordo com os autores, os adolescentes experimentam com sua própria imagem e constroem sua corporeidade enquanto provam diferentes acessórios, roupas, maquiagem, gestos e utilizam programas de edição de imagem, constatações muito parecidas com as que fiz a partir das fotos da Estela. Outra publicação da estudante que selecionei para apresentar aqui também é uma foto que esteve presente em seu perfil virtual.

Figura 52 - PrntScr de uma publicação imagética no *Facebook* da aluna Estela.

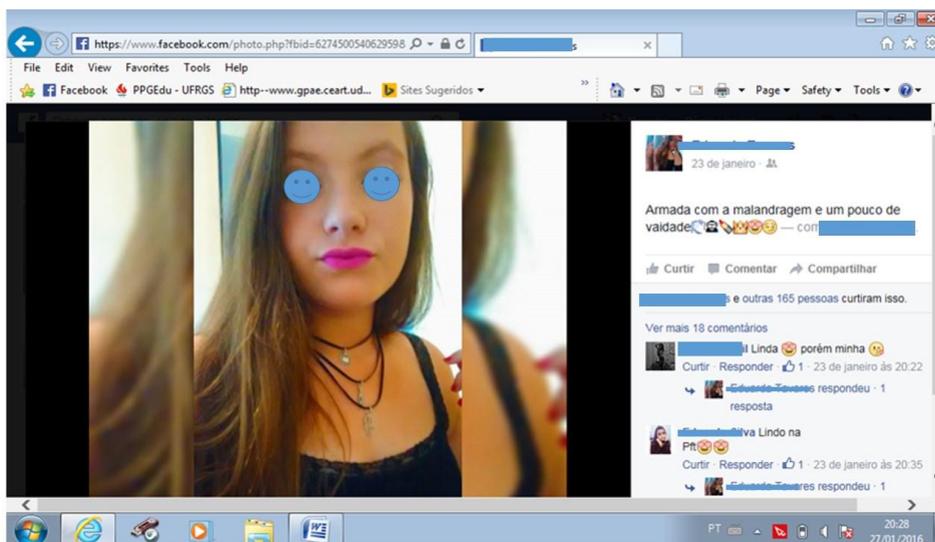


Fonte – Página pessoal da estudante no site *Facebook* (2016).

Essa foto também foi previamente editada pela jovem antes de publicá-la. As laterais da imagem foram desfocadas e em seu rosto a aluna acrescentou “orelhas” e “focinho” de cachorro, para realizar essa edição a estudante utilizou o aplicativo *Snapchat*. Estela não colocou legenda nessa imagem, somente marcou o nome de dois dos seus amigos virtuais nessa publicação.

Assim como na primeira foto, Estela mostra-se séria e faz “biquinho”, além disso, a aluna olha diretamente para a câmera o que dá para ambas imagens um ar intimista ao convocar o olhar de quem a vê. A estudante veste uma blusa listrada, justa e decotada. Nas duas fotos de Estela é possível notar sua preocupação com a aparência. Nelas a jovem está maquiada e bem penteada. Suas blusas são decotadas e coladas ao corpo, evidenciando seu colo. Na segunda imagem o destaque para a região do colo da menina fica ainda mais evidente e a mostra adultizada.

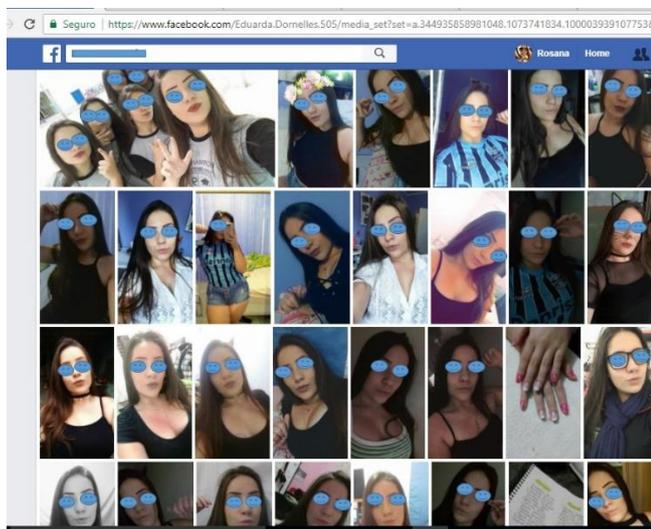
Figura 53 - PrntScr de uma publicação imagética no Facebook da aluna Estela.



Fonte – Perfil pessoal da estudante no site *Facebook* (2016).

Escolhi apresentar essa imagem da estudante para fazer referência a algo bastante comum nas fotos dos jovens, a semelhança entre as fotos que registram a si próprios. Fato que faz com que seja difícil identificar quando a foto postada é um novo clique ou não. Já que, quando encontram seu melhor ângulo e pose os repetem em diferentes registros. Essa constatação é facilmente observadas nas fotos publicadas pela jovem no *Facebook*, para o leitor poder chegar a essa mesma conclusão, apresento agora algumas miniaturas de fotos da Estela salvas de um de seus álbuns de fotos no referido site, essas não serão analisadas individualmente as apresento como amostragem para um panorama geral dos registros imagéticos na estudante.

Figura 54 - PrntScr de parte de um álbum da estudante Estela no site *Facebook*.



Fonte – Página pessoal do estudante no site Facebook (2016).

Nessas 30 miniaturas das fotos publicadas pela adolescente é possível perceber que 28 são selfies, 27 dessas são da estudante sozinha. Nelas fica evidente que as poses praticamente se repetem, além disso o “biquinho” que ela faz com os lábios é muito parecido em todos os registros. Observa-se também, que quase todos os registros são feitos no mesmo enquadramento, “plano próximo” cortado abaixo do peito, dando principal destaque ao rosto da adolescente e a região do seu colo.

Com exceção da foto que a aluna está com suas amigas, a qual é registrada com o celular na horizontal, em modo paisagem, todas as demais presentes nesse recorte de seu álbum são tiradas no modo retrato, com a máquina na vertical. Mostrando uma boa noção de enquadramento, tendo em vista que em todos os seus registros ela dá destaque ao que quer mostrar, seu rosto e seu colo. E ao usar a câmera na horizontal quando quer registrar a presença de mais pessoas, demonstra ter conhecimento que essa é a melhor posição da câmera para acrescentar mais elementos dentro do quadro.

Da mesma forma que a maior parte das fotos que estão visíveis no álbum da estudante, a Fig. 44 é exatamente igual a Fig. 41. A estudante não publica uma nova foto, mas dá para ela uma nova “roupagem”, para tanto, editou-a novamente, colocando as cores e modificando a sua legenda. Segundo Fernandes e Amorim (2017, p. 181) esses novos ajustes servem para dar uma outra significação para as imagens:

Novas legendas são criadas, novas manipulações feitas, a imagem ressurgem em outros contextos, associada a outras imagens e palavras, passando a “defender” outras ideias, outras posturas, catalisando novas ações, novas decisões ou, meramente, qualidades diferentes de indiferença.

Assim, na terceira publicação de Estela, agora com cores e nova descrição, “Armada com a malandragem e um pouco de vaidade”⁶³ sua preocupação com a aparência fica ainda mais evidente. A adolescente se apropria de um trecho da música “Erótica” para fazer referência a sua malandragem e afirma ser um pouco vaidosa.

⁶³ Essa frase é um trecho da música “Erótica” da banda carioca Spliff Rap. Assim como mencionou em relação as letras de alguns dos Funks referenciados pelos adolescentes em algumas de suas fotos, esse Rap também fala explicitamente sobre o ato sexual. Como fica evidente nesse trecho, “Pode aumentar a dosagem (ela gosta de sacanagem) [...] De repente ela quer te dar, apaga a luz e liga o ar”.

Sua ponderação não condiz com a maioria das fotos que publica, já que de todos os registros imagéticos que consegui acompanhar da aluna até o momento da escrita desse texto somente em um a adolescente não se mostra maquiada, algo tão inusitado que a própria estudante escreve na legenda dessa foto “Sem um pingo de make rsrsrs”.

Os registros fotográficos da estudante ao mesmo tempo em que dão visibilidade a uma menina inocente e brincalhona, a mostram adultizada. Ou seja, a mesma jovem que faz “biquinho” para a câmera ou acrescenta desenhos engraçados as suas fotos, mostra-se sensual e erotizada. Essa oscilação entre o universo adulto e infantil também foi observada nos registros imagéticos de Eduarda e Lorenzo. O que evidencia o quanto as suas identidades são plurais e multifacetadas.

Na contemporaneidade, o sujeito que antes era visto como tendo uma identidade unificada e estável, tornou-se “fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p. 12). Hoje, somos constituídos por diferentes identidades. Nas redes essa constatação pode se tornar ainda mais evidente. Nesse ambiente convivem identidades juvenis híbridas as quais se inventam e reinventam constantemente. A noção moderna de que a identidade estava ligada à concepção de um sujeito unificado não tem mais sentido na atualidade. Hoje, os elementos que constituem as identidades agregaram-lhes um caráter fluido, polissêmico e móvel.

É possível identificar-se com referências culturais distintas, assim as identidades são construídas socialmente e desenham escolhas políticas de grupos humanos. Os jovens constroem suas subjetividades a partir dos materiais diversificados providos por culturas, pelo consumismo, e, principalmente, pelo mundo digitalizado. De acordo com Canclini (1998) a ideia de pertencimento identitário está fortemente ligada não só aos aparelhos midiáticos, mas às práticas culturais e sociais que, por sua vez, fazem que com os indivíduos se sintam diferentes ou semelhantes na organização de suas necessidades. A identidade se constrói na e pela atividade. Ela nunca é dada, é sempre construída e reconstruída, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável. É um acontecimento histórico, ela não é preexistente, justamente porque é na ação e no discurso que mostramos quem somos.

Os estudos de Nestor Carcía Canclini (1998, 2006), Stuart Hall (1998) e Zygmunt Bauman (2005) nos ajudam a pensar as identidades híbridas na pós-modernidade. Nestor Canclini, filósofo e antropólogo argentino radicado no México, e

suas pesquisas são voltadas para a compreensão da cultura urbana entre outros temas. Dentro dessa perspectiva, são alvo de sua atenção as lógicas das culturas populares, a recepção e o consumismo, além da hibridação cultural gerada pela heterogeneidade dos povos e pela globalização. O termo “hibridismo” surge vinculado às ideias de impureza, esterilidade e inadequação (DUSSEL, 2005). Esse termo começa, então, a tornar-se um utilíssimo aporte teórico capaz de acentuar o caráter difuso e complexo que caracteriza a contemporaneidade.

O hibridismo contemporâneo tem como traço principal a rapidez com a qual opera para incluir distintos discursos e, portanto, a velocidade com a qual se perdem os marcadores originais do discurso (CANCLINI, 1998). Assim, a hibridização cria novos sentidos, acoplando e articulando diversas tradições e perspectivas. A ênfase na hibridação põe fim à pretensão de estabelecer identidades “puras” ou “autênticas”.

Segundo Canclini (2006), a palavra hibridação surge como mais flexível para nomear não apenas a mistura dos elementos étnicos ou religiosos, mas também os produtos das tecnologias avançadas e dos processos sociais modernos ou pós-modernas. Segundo o autor (1997, p. 111):

Mi proposito ha sido elaborar la noción de hibridación como un concepto social. Encuentre en este termino mayor capacidad de abarcar diversas mezclas interculturales que con el de mestizaje, limitado a las que ocurren entre razas, o sincretismo, formula referida casi siempre a funciones religiosas o de movimientos simbólicos tradicionales. Pense que necesitabamos una palabra mas versatil para dar cuenta tanto de esas mezclas "clasicas" como de los entrelazamientos entre lo tradicional y lo modemo, y entre lo culto, lo popular y lo masivo.

Já o sociólogo e importante teórico cultural jamaicano, Stuart Hall (2005) apresenta o conceito do que denomina “identidades culturais” como aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Conforme o autor há três diferentes concepções de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história, são elas:

Identidade do sujeito do Iluminismo, que expressa uma visão individualista de sujeito, caracterizado pela centralidade e unificação, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência.

A identidade do sujeito sociológico, que considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse núcleo interior do sujeito é constituído na relação com outras pessoas.

E a identidade do sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas formada e transformada continuamente, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte.

O sociólogo e filósofo polonês, Bauman situa a identidade na pós-modernidade, a qual denomina de modernidade líquida, onde a fixidez dá lugar à incerteza, as identidades do passado são sobrepostas pelas possibilidades de futuro e o sujeito se caracteriza pelo descentramento e deslocamento permanente.

Ou seja, as identidades são entendidas como culturalmente formadas, construídas e não uma essência. São pontos de identificação, criados no interior dos discursos da cultura e da história (HALL, 1996). Assim, a identidade cultural é uma particularidade que o indivíduo atribui a si mesmo pelo fato de sentir-se pertencente a uma cultura específica.

Para Fernanda Bruno (2004), a partir da utilização das tecnologias de informação e comunicação há uma transformação no modo como os indivíduos constituem a si mesmos e modulam suas identidades, a partir, especialmente do olhar do outro. Assim, a verdade que os jovens têm a intenção de mostrar a partir das fotos que publicam, curtem ou compartilham nas redes sociais, tem uma relação direta com a aprovação ou não pelo olhar de seus interlocutores. De acordo com Basile e Linne (2014), a necessidade de experimentar com a própria imagem é uma característica dos adolescentes, para quem a aparência é fundamental, porque considera e valoriza o olhar dos outros.

O espetáculo contemporâneo, materializado nas práticas de exposição de si nas redes sociais, precisa constituir o olhar do outro e garanti-lo para si (BRUNO e PEDRO, 2004). Assim, muitas das fotos que os adolescentes fazem de si mesmos e publicam na internet têm como objetivo conquistar visualizações, reações e comentários.

Para os jovens, receber avaliações positivas de seus parceiros virtuais é muito importante e representa ser popular nas redes sociais. Como ficou evidente nessa conversa que presenciei entre duas colegas de turma de Estela durante a troca de períodos, Larissa mostra seu celular para Celeste e comenta: “Minha foto não chegou

a 400 *likes!*”, Celeste tenta confortá-la “Ah, mas 360 tá bom!”, inconformada Larissa argumenta: “Para quem ganhava mais de mil, se foi a minha fama!”. Essa conversa das alunas deixa transparecer o valor que os cliques no botão “curtir” tem para essa estudante.

Algo muito parecido ao que constatou Raquel Recuero (2014) na pesquisa que realizou com 20 internautas sobre os usos que eles fazem dos recursos, curtir, compartilhar e comentar nas conversações *online*. Na análise das entrevistas, a autora percebeu a funcionalidade positiva dessas ações já que qualquer uma delas pode gerar capital social e agregar valor à relação entre os atores envolvidos. Além disso, essas manifestações reconhecem a relevância e, assim, apoiam aquilo que foi publicado. Interlocuções muito relevantes aos adolescentes já que dão extremo valor para a opinião de seus parceiros virtuais. Principalmente para as fotos que postam, em especial, as quais retratam a si próprios como ficou evidente no diálogo das alunas.

Esse interesse em promover, ou espetacularizar a própria imagem, remete, de imediato, à conceituação de Guy Debord (1997) acerca da “sociedade do espetáculo”. O espetáculo, segundo o pensamento debordiano, privilegia o parecer ao ser, já que sua estrutura é baseada na aparência, a qual carece de contemplação.

Nas fotos da adolescente fica evidente sua preocupação com a aparência e suas poses nas fotos pressupõem um observador. Sibilía (2008) utiliza a expressão “extimidade” para fazer referência à exposição da intimidade tanto nos Reality Shows quanto nas páginas pessoais na internet. De acordo com a autora, nunca a intimidade gerou tanto interesse e curiosidade. Em relação à exposição pública da própria imagem Fernanda Bruno e Rosa Pedro (2004, p. 13) pontuam que:

[...] hoje parece estar se constituindo uma subjetividade exteriorizada, onde as esferas de cuidado e controle de si se fazem na exposição pública, no alcance do olhar, escrutínio ou conhecimento do outro. O decisivo aqui é compreender que não se trata da exteriorização de uma interioridade que, já tendo se constituído, decide se expor, mas antes de uma subjetividade que se constitui no ato mesmo de se fazer visível ao outro, portanto, como exterioridade.

De acordo com as autoras, o importante é buscar compreender como as subjetividades são construídas no ato de tornarem-se visíveis. Essa hipere Exposição que as páginas pessoais na internet oportunizam, faz com que pessoas comuns exponham nas telas o que antes ocultavam. O mais intrigante da espetacularização

de si, ou para utilizar uma expressão cunhada por Vilém Flusser, o que mais chama atenção na “magicização da vida” (2009, p. 9) nas redes é o fato de os indivíduos desejarem publicar sua intimidade, almejando conquistar olhares alheios. De acordo com Sibilia (2008, p. 111-112):

Nesta cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, já não parece haver motivos para mergulhar naquelas sondagens em busca dos sentidos abissais perdidos dentro de si mesmo. Em lugar disso, tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo, o cobiçado troféu de ser visto. Cada vez mais, é preciso aparecer para ser. Pois tudo aquilo que permanecer oculto, fora do campo da visibilidade – seja dentro de si, trancado no lar ou no interior do quarto próprio – corre o triste risco de não ser interceptado por olho algum. E, de acordo com as premissas básicas da sociedade do espetáculo e da moral da visibilidade, se ninguém vê alguma coisa é bem provável que essa coisa não exista.

Essa busca incessante por ver e, principalmente, ser visto não é exclusividade dos jovens brasileiros. Essa mesma constatação pode ser observada na pesquisa realizada por Diego Basile e Joaquín Linne (2014) com os jovens argentinos, moradores da periferia de Buenos Aires, os autores perceberam que os jovens utilizam constantemente as ferramentas disponíveis no Facebook para apresentarem-se. De acordo com os pesquisadores as fotos que mais tem importância para esses jovens são as fotos deles mesmos e aquelas que aparecem com seus amigos.

O mundo da cultura, conforme Dayell (2007), mostra-se como um espaço privilegiado de práticas e rituais, onde os jovens procuram demarcar uma identidade juvenil a partir, principalmente da visualidade. Segundo Fontenelle (2002) vivemos na “sociedade da imagem”, na qual “estar na imagem é existir”, para a autora essa sociedade é marcada pela performance e pela produção de impressões.

Além de ser comum aos jovens a busca por visualizações e pela participação de seus amigos nas suas publicações, também é recorrente marcar os nomes de alguns deles nas fotos, algo que a Estela fez nas três postagens que apresentei nesse capítulo. Dessa forma, independente de seus amigos estarem retratados na imagem, eles têm seus perfis relacionados com a postagem. Quando questionei Estela e seus colegas de turma sobre o porquê da marcação de amigos em algumas de suas fotos, eles responderem que marcam seus interlocutores para ganharem mais curtidas em suas fotos. Assim, marcar os amigos nas postagens também tem como objetivo receber mais reações e comentários. Assim, a partir do site Facebook, o jovem tem a

possibilidade de ver e ser visto, experiências que têm grande valor para as suas relações com seus pares.

Pensar as tecnologias de comunicação na vida dos estudantes é vislumbrar um cenário de encontros que ocorrem, principalmente, em grupos. De acordo com Recuero (2009), com o advento da comunicação mediada por telas os jovens utilizam essas tecnologias para formarem comunidades, isso se dá, por conta da violência nas cidades e pelo ritmo acelerado em que vivemos, fatos que, conforme a autora, dificultariam os encontros pessoais em espaços de interação social. Dessa forma, a maneira mais recorrente de encontro e comunicação entre os adolescentes é através do ciberespaço, pois ao se conectarem em circuito e de forma rizomática, eles rompem as demarcações da sua comunidade, da sua cidade. De acordo com Cleomar Rocha e Margarida Silva, a lógica de interação “encontra nas redes sociais o terreno fértil das inter-relações sociais, principalmente para a juventude” (2015, p.18).

Nas postagens de Estela chamou atenção a forma incisiva com a qual a aluna estimula que seus amigos virtuais participem de sua página pessoal no *Facebook*, ansiosa pelas opiniões desses. A necessidade que os adolescentes têm de aprovação dos amigos em suas publicações de textos e, principalmente, de imagens ficou evidente em nossas conversas e na análise das postagens de Estela. Esse *feedback* tem grande valor para os jovens e, muitas vezes, faz com que eles modifiquem determinado comentário ou deletem uma foto que não teve muitas curtidas⁶⁴ ou reações.

Assim, na ânsia pela aprovação dos amigos, a busca por curtidas e comentários tornou-se demasiada. Estela afirma que se uma foto não tiver muitas curtidas ela deleta a foto e procura uma foto nova para publicar. Além disso, ela faz questão de evidenciar que uma de suas fotos atingiu a marca de mil curtidas, nas palavras da aluna: “Se não tiver uns 50 likes na postagem eu excludo, e nas fotos tem de ter uns 300. Eu já tive mil likes numa foto, é só olhar o meu Face”. Basile e Linne

⁶⁴ Durante as minhas pesquisas no Google sobre a relação dos jovens no *Facebook* chamou a minha atenção dois sites: <https://seguidores.com.br/products/comprar-curtidas-Facebook> e <https://www.agenciajl.com.br/comprar-curtidas-Facebook>, nesses é possível comprar pacotes de curtidas, seguidores ou visualizações para as páginas pessoais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Minha estranheza foi tamanha que demorei para acreditar na veracidade dos mesmos, no entanto quando estava apresentando esse recorte da minha pesquisa e mencionei essas páginas virtuais em um congresso na área dos Estudos Culturais realizado na ULBRA, na cidade de Canoas – RS, uma das interlocutoras comentou que tem uma banda e que, às vezes, acessa esses site e compra pacotes de curtidas para dar maior visibilidade aos seus shows. O site “Seguidores.com.br”, tem como slogan “Desde 2009 aumentando presença social” e o segundo quer conquistar mais usuários com os dizeres “Bombe nas redes sociais”.

(2014) afirmam que os jovens testam o nível de eficácia das suas imagens, através dos comentários que recebem de seus amigos e a partir da quantidade de curtidas (ou, mais recentemente, pela quantidade de reações) conquistadas pelas fotos postadas.

O ato de receber curtidas e de curtir as publicações e as fotos se dá de forma cíclica, ou seja, os jovens curtem as postagens dos usuários que, em consonância, curtem suas publicações também. De acordo do Fernandes e Amorim (2017, p. 181):

[...] a rede social é o tecido da vida em si, o rizoma da interação humana em contínua e múltipla retroalimentação, encontrando na estrutura do ciberespaço um suporte para a expansão das possibilidades e alcance do poder de afetar das singularidades que lhe compõem numa velocidade que ainda estamos ensaiando aprender a lidar.

Toda essa dedicação direcionada aos perfis pessoais de seus amigos, segundo Weigend (2009), tem como principal interesse ser visto e lembrado por seus interlocutores pois eles têm certeza, se dão atenção, serão retribuídos da mesma forma. Como fica evidente na fala da Estela, “Eu só curto as publicações de quem curte as minhas”. Rocha e Silva nos ajudam a pensar a respeito da relação dos adolescentes no ciberespaço e sobre a capacidade dos jovens em influenciar e serem influenciados pelas opiniões de seus parceiros virtuais, conforme os autores, (ROCHA e SILVA, 2015, p. 25):

No ciberespaço, o jovem constrói suas relações, singulariza seu modo de existir e amplia sua capacidade de ressonar, de afetar outras existências [...] ao fazê-lo, ele se abre para experienciar processos de afetações de suas redes, tornando-se integrante de outras tantas.

Os jovens suprem suas demandas sociais com a escrita e leitura de comentários em suas postagens, com suas publicações de fotos e pensamentos, como também, através das curtidas que recebem e daquelas que retribuem aos seus amigos virtuais. Assim, de acordo com os autores, o jovem vive seu tempo com toda a intensidade sociocultural própria à sociedade contemporânea, em constante ressonância e reverberação.

Ao analisar a relação atrativa dos jovens com a conectividade em rede, Lúcia Santaella faz referência a simbiose que se desenvolve na interação dos dispositivos com seus corpos e mentes como a grande característica de nosso tempo. Conforme a autora (SANTAELLA, 2015, p. 43):

Nos nervos do seu sistema sensório motor, na agilidade de suas mentes distribuídas, na nova economia da atenção que manejam, nas suas competências em lidar com a hiper mobilidade dos deslocamentos físicos em consonância com as conexões informacionais, são os jovens que compreendem de que estofado é verdadeiramente feito o tempo presente. É preciso estar atento a eles. Ao que têm para nos ensinar.

Parafrazeando Santaella (2015), pode-se afirmar que no mundo digital em rede que vivemos e no qual nos aventuramos diariamente, ainda temos muito a aprender na interação com os adolescentes de hoje. A forma como eles fazem uso das redes é objeto de estudo de diferentes autores brasileiros e estrangeiros, os quais faço referência em diferentes momentos desse texto, por isso não os nomearei agora.

Meu interesse nesse ponto da escrita é mencionar outras produções que também colocam em evidência essa demanda contemporânea. Assim como, estudiosos de diferentes campos teóricos, músicos, roteiristas, escritores e artistas, utilizaram a relação das pessoas com as redes como inspiração para distintas produções. Nas páginas que seguirei farei referências a algumas dessas, e outras utilizarei como ferramentas para me auxiliar a pensar na relação dos jovens canoenses com as redes sociais.

Começo citando duas letras de músicas de artistas brasileiros, “Ela não anda, ela desfila” (2016), do MC Bola e “Viciado digital” (2014), da banda Ratos de Porão. A primeira fala de uma mulher bonita, bem arrumada, que gosta de dançar nas festas e que não quer compromisso, “Ela tira fotos no espelho para postar no Facebook” diz um trecho da letra. Essa produção cultural traz um contexto bem específico a publicação de selfies no site de relacionamento Facebook. Já a letra da banda Ratos de Porão, apresenta a relação viciosa dos usuários com as redes e faz referência a expectativa das pessoas em relação às suas postagens nas redes sociais: “Você postou, ninguém curtiu, Você curtiu, ninguém comentou, Ficou puto quando viu, No *youtube* escancarou”.

Dois estilos musicais bem distintos, o *funk* e o *rock*, que se aproximam ao colocar em evidência a forma como as pessoas interagem com o mundo virtual. Além das produções musicais também é comum encontrar discussões sobre o ambiente digital em produções audiovisuais como no curta metragem “Aspirational” (2014) de Matthew Frost encenado pela renomada atriz norte-americana Kirsten Dunst.

Esse filme, com duração de apenas 2 minutos e 35 segundos coloca em xeque a relação das pessoas com as redes sociais, a busca pela visibilidade e boa repercussão de seus perfis virtuais, através de curtidas e novos seguidores, algo muito familiar ao que observei e problematizei nas postagens de Estela no Facebook.

No filme a atriz, fazendo o papel dela mesma, sai de casa e se dirige até a calçada onde aguarda alguém para buscá-la, instantes depois passam duas jovens num carro, elas a reconhecem, param o carro e descem com seus celulares em mãos. Primeiro uma aproxima-se da atriz, mal a cumprimenta, nem sequer pergunta se pode tirar fotos e, com caras, bocas e poses faz várias fotos ao lado da artista. A outra jovem age exatamente da mesma maneira. Kirsten Dunst só observa parecendo não compreender tamanha empolgação.

Depois que as jovens tiram as fotos, a atriz pergunta se elas querem conversar, sem têm alguma curiosidade. As jovens se olham, parecem não saber o que dizer, então, uma delas questiona a atriz “Você faz marcações nas suas fotos?”. Dunst fica sem resposta, as garotas retornam ao carro e vão embora, deixando-a para trás. Já no carro as duas jovens aparecem se vangloriando das curtidas recebidas e dos novos seguidores conquistados em virtude da foto publicada ao lado da famosa atriz.

Figura 55 - PrntScr de uma cena do curta metragem.



Fonte – Vídeo disponível no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=30CQ_Y8KkN4

Além desse curta metragem e das músicas já mencionadas, ao longo da pesquisa, deparei-me com outras produções audiovisuais que me ajudaram a pensar a relação da Estela e dos jovens canoenses com o mundo virtual em rede. Duas dessas produções, selecionei para apresentar aos alunos durante as nossas aulas com o intuito de problematizar a relação deles com as redes.

7.2 “BOCA DE PATO” E “QUEDA LIVRE”: DESENHO ANIMADO E SÉRIE AJUDANDO A PENSAR A ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Como já mencionei nesse texto, acessar à internet e ter uma página nas redes sociais é algo bastante comum, principalmente para os jovens. Entender como os adolescentes se relacionam nesses sites, conhecer o que eles publicam e compartilham são alguns dos meus interesses nessa pesquisa. Segundo Danna boyd (2014), as redes sociais desempenham um papel crucial na vida dos adolescentes, sendo um espaço de conexão com seus amigos, por vezes, complementares aos encontros presenciais, onde podem se relacionar de maneira informal.

Segundo Recuero (2009), uma rede social é sempre um conjunto de atores (pessoas, grupos ou instituições) e suas relações, interações, conexões ou laços sociais. Nessa rede virtual há um processo contínuo de elaboração e expressão de identidades por parte desses atores no ciberespaço, nessa direção, Marcos Hiller

(2014), afirma que os sites de redes sociais na internet permitem aos usuários uma apresentação mais completa de si. Neles é possível conectar-se a uma rede de amigos, publicar e compartilhar fotos, vídeos e pensamentos. Fundamentalmente, pode-se construir uma estratégia de como queremos que outros usuários nos vejam. Assim, redes sociais como o Facebook, por exemplo, são primordiais para a socialização, a comunicação e autoexpressão.

Para pensar a relação dos adolescentes canoenses, em especial a Estela, com as redes sociais, analisei algumas das conversas que realizei com os alunos a respeito dos usos que fazem do mundo virtual e sobre a forma como interagem com seus pares online, além disso, problematizarei as discussões que foram realizadas a partir de um desenho animado e de um episódio de uma série do Netflix.

A escolha por esse desenho animado e por um episódio da série se deu em virtude de ambos colocarem uma lente de aumento sobre as banalidades do nosso cotidiano. Tanto a animação quanto à série nos instigam a pensar na nossa relação com as tecnologias e com as redes sociais.

O desenho animado apresenta a personagem Josie, uma adolescente sedenta por receber curtidas no “Faceboca⁶⁵” e ser popular na escola. Na série Lacie, uma jovem trabalhadora, vislumbra ser bem avaliada por seus contatos virtuais para ser conhecida e ter acesso a bens de consumo e lazer. Com base no episódio “Boca de Pato” (Ducks Lips) do desenho animado Uncle Granpa (2014) com título em português “Titio avô” e da série Black Mirror (2011) especificamente o episódio Nosedive, “Queda livre”, em português, instigui Estela e seus colegas de turma a pensarem na forma como as personagens do desenho e da série, respectivamente, se relacionam com as tecnologias e com as redes sociais. Além disso, propus aos estudantes que identificassem possíveis semelhanças e/ou diferenças na forma como se comportam na rede em relação a postura das personagens retratadas.

Em dois momentos distintos, assistimos primeiro ao desenho animado e depois a série, após, cada uma dessas exibições, conversamos sobre a narrativa assistida, essas conversas foram gravadas em áudio e alguns trechos serão referidos ao longo desse capítulo.

Foi interessante perceber que após assistirem aos episódios, os alunos não identificaram quaisquer semelhanças na postura das jovens retratadas nos episódios

⁶⁵ Uma referência direta ao site de relacionamentos *Facebook*, que, aproveito para mencionar, é a rede social mais acessada pelos estudantes canoenses.

com seus próprios comportamentos frente às telas. No entanto, quando os instiguei a pensar sobre os usos que fazem das redes sociais eles, em certa medida, se identificaram com as personagens. Antes de problematizar as nossas conversas falarei brevemente do desenho animado e da série, como também, descreverei cada uma das narrativas para aproximar o leitor do universo apresentado nesses episódios.

7.3 O DESENHO ANIMADO “TITIO AVÔ”

Figura 56 – Imagem dos personagens do desenho animado “Titio avô”.



Fonte: Imagem salva da internet⁶⁶.

Esse desenho animado foi criado pelo cartunista, roteirista, dublador e artista de storyboard norte americano Peter Browngardt, atualmente com 38 anos.

O título da animação faz referência ao seu personagem principal o Titio Avô. Ele é o titio avô de todas as crianças do mundo, e procura ajudá-las na resolução de quaisquer problemas, como fazer os temas, assoar o nariz, ou ter lábios carnudos, por exemplo. Titio Avô vive em um trailer muito bem equipado e colorido, ele se veste como uma criança, usa as meias esticadas até a altura dos joelhos, além de um boné com hélice e um suspensório com as cores do arco-íris. Seu comportamento é bastante infantil, por isso os outros personagens, também curiosos e engraçados, como, uma pochete falante, um dinossauro sisudo e uma fatia de pizza que usa óculos, os ajudam na resolução dos problemas.

⁶⁶

Disponível no endereço:
https://www.google.com.br/search?q=desenho+titio+av%C3%B4&rlz=1C1NHXL_pt-BRBR786BR789&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiH3eCFkd7bAhVGC5AKHc27CMsQ_AUIDCgD&biw=1366&bih=662#imgsrc=7IUJ0d8j9a_MCM

7.4 EPISÓDIO “BOCA DE PATO”

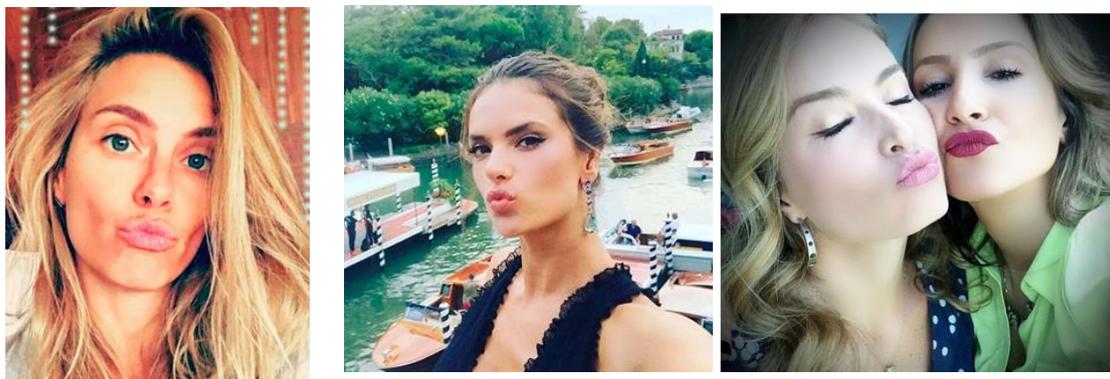
Figura 57 - PrntScr de uma cena do desenho animado quando a personagem Josie tira uma selfie.



Fonte: Episódio disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=eeOjDjji06k>

Antes de fazer uma breve descrição do episódio, penso que seja interessante comentar o seu título “Boca de pato” tradução em português que foi dada ao título original “Duck lips”. Esse título remete diretamente a expressão em inglês “Duck face” criada para nomear o biquinho que, principalmente, as jovens fazem ao pressionar seus lábios para deixá-los visualmente mais carnudos. Segundo o dicionário Oxford: “An exaggerated pouting expression in which the lips are thrust outwards, typically made by a person posing for a photograph”. Ou seja, “Duck face” é uma pose que dá importante destaque aos lábios da pessoa fotografada. Esse tipo de expressão facial foi bastante recorrente nas fotos da Estela, da Eduarda e do Lorenzo, e, também é muito comum no mundo das celebridades, além disso, é o “sonho de consumo” de Josie no episódio em destaque.

Figuras. 58, 59 e 60. Respectivamente, Carolina Dieckmann, Alessandra Ambrósio, Angélica e Claudia Leite, em selfies fazendo biquinho, “*Duck face*”.



Fonte – Imagens salvas da internet, disponível no endereço: <http://www.estrelando.com.br/foto/2016/10/04/celebridades-que-fazem-duck-face-158684/foto-5>

Nesse episódio que tem a duração de 11m18s, a estudante Josie tira várias fotos de si mesma e escolhe a que considera melhor para publicar no Facehole, (traduzido no episódio como “Facebocas”). Segundo a personagem, aquele biquinho ganhará mil curtidas. Ela publica a foto, espera um pouco, vê que a foto não recebe curtidas e deita em sua cama decepcionada. De repente, a parede do seu quarto é derrubada por um trailer colorido. Atrás de uma cortina de fumaça o trailer desaparece e podemos ver o Titio avó, ele exclama: Bom dia! Josie segura Titio avô pelo suspensório com firmeza, o sacode e suplica por sua ajuda. “Eu preciso de uma boa selfie fazendo biquinho para ganhar muitas curtidas no “Facebocas”, a adolescente explica para o Titio avô que não consegue fazer um bom biquinho, pois a sua boca é fininha e quase transparente. “Quer fazer biquinho? Por que não disse logo?” perguntou o Titio avô e disse que sabia o que fazer. Nesse instante ele segura os lábios de Josie e puxa-os com força, como num passe de mágica, ela fica com os lábios volumosos e carnudos. Com seu nosso visual, ela direciona-se para o espelho e tira uma selfie, publica no “Facebocas”, e, imediatamente começa a receber curtidas. Ela fica entusiasmada e diz, “Meu Deus, eu tô bombando, eu tenho de ir para a escola! Eu tenho biquinho! Eu tenho biquinho!”.

Já na escola Josie caminha até as garotas populares e mostra que teve muitas curtidas no “Facebocas”, elas olham o perfil da Josie e dizem para ela que para ser popular ela tem de ter no mínimo 100 curtidas.

Josie fica desesperada e novamente pede ajuda ao Tito Avô, ele puxa seus lábios com mais força e a boca da menina fica ainda mais volumosa. Ela tira outra selfie publica e consegue passar das 100 curtidas. Já na aula de literatura o professor

fala sobre o livro “O retrato de Dorian Gray”⁶⁷, lembrando que essa era a leitura que deveria ter sido feita em casa. Nesse instante ele olha para a Josie e a vê tirando selfies durante a sua aula. O professor pede para ela se retirar da sala e reitera que ela só volte quando puder respeitar a sua aula.

Ela anda pelo corredor da escola, com seu celular na mão e verifica a sua página pessoal, nesse momento ela tem 3000 mil curtidas, o que, agora, é pouco para ela. Pela terceira vez ela pede a ajuda do Titio Avô para aumentar a sua boca mais um pouquinho, dessa vez ele estica seus lábios até a parte externa da escola, como resultado sua boca fica igual a um bico de pato. O que a deixa muito feliz e realizada, assim, ela registra sua imagem novamente, publica e recebe ainda mais curtidas. Sua popularidade lhe deu mais de 3 bilhões de fãs ansiosos para ouvir o que Josie tem a dizer sobre o seu sucesso e popularidade no “Facebocas”.

Josie sai da escola e uma multidão está a postos para ouvi-la. Ela agradece as curtidas nas suas selfies e alerta seus seguidores que é impossível ser como ela. Durante sua fala, patos começam a aparecer no meio da multidão, quando ela se dá conta está rodeada por eles e começa a ser perseguida pelas aves. Novamente é o Titio Avô, auxiliado por sua pochete falante, quem a salva dessa confusão, dizendo que ela tem de deixar de fazer biquinho para não ser confundida pelos patos. Quando, finalmente seus lábios voltam a ser como eram, os patos vão embora e a adolescente perde todos seus seguidores. Em casa Josie conversa com Titio Avô sobre o seu dia e se dá conta que o seu sonho de ser popular “transformou a sua vida em um verdadeiro inferno”. Algo similar ao que aconteceu com o personagem Dorian Gray quando desejou não envelhecer para ter para sempre uma imagem bonita e jovial.

⁶⁷ Esse livro escrito em 1890 por Oscar Wilde conta a história de Dorian Gray um belo, amável e ingênuo rapaz que acaba de ingressar na alta sociedade inglesa. Sua beleza e personalidade doce faz com que ele seja inspiração para o artista Basil Hallward que immortaliza sua imagem com uma pintura. Através do pintor Dorian conhece Lord Wotton, e se encanta com a visão de mundo na qual a beleza e a satisfação sensual são as únicas coisas que valem a pena perseguir na vida. Entendendo que sua beleza irá com o passar dos anos desaparecer, Dorian expressa o desejo de vender sua alma, para garantir que o retrato, em vez dele, envelheça e desapareça. O desejo é concedido, e Dorian persegue uma vida sem qualquer senso moral; enquanto isso seu retrato envelhece e fica marcado por todas as experiências ruins que o corrompem sua alma.

7.5 A SÉRIE BLACK MIRROR

Figura 61. PrntScr da imagem de abertura da série.



Fonte – Imagem disponível no endereço: <https://vimeo.com/249299003>

Black Mirror é uma minissérie britânica, criada por Charlie Brooker em 2011, primeiramente, ela foi transmitida pelo canal 43 do Reino Unido. Em 2015, a Netflix encomendou a terceira temporada. Os episódios possuem diferentes enredos; a ligação entre eles é feita somente pela temática, que propõe uma abordagem crítica da onipresença da tecnologia na vida contemporânea. Além disso, apresenta críticas sobre as consequências da íntima relação entre as tecnologias e as pessoas e seu impacto para a sociabilidade.

Em cada episódio, uma história diferente é contada, não há personagens fixos, o que os perpassa são as múltiplas representações da influência da tecnologia no cotidiano. As representações destes fenômenos contemporâneos pela minissérie suscitam questionamentos sobre a maneira como o uso da tecnologia e os modos de interação a partir delas estão ocorrendo na contemporaneidade.

7.6 O EPISÓDIO “QUEDA LIVRE”

Figura 62. PrntScr de uma cena da série, Lacie avaliando positivamente as postagens de seus contatos.



Fonte – Imagem disponível no endereço: <https://vimeo.com/249299003>

Esse episódio da série tem a duração de 1h03min02s. Na sua abertura, pode-se observar Lacie correndo, enquanto escuta música e mexe no celular. Ela para e começa a se alongar, continua mexendo no seu celular, confere as atualizações de seus contatos e avalia positivamente as postagens dos mesmos.

Antes de chegar ao seu trabalho, Lacie vai comprar um café, na fila pode-se observar que todas as outras pessoas que aguardam para serem atendidas estão interagindo com seus celulares. A jovem continua avaliando positivamente seus amigos virtuais. Ela também dá cinco estrelas para o atendente que a entrega o café e dá para ela um biscoito grátis. Mesma avaliação que ela dá ao homem que passa por ela, depois de comentar que havia assistido ao vídeo do filho dele usando chapéu de bombeiro. Essas avaliações positivas, de forma recíproca, resultaram em pontuações para ela também. Muito parecido com a forma como os adolescentes canoenses interagem no *Facebook*, ou seja, eles curtem e comentam as publicações de seus amigos esperando que seus amigos ajam da mesma forma em suas postagens.

Lacie finalmente senta para degustar o seu café com biscoito. Antes de experimentar o café, ela morde o biscoito, corta um pedaço do mesmo, demonstra não gostar do sabor, tira o pedaço que estava na sua boca, e posiciona o que sobrou do biscoito ao lado da xícara do café, tira uma foto e posta. Ela dá o primeiro gole no café, que por sinal tem um aspecto lindo, mas pelas suas feições está ruim como o

biscoito, nesse instante percebe que a foto publicada começa a ser bem avaliada o que visivelmente a deixa muito contente, o gosto do café não tem importância agora.

Já no trabalho, sentada a sua mesa, Lacie continua vendo a repercussão positiva da foto postada. Dentre as pessoas que avaliaram bem a sua foto, ela mostrou-se surpresa ao ver Naomi uma mulher loira, linda e com uma ótima repercussão na rede, Lacie então, visita seu perfil, dá uma olhada nas suas últimas publicações e as avalia com 5 estrelas, pontuação máxima.

Na próxima cena, Lacie desce de um táxi e vai visitar um apartamento que almeja alugar. A vendedora, então lhe mostra todas as vantagens de morar nesse condomínio, inclusive utiliza uma projeção da imagem da Lacie fazendo comida na cozinha e sendo surpreendida por um homem sarado, sem camisa que a abraça por traz e beija seu pescoço. Lacie fica extasiada e a vendedora alerta que esses imóveis estão indo embora muito rápido, assim, se ela está interessada deve se apressar. Lacie ainda em estado de euforia por tudo que ouviu e viu afirma que quer muito o apartamento. Sentadas à mesa a vendedora lhe mostra o valor do aluguel que deverá ser pago semanalmente.

Lacie diz que achou o valor caro, a vendedora fala que os influenciadores *Premium* têm 20% de desconto. Lacie, então, vai embora flutuando, almejando melhorar sua pontuação para ter acesso a tal benefício e morar no tão desejado apartamento. Essa pontuação é dada por seus seguidores na rede social da qual participa.

O programa de influenciadores *Premium* remeteu-me a duas leituras realizadas e discutidas na disciplina coordenada pelo professor Doutor Alex Primo “Interação mediada pelo computador” que cursei no Programa de Pós-Graduação em Comunicação em 2017, primeiro lembrei-me do conceito de “capital social”. Quadro teórico que está enraizado no trabalho do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1986), de forma geral, o capital social refere-se aos benefícios que podem ser alcançados a partir de conexões entre pessoas por meio de suas redes sociais. Mais especificamente, o capital social, pode ser considerado agregador dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede duradoura de relações de conhecimento e reconhecimento mútuo (ELISSON, N. et al., 2011). Na série esses benefícios e reconhecimento mútuos dizem respeito às boas avaliações tão almejadas por Lacie e seu círculo de amigos virtuais.

Também me fez lembrar o livro “O ponto de virada: como as pequenas coisas podem fazer uma grande diferença” de Gladwell (2002), mais especificamente, quando o autor discute a propagação das epidemias sociais a partir de pessoas influentes como, comunicadores, experts e vendedores. Essas pessoas com grande poder de convencimento, podem, em certa medida, ser comparadas ao que representa ser um usuário valioso na série. Assim, da mesma maneira que as pessoas dotadas de um conjunto raro de talentos sociais podem dar início a uma epidemia, como a ascensão de um *Best Seller*, ou a boa repercussão de um produto através da propaganda boca a boca, por exemplo, os usuários *Premium* têm o poder de influenciar positivamente a avaliação de quem se aproxima, além de ter acesso a diferentes benefícios. Tudo o que a personagem deseja.

Na sua casa, Lacie olha novamente as publicações de Naomi almejando ser como ela, já que Naomi é uma usuária *Premium*. Seu irmão entra na cozinha e pega de cima do balcão um folder informativo do condomínio, onde Lacie sonha alugar um apartamento, ele observa o material e afirma “Ninguém é feliz assim!”. Ela diz que o lugar é muito legal. Ele a retruca e a lembra que ela não é qualificada para isso.

Lacie procura um analista de reputação e descobre que para conseguir boas avaliações precisa impressionar as pessoas valiosas. Ela sai da sala e freneticamente avalia com 5 estrelas todas as publicações de Naomi um dos seus contatos mais influentes e com melhor pontuação, 4.8.

No outro dia, no seu trabalho, ela volta a olhar as postagens de Naomi. Ela pega um bicho de pelúcia feito à mão que está em sua mesa, o apoia em um vaso de flores o fotografa, escreve como legenda “Grande Rabicho” e posta a foto. Finalmente, para essa publicação, Naomi dá 5 estrelas.

Em casa, Lacie recebe uma ligação da Naomi, a ligação a deixa nervosa e animada, para atender ela pede para que seu irmão se afaste. Ela atende a chamada e pergunta para “Ney Ney” como ela está. Naomi diz que está feliz em vê-la e que quando viu a foto do Rabicho (bicho de pelúcia que haviam construído juntas na infância) precisou ligar, para contar que vai se casar e que quer que sua amiga mais antiga seja sua dama de honra. Lacie fica emocionada, aceita o convite e pergunta o que deve fazer. Naomi pede para que ela faça um discurso relatando as memórias antigas, como elas eram, essas coisas. Elas se despedem e desligam. O irmão de Lacie fica intrigado com a conversa das duas e pergunta se elas eram amiguinhas agora e lembra a sua irmã que Naomi sempre foi má com ela e que, inclusive, tinha

transado com o rapaz que Lacie gostava. Lacie pareceu não ter essas memórias da sua convivência com Naomi e mostrou-se extasiada em poder participar do casamento de sua amiga.

Novamente Lacie procura o especialista em reputação e mostra para ele a lista de convidados valiosos que estarão presentes no casamento que ela irá participar como dama de honra. Ele fica impressionado e diz que isso, provavelmente, ajudará a melhorar a sua avaliação. Em casa, ela lê para seu irmão o discurso que escreveu, ele acha que ela exagerou e que as duas não são amigas como Lacie quis que parecesse que fossem. Ela diz que só quer ver sua amiga feliz no seu casamento, seu irmão discorda e fala que o que importa são as 5 estrelas que almeja receber da plateia VIP, fazê-la feliz é detalhe. Lacie pergunta para seu irmão qual é o problema dela receber 5 estrelas de centenas pessoas valiosas se arrasar no discurso. Ele desabava e diz sentir falta da pessoa normal que sua irmã era, quando eles podiam conversar, e a alerta sobre a sua obsessão por avaliações e comparações com as outras pessoas que fingem ser felizes. Ela não lhe dá ouvidos e sai. Ele se despede desejando para sua irmã sorte com sua atuação. Então Lacie vai para o aeroporto.

Antes de entrar no táxi, esbarra em uma mulher fazendo com que ela vire suco em sua camiseta, pelo incidente a mulher lhe avalia mal. No aeroporto, fica sabendo que seu voo foi cancelado, a atendente diz que pode encaixá-la em outro voo, se ela tiver ao menos 4.2 pontos. Ela diz que tem essa pontuação e a atendente lhe mostra que agora ela tem 4.1 e que o sistema não permite a operação sem a nota mínima. Lacie se irrita pede que a atendente chame seu supervisor, ela sente-se ameaçada pela postura de Lacie, chama o segurança e diz para ele que foi intimidada e xingada. Com seu poder de punição ele tira um ponto da nota de Lacie e avisa que as avaliações negativas valerão o dobro, então pede para que ela se retire do aeroporto.

Decepcionada, Lacie vai alugar um carro e devido a sua pontuação atual só consegue alugar um modelo econômico, já na estrada o carro fica sem bateria, ela não consegue carregá-lo, pois não tem o adaptador. Sem conseguir ligá-lo, abandona o carro e pede carona, mas por ter poucos pontos, as pessoas ficam receosas em ajudá-la. Depois de algum tempo, uma caminhoneira lhe oferece carona, pela pontuação baixa da motorista, Lacie não quer aceitar, mas como ela não tem outra opção entra no caminhão. A motorista explica para Lacie que já foi como ela, que já teve pontuação 4.6 e se preocupava com a opinião dos outros, no entanto, depois que ela perdeu seu marido para um câncer, se deu conta que nada disso realmente

importava. Antes de se despedirem a motorista fala para Laice que colocou em sua mala uma “saída de emergência”, uma garrafa com uísque.

Naomi liga e Lacie atende dizendo que está quase chegando, Naomi pede que ela não vá mais, pois não pode receber uma pessoa com a nota 2.6 no seu casamento e que recebê-la estragaria a sua reputação. Lacie fica desapontada e pergunta se só os pontos que importam. Naomi afirma que ambas só estavam preocupadas com os números, e que almejavam melhorar as suas avaliações.

Lacie se desespera abre a mala e bebe o uísque, consegue uma moto emprestada, chega ao casamento, tem certeza de que não conseguirá entrar pela porta principal, procura um caminho alternativo e acaba caindo na lama, mas não desiste, completamente suja, escabelada e com a maquiagem borrada, ela chega ao lugar onde está sendo realizada a cerimônia, se aproxima, pega o microfone e faz um discurso constrangedor, porém real e sincero. Ela acaba sendo presa e posta à margem do sistema de avaliações, o que a torna livre para enxergar a realidade e agir da maneira que quiser, não sendo mais regida pela aprovação alheia.

7.7 DESENHO ANIMADO E SÉRIE COLOCANDO EM PAUTA AS REDES E AS INTERAÇÕES DOS JOVENS DE HOJE

“Boca de pato” é o 27º episódio da segunda temporada da série de animação Titio Avô, essa pequena história retrata uma adolescente que quer tirar boas selfies fazendo biquinho, para em seguida publicá-las no “Facebocas”, com o intuito de receber muitas curtidas e tornar-se popular. Nessa mesma direção, o primeiro episódio da terceira temporada da série *Black Mirror*, “Queda livre” retrata uma mulher ansiosa por ser notada nas redes sociais e receber boas avaliações dos outros usuários.

O desenho animado e o episódio de *Black Mirror* têm como pano de fundo a busca pela popularidade com o auxílio das tecnologias e das redes sociais. Para Josie, personagem da animação, ser popular significa ter grande número de seguidores e curtidas no “Facebocas”. Já para Lacie, sua popularidade é resultado de avaliações positivas para suas publicações e para a forma como ela se porta, nessa série ser popular e, conseqüentemente, ter avaliações positivas, tem um papel ainda mais

importante, pois tem influência para o acesso, ou não de diferentes bens de consumo e de lazer.

Em busca de boas avaliações, Lacie procura manter uma postura extremamente correta, trata bem todas as pessoas, é demasiadamente simpática, não grita ou fala palavrões. Suas vestimentas são sóbrias e com cores claras, também é discreta sua maquiagem e a cor de seu esmalte. Quando ela não consegue manter esse comportamento apático, ao saber do cancelamento do seu voo, ela é punida e sofre todas as consequências por perder o controle. Assim, de forma caricaturada, tanto o desenho quanto a série põe em evidência a interação das pessoas com as tecnologias e as redes sociais.

A animação e a série são muito atuais e nos permitem estabelecer relações sobre a forma como os adolescentes estão fazendo uso das tecnologias e como eles interagem e querem ser vistos por seus pares nas redes sociais. A principal familiaridade em relação ao comportamento das personagens na rede em comparação com os adolescentes canoenses está na busca incessante pela popularidade e pela boa repercussão de suas publicações nas páginas pessoais. Mesmo que os jovens não tenham percebido essa aproximação em um primeiro momento.

O fato do desenho e da série mostrarem a relação exacerbada das personagens com as redes sociais, fez com que os adolescentes, inicialmente, não se sentissem retratados nas narrativas. Na animação a busca pela popularidade fez com que Josie se submetesse ao desconforto e a dor para mudar a sua aparência e ter o biquinho perfeito. Já na série, para ser notada e ter boas avaliações Lacie leva uma vida extremamente artificial e fútil. No entanto, surgem algumas identificações com as posturas das personagens quando os estudantes se dão conta que eles também têm páginas nas redes sociais, que também postam pensamentos, vídeos e, principalmente, fotos e que, além disso, almejam que essas publicações sejam vistas, lidas, comentadas ou curtidas. Como também, mostraram levar em consideração a opinião de seus amigos sobre as suas postagens, algo imprescindível para as personagens.

A preocupação com a opinião de seus amigos virtuais ficou evidente nas nossas conversas quando, muitos dos estudantes, principalmente as meninas, afirmam que deletam sem pestanejar uma foto não recebeu muitas curtidas. Foi interessante perceber que os jovens criam estratégias para receber mais curtidas,

reações ou comentários nas suas postagens, principalmente de fotos. Uma das alunas chega ao extremo de escolher o horário de suas publicações para receber mais curtidas, nas suas palavras:

[...] eu sempre posto fotos depois das sete horas da noite, por que daí as pessoas tão em casa mexendo no celular. Daí tu olha ali quantas pessoas estão on-line, tem 400, 600, às vezes, mil e poucas... eu tenho 5 mil amigos já.... daí eu pego posto e daí vai dando like, se até a hora de eu ir para o colégio [no outro dia pela manhã] não tiver uns 270 likes eu já apago porque eu sei que não vai chegar nos 400 (2017).

Outra estratégia muito comum entre os adolescentes canoenses é publicar frases juntamente com as suas fotos incentivando e querendo muito que seus amigos virtuais interajam nas suas postagens, algo que já mencionei em relação às postagens da Estela, no entanto acredito que seja pertinente apresentá-las aqui, são elas: “Curte que eu chamo”, “Gosta de mim? dá um amei”, “Comenta ‘diz aí’ que eu falo o que acho sobre ti”, “Mencione teu nome que eu te confesso algo”, “Todas as perguntas feitas nesse post serão respondidas”. Além disso, eles marcam os nomes de alguns de seus amigos em suas postagens, fazendo com que os mesmos visitem sua página pessoal assim, de acordo com os alunos, a probabilidade deles curtirem ou comentarem algumas das publicações aumenta.

Também é importante mencionar que os adolescentes têm o hábito de editarem as fotos antes de publicá-las. Muitos alunos afirmam que modificam as suas fotos sempre, nem que seja somente para colocar uma moldura⁶⁸. Já, algumas das adolescentes, fazem ainda mais alterações, elas tiram espinhas, afinam a cintura, aumentam o volume dos seios, além de modificarem as cores, acrescentarem desenhos, palavras ou frases nas imagens. Para deixarem suas fotos ainda mais bonitas, receberem mais curtidas e, conseqüentemente, serem conhecidas na rede.

Essa relação entre os episódios, a vida dos alunos canoenses online e a busca por popularidade também foi destacada por um dos estudantes após assistir as narrativas, nas suas palavras “As pessoas julgam umas as outras por serem mais populares que as outras” (2017). Ele complementa afirmando que tanto as personagens quanto os alunos querem curtidas em suas publicações para serem populares na internet.

⁶⁸ Nas fotos armazenadas pelos três estudantes, Estela, Eduarda e Lorenzo, as molduras estiveram presentes em muitos desses registros, com certeza, essa foi o tipo de edição mais presente.

De forma exagerada e caricaturada os dois episódios retratam muito bem a nossa época, o nosso mais banal cotidiano. Já que ambos, desenho animado e série possibilitam que coloquemos em evidência a forma como os adolescentes estão se relacionando com as tecnologias, as redes sociais e a busca por popularidade. Questões que, em um primeiro momento, os estudantes não enxergaram relação com as suas vidas, mas quando instigados a pensar na forma como eles se portam nas redes sociais as semelhanças ficaram evidentes.

Outra questão que merece ser mencionada é que tanto a animação quanto à série retratam personagens do sexo feminino, as quais são muito ativas nas redes sociais e que almejam conquistar o olhar de seus pares. A predominância das meninas nas redes, também ficou evidente na minha pesquisa, não faço referência somente pelo fato de elas serem maior número, mas por realizarem mais postagens e por elas afirmarem que acessam ao Facebook várias vezes durante o dia.

Foi instigante perceber também, que tanto o desenho animado quanto o episódio da série apresentam em seus finais, o que me arrisco em nomear aqui como, moral da história. Na animação, a partir de seu desfecho, Josie percebe que a preocupação com a sua aparência e a busca desmedida pela popularidade transformou o seu dia em um verdadeiro inferno.

No episódio “Queda livre” Lacie, ao se dar conta que não iria ser bem avaliada pelos convidados VIPS tem um lapso de consciência e fala em seu discurso as verdades sobre a sua relação com Naomi, uma amizade embasada em exploração e interesse, desabafo que resultou na sua prisão. Ou seja, por não conseguir mais manter uma postura contida e a sua vida de fingimento ela é colocada à margem da sociedade e do sistema de avaliações mútuas. Duas morais antagônicas, já que na animação a lição é, não levar uma vida fútil. E, na série, quem opta por não ter uma vida superficial em busca de boas pontuações é excluído do convívio social.

E no Facebook? Qual é a moral da história? O que podemos aprender sobre o que é ser adolescente hoje a partir de suas interações e postagens nessa rede social? Como grande parte dos meus alunos, também sou usuária do Facebook e acompanhando algumas das suas postagens nesse site, assim, percebo que grande parte deles, especialmente as meninas, fazem novas postagens frequentemente. Como foi possível perceber na página pessoal da Estela, muitas dessas publicações são fotos que dão destaque demasiado ao seu corpo ou ainda, apresentam informações pessoais da jovem, quando convida publicamente seus amigos virtuais

para encontrá-la em um shopping ou em parques da cidade de Canoas, como também, quando divulga o número de seu celular.

Essa despreocupação com os usos que podem ser feitos das suas imagens ou dados pessoais que disponibilizam, é recorrente entre os adolescentes. Preocupação desse tipo, normalmente, é restrita aos seus pais. Assim, cabe aos adultos, em especial a nós professores, já que conseguimos conversar com muitos deles de uma só vez. Fazer com que os alunos problematizem os usos que fazem das redes e pensem na utilização indevida que pode ser realizada com as suas imagens e informações. Assim, publicar fotos com pouca roupa ou disponibilizar dados pessoais, por exemplo, não convém que seja feito na internet.

Estimular que os jovens pensem e falem sobre a sua vida online e offline é fundamental para tentarmos entender a juventude contemporânea, algo que Danah boyd (2014) fez com maestria na pesquisa etnográfica e longitudinal que realizou com os jovens norte-americanos. Assim como boyd, procuro, durante as minhas aulas, problematizar juntamente com os adolescentes os usos que eles estão fazendo da internet de maneira geral e das redes sociais em particular. Como também, acredito que esse exercício de leitura crítica de produções audiovisuais que possibilitem colocar em xeque a forma como estamos utilizando as tecnologias e interagindo no mundo virtual é uma estratégia interessante para oportunizar discussões a respeito do nosso cotidiano permeado por telas e interações virtuais.

Na análise e na categorização das fotos armazenadas pelos estudantes e daquelas tornadas públicas por Estela no Facebook, as selfies foram muito presentes. Tanto nas fotos das adolescentes, quanto nas de Lorenzo chamou a minha atenção o especial destaque que ambos deram para seus corpos transformando-os em imagens. Assim, tornou-se extremamente importante destacar e problematizar o registro da própria imagem na contemporaneidade. Devido a essa recorrência e compartilhando com Peirce (1995) a opinião do que “o que existe insiste”, é fundamental olharmos com atenção para as selfies, já que elas existem, apresentam-nos uma forma atual de dar destaque à própria imagem e insistem para serem vistas.

8 O ATO DE FOTOGRAFAR-SE: PARA PENSAR AS SELFIES

Figura 63 - Meme da internet.



Fonte – Imagem salva da internet.⁶⁹

Abro esse capítulo com um meme que circulou no Facebook no início desse ano, salvei na hora, tive certeza que ele seria útil e bastante representativo para problematizar o registro de si na contemporaneidade. Essa imagem apresenta, de forma descontraída e caricaturada a evolução das selfies em quatro anos. Para tanto, seu criador⁷⁰ faz uso da imagem de uma pintura que é um ícone da história da Arte mundial, a Mona Lisa (1503-1505) de Leonardo da Vinci. E, para apresentar as transformações que estão ocorrendo nos registros de si com o passar dos anos e com a evolução dos dispositivos móveis e dos aplicativos para a realização de edições nas

⁶⁹ Disponível no endereço: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1NHXL_pt-BRBR786BR789&biw=1366&bih=662&tbn=isch&sa=1&ei=8MoeW5_nMMWQwgTe1ajlBw&q=meme+la+evoluicon+das+selfies&oq=meme+la+evoluicon+das+selfies&gs_l=img.3...3561.10058.0.10599.8.8.0.0.0.129.990.0j8.8.0....0...1c.1.64.img..0.0.0....0.dzkHUS5bV0E#imgrc=LtOoGJuaz8_TnM

⁷⁰ É bastante difícil dar os devidos créditos para aos criadores dos memes, tendo em vista que depois que eles começam a circular na rede, podem receber outras edições e, assim, novos autores. Esse meme a respeito das selfies é um bom exemplar disso. Foi possível encontrar outras versões dele com algumas pequenas modificações, acrescentadas, provavelmente por novos autores. A respeito da autoria no memes Clícia e Martins (2018, p. 130) pontuam que: “o meme se constitui como tal a partir do momento em que é produzido, compartilhado e reproduzido na internet - quase sempre por pessoas comuns, sem qualquer preocupação com a noção de autoria, patente ou referência. Fica evidente a ausência de uma matriz, de uma referência, visto que a vitalidade do meme tem como pressuposto a liberdade para circular, para “ir e vir” nas interfaces virtuais sem deixar qualquer rastro referente a propriedade e/ou autoria”.

imagens, cria uma montagem com quatro versões da obra as quais buscam dar conta das mudanças em relação ao registro da própria imagem.

A primeira Mona Lisa acima e à esquerda dá destaque ao ano de 2015 e evidencia um estilo de selfie muito presente nas redes, gesto com uma das mãos e os lábios levemente projetados para a frente. Mesmo que esse, ou qualquer outro meme, não tenha compromisso acadêmico e pode, simplesmente, propagar esse registro visual sem restrições. Essa caracterização realizada na imagem da Mona Lisa se aproxima bastante de um dos tipos de selfie que encontrei no celular dos três adolescentes, já que em muitas das suas fotos eles olham para a câmera e, levemente, projetam seus lábios para frente. No entanto, fazer gesto com uma das mãos foi mais presente na fotos do Lorenzo do que das meninas.

Para fazer referência ao ano de 2016, o autor apresenta acima e à direita a imagem da Mona Lisa fazendo um biquinho, diferentemente do anterior, esse é bastante exagerado e pode ser comparado a *duck face*, essa expressão facial esteve muito presente nas fotos dos estudantes canoenses, como também, nos perfis virtuais de muitos famosos como illustrei anteriormente e, além disso, reproduzir esse “biquinho” era o sonho de consumo da personagem Josie no episódio “Boca de pato” da série *Titio avô*.

Em relação ao ano de 2017, a Mona Lisa aparece na parte inferior esquerda da imagem com orelhas e focinho, esse tipo de montagem nas fotos é realizada, normalmente, com o aplicativo *Snapchat*, essa edição não esteve presente nas imagens armazenadas pelos estudantes, ela apareceu em algumas das publicações imagéticas de Estela no site *Facebook*.

As edições presentes na imagem referente ao ano de 2018, que fizeram com que a Mona Lisa parecesse estar maquiada, não foram evidentes nas imagens arquivadas pelos alunos de 2014 até 2016, possivelmente por serem realizadas com um editor de imagem pouco acessível, ou, também, devido a época da coleta dos dados ser anterior a sua popularização. Contudo, em nossas conversas mais recentes Eduarda mencionou e mostrou-me como faz para aumentar o tamanho dos seus seios nas fotos, para diminuir a sua cintura, para maquiarse e disfarçar as espinhas com breves e ágeis toques na tela de seu celular. Essa constatação merece alguns comentários, antes é fundamental que os leitores saibam que essa estudante atualmente tem 15 anos, está em ótima forma física, e, mesmo assim, sente-se tentada a modificar a sua aparência antes de armazenar ou publicar as suas fotos.

A busca pelo padrão de beleza apresentado pela mídia, muitas vezes inalcançável, é recorrente no cotidiano das adolescentes e jovens. Segundo a psicanalista, coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza da PUC-Rio, Joana Novaes⁷¹, sete em cada dez mulheres brasileiras sentem pressão para serem bonitas e acreditam que a beleza é passaporte para a felicidade, e 66% delas pensam que é fundamental atender a certos padrões de beleza. Além disso, 73% acham que as mulheres bonitas têm mais oportunidades na vida.

Com os resultados de pesquisas desse tipo marcas, como a “Dove” reconhecem que é importante que todos os tipos de mulheres sintam-se representadas em seus anúncios. Assim, com o objetivo de aumentar a autoestima das mulheres, e, como consequência fazer com que elas consumam mais seus produtos, essa marca criou o slogan “Existe beleza fora da caixa” e apresenta “mulheres reais” como protagonistas dessa propaganda⁷² para, assim, desmistificar os estereótipos de beleza. Iniciativas como essa são muito importantes, porém muitas outras devem acontecer para que aos poucos as “mulheres reais” sintam-se de fato representadas e percebam que podem existir e conviver juntas diferentes belezas para além dos padrões midiáticos. Dessa forma, quem sabe, meninas como a Eduarda não queriam realizar diferentes manipulações nas suas fotos, buscando reproduzir e, principalmente mostrar, esse padrão de beleza.

Esse meme, além de oportunizar aproximações a respeito das edições presentes nas imagens salvas pelos três alunos canoenses e as manipulações que foram realizadas na imagem da Mona Lisa, possibilita outras discussões. Primeiro diz respeito à escrita em espanhol *La evolucion de la selfies*, essa inscrição deixa evidente algo que facilmente pode ser constatado durante a construção dessa tese, a febre das selfies não é uma exclusividade dos brasileiros.

Ao longo desse texto, mencionei estudos de pesquisadores argentinos e espanhóis sobre o tema, além uma pesquisa longitudinal de Danna boyd a respeito

⁷¹ Informações encontradas no site: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,amparada-em-pesquisas--dove-questiona-padroes-de-beleza,10000026643>, acessado em 03 de abril de 2018.

⁷² Nem sempre as campanhas criadas pelo conselho consultivo da marca “Dove” são felizes nas suas escolhas. No final do ano passado a empresa teve de se desculpar publicamente ao ter uma de suas propagandas acusada de ser racista. <https://epocanegocios.globo.com/Marketing/noticia/2017/10/dove-se-desculpa-por-propaganda-acusada-de-racismo.html>. Acessado em 03 de abril de 2018. No vídeo uma modelo negra “torna-se” branca após usar um dos sabonetes da linha “Dove”. Segundo a empresa a intenção do vídeo era “transmitir que o sabonete líquido de Dove é para todas as mulheres e seria uma celebração da diversidade, porém, não conseguimos”.

dos usos que os adolescentes norte-americanos fazem do ambiente digital em rede, como também, fiz referência a três produções audiovisuais que dão destaque de forma mais ou menos evidente ao registro e a exposição da própria imagem. O curta metragem *Aspirational* (o qual foi dirigido pelo Londrino Mattheus Frost), o episódio, “Queda livre” da série *Black Mirror* (produção britânica) e o episódio “Boca de pato” do desenho animado “Titio avô” (animação norte-americana). Além dessas produções, é importante mencionar que a selfie mais famosa do mundo foi realizada por uma norte-americana durante a cerimônia de premiação do Oscar no ano de 2014. Essa foto foi organizada pela apresentadora Ellen Degeneres, e, em quarenta minutos de sua publicação na internet, já tinha superado um milhão de retuítes na rede social *Twitter*. Durante três anos, essa imagem foi a mais compartilhada da história.

Figura 54 - Selfie realizada durante a cerimônia de premiação do Oscar em 2014.



Fonte – Imagem salva da internet⁷³.

Além disso, o registro visual da própria imagem foi objeto de estudo do projeto *Selfiecity*⁷⁴. Nesse estudo, o pesquisador russo, Lev Manovich teve como interesse conhecer e classificar as selfies compartilhadas na rede. Para tanto, o autor e sua equipe analisaram quantitativamente 3.200 selfies produzidas e publicadas no

⁷³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/selfie-do-oscar-perde-post-de-tweet-mais-compartilhado-da-historia-para-pedido-de-nuggets-gratis-21314764>, acessado em 21 de abril de 2018.

⁷⁴ Informações sobre o projeto podem ser encontradas nos sites, selficity.net/ e no artigo “Selfiecity: Exploring Photography and Self-Fashioning in Social Media” escrito por Alise Tifentale e Lev Manovich disponível em: https://l.facebook.com/l.php?u=http%3A%2F%2Fmanovich.net%2Fcontent%2F04-projects%2F086-selfiecity-exploring%2Fselfiecity_chapter.pdf&h=ATONV27mHR6xmp6ZNefnrEUXGjQcGmFrwVteGNzfp2WqmOZOvkioNRBpT3OoWx2sli9r_hGG_7gt_XwyMCvla233a9ioCetkyGo4-qK4kA, acessado em: 25 de abril de 2018.

Instagram durante o período de uma semana do mês de setembro de 2013⁷⁵ em cinco cidades do mundo, Bangkok (Tailândia), Berlim (Alemanha), Moscou (Rússia), Nova York (Estados Unidos) e São Paulo (Brasil).

A pesquisa comprovou que as mulheres tiram mais selfies que os homens. Em Moscou, elas tiram quase cinco vezes mais fotos de si que eles. E são os jovens os primeiros da lista de fotógrafos profissionais de si mesmos, com idade média de 23 anos. A idade média dos homens que fazem selfies é maior em todas as cidades, 30 anos. Em relação às expressões faciais Bangkok e São Paulo foram as cidades nas quais as pessoas mais se mostraram sorrindo nas fotos. Já nas poses, o destaque especial novamente é para as mulheres que fotografam a si próprias com a cabeça inclinada para um dos lados⁷⁶. Em São Paulo essa constatação foi ainda mais evidente. Assim, essa pesquisa coordenada por Manovich reitera que a produção e o compartilhamento das selfies é transterritorial (CANCLINI, 2017) e vem despertando interesse ao redor do mundo.

Ainda tendo em vista o meme que apresenta esse capítulo é importante problematizar a escolha da imagem da obra *Mona Lisa* para ilustrá-lo. A utilização dessa obra ícone da história da Arte não causa estranhamento, tendo em vista que a pintura de Da Vinci é uma das obras de arte mais famosas do mundo e, conseqüentemente, a mais conhecida.

Seu sorriso enigmático, além de ser título do longa-metragem “O sorriso de *Mona Lisa*” (2003) foi tema de discussão em uma das aulas da professora Katherine Watson (Julia Roberts), personagem principal do filme. No *best seller* “O Código da Vinci” de Dan Brown (2003), a pintura detém um importante papel. A obra de Da Vinci também foi inspiração para diferentes e renomados artistas como, Duchamp, Botero, Andy Warhol e o brasileiro, Vick Muniz.

⁷⁵ Nesse mesmo ano a palavra *selfie* foi eleita a palavra do ano pelo dicionário *Oxford*. Disponível em: <http://blog.oxforddictionaries.com/press-releases/oxford-dictionaries-word-of-the-year-2013/>, acesso em: 28 de abril de 2018. E, no ano de 2014, foram realizados 24 bilhões de postagens de selfies nos servidores do Google. Informações encontradas no site: <http://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-3619679/What-vain-bunch-really-24-billion-selfies-uploaded-Google-year.html>. Acessado em: 16 de maio de 2018.

⁷⁶ Constatações muito parecidas as que encontrei analisando as fotos presentes nos celulares dos três adolescentes canoenses. Proporcionalmente, foram as meninas que tinham mais selfies armazenadas, o que nos permite inferir que são elas quem mais produzem imagens de si mesmas, além disso, suas expressões faciais ganham mais destaques nas suas fotos, enquanto nas fotos de Lorenzo os gestos com alguma de suas mãos foi bastante comum seus registros.

Figuras 65, 66, 67 e 68 respectivamente: Imagem da obra “L.H.O.O.Q” (1919) de Duchamp, Imagem da obra “Mona Lisa” (1977) de Botero, imagem da obra “Mona Lisa” (1963) de Warhol e imagem da obra “Mona Lisa” (1999) de Vik Muniz.



Fonte: Imagens salvas da internet⁷⁷.

O fácil reconhecimento da obra no meme além de gerar graça, ao manipular um ícone da cultura visual mundial com as mesmas edições realizadas diariamente nas selfies que circulam na internet, coloca em evidência essa demanda extremamente atual, o ato de transformar o corpo em imagem.

Sobre o humor presente nessas produções, Coelho e Martins afirmam que esse “[...] é um recurso destaque no meme de internet, uma forma de comunicar algo sob

⁷⁷ Todas as imagens foram salvas do endereço: <http://www.pigmum.com/blog/35versoesdiferentesdamonalisa>, acessado em 28 de abril de 2018.

o pretexto de provocar o riso mesmo que a mensagem não seja explícita” (2018, p. 136). Ou seja, mesmo que alguém não conheça a obra em questão, ou não tenha o hábito de registrar a própria imagem, ao se deparar com esse meme, ler a frase que o acompanha e prestar atenção nas transformações que a imagem sofreu, tem indícios suficientes para achá-la engraçada.

Como mencionei anteriormente, a criação desse capítulo sobre as selfies tornou-se imprescindível após a categorização das fotos dos três adolescentes canoenses. Uma vez que, na análise das imagens colecionadas em seus dispositivos móveis e daquelas tornadas públicas por Estela no site *Facebook*, as selfies fizeram presentes em grande número.

No celular de Estela das 186 fotos salvas no período de coleta dos dados 140 eram selfies, representando mais de 75% do total das fotos. Nos 426 registros imagéticos de Eduarda contabilizei 156 selfies, as quais representam 37% de suas fotos e nas 595 imagens salvas por Lorenzo, suas 175 selfies dão conta de mais de 29% de seus arquivos visuais. Em relação às fotos postadas por Estela no Facebook, esse percentual é muito mais expressivo, já que das 86 fotos que foram tornadas públicas no período que acompanhei as suas publicações imagéticas, 79 eram selfies, quase 92% das fotos. Assim, com maior ou menor percentual nas fotos dos adolescentes a selfie foi o tipo de foto mais presente nos celulares dos três adolescentes e nas publicações de Estela na internet, por isso a importância de problematizá-las.

Essas imagens podem ser pensadas como autorretratos contemporâneos, os quais se tornaram populares com o advento dos celulares com câmera frontal e com acesso à internet, tendo em vista que o destino dessas fotos, quase sempre, é a publicação nas redes sociais. Segundo Santaella, com a popularização das câmeras digitais pessoas de qualquer parte do mundo produzem uma quantidade gigantesca de imagens, que podem ser também manipuladas com rápidos toques na tela. Assim, nos nossos dias, “quaisquer pessoas, não importa a idade, o gênero, a classe social, a formação, tornaram-se fotógrafos ambulantes [...]” (SANTAELLA, 2010, p. 189), e, complemento afirmando, produzem fotos de si mesmos freneticamente.

Fruto do interesse de ver e principalmente ser visto, esse tipo de registro imagético tornou-se viral e urgente. No texto “As faces da selfie: revelações da fotografia social” (2016) o sociólogo Francisco Coelho dos Santos chama atenção para o fato de estarmos vivendo uma nova forma de comunicação, de expressão e

apresentação de si. Assim, as selfies têm um caráter fundamentalmente social e podem nos dizer muito sobre o nosso tempo e sobre a nossa forma de inserção no mesmo. Nessa mesma direção, Santos, Colacique e Carvalho (2016) afirmam que as selfies podem ser vistas como narrativas de si mesmo, com um toque na tela essas imagens deixam transparecer a impressão que queremos causar e o momento que queremos compartilhar.

Francisco Coelho dos Santos ao discutir o papel da fotografia na atualidade menciona as mudanças na forma de fotografar e destaca a importância de o autor da imagem estar presente nesse registro. Nas palavras de Santos (2016, p. 2):

Para o fotógrafo amador dos dias de hoje, a obra, a ação ou a situação que se quer retratada não atrai o olhar da mesma maneira. Embora o retrato tenha de incluí-la, o fotógrafo deve estar dentro da imagem, desempenhar nela um papel de protagonista. Contribui para esse protagonismo a incontornável presença do rosto do autor da *selfie* em posição de destaque.

De acordo com o autor, embasado nos estudos do sociólogo alemão Simmel (1999), o rosto, ao ocupar lugar privilegiado nas fotos, narra o comportamento do homem além de expressar sua individualidade.

Para saber mais sobre os autores desses autorretratos digitais e sobre o “fenômeno selfie”, Santos (2016) propõe alguns questionamentos dos quais me aproprio nesse texto para pensar nas selfies de Estela, Eduarda e Lorenzo: O que esses instantâneos informam a respeito dos estudantes? De que modo se deve explicar o destaque social adquirido pelo que se poderia chamar de “fenômeno selfie”? De acordo com o autor, sendo a selfie realizada com a câmera voltada para si, para, em seguida, ser postada nas redes sociais, estamos diante de uma manifestação do narcisismo de seus autores e na comprovação da vaidade dos mesmos.

Constatação que pode ser comprovada na análise das fotos do Estela, Eduarda e Lorenzo, nelas foi possível perceber um exibicionismo exacerbado dos alunos, ao darem especial destaque para as suas próprias imagens, com roupas, expressões faciais, poses e gestos previamente escolhidos.

Segundo Sibilia (2008), as tendências exibicionistas e performáticas impulsionam as novas modalidades de construção e consumo identitário, numa espetacularização do eu que tem como objetivo à obtenção de reconhecimento nos olhos do outro e, principalmente, o desejado fato de ser visto. De acordo com Costa (2005), o sujeito usa sua imagem corporal para sustentar o interesse do outro por si

mesmo. E, com essa intenção, não mede esforços para se mostrar bonito e atraente, na busca constante pelo “embelezamento de si” (LIPOVETSKY e SERROY, 2015). Nesse contexto, a subjetividade é elaborada em função da superfície visível do corpo, que se torna um campo propício para a definição do que cada um é. Assim, conforme Sibilia (2008) no mundo das aparências, cada um torna-se aquilo que mostra de si.

Nessa mesma direção, Evelyn Pereira (2016) afirma que, as imagens que divulgamos de nós mesmos apresentam “quem somos” ao outro. Com a produção do corpo em imagem, conseguimos mostrar o melhor ou o pior de nós, igualmente é possível produzirmo-nos em muitas versões, que podem ser aperfeiçoadas, com a utilização de filtros e edições, além disso, essas imagens, muitas vezes, são “purificadas” de toda imperfeição que o corpo na sua forma orgânica pode aparentar. De acordo com a autora é nessa experiência, que as pessoas, em especial para esse estudo, os adolescentes, veem seus defeitos e aprendem a disfarçá-los, testando quais são seus melhores ângulos, a expressão facial que mais lhes favorecem e as poses que destacam o que eles têm de melhor. Esse processo é denominado por Pereira como “pedagoselfies”, assim, os jovens constroem suas identidades, já que, na relação que estabelecem com as imagens produzidas de si mesmos, criam suas noções do eu.

De acordo com Pereira (2016), tirar selfies é uma forma divertida de mostrar para quem quiser ver sua autoconfiança, personalidade e estilo na hora de se vestir, maquiar e arrumar o cabelo. No entanto, a pesquisadora chama atenção para o fato de que, para transformar o corpo em imagem, é preciso planejar esse registro previamente. Há arte por trás das selfies que se destacam na multidão e que ganham um espaço nas páginas pessoais dos seus amigos as quais, conseqüentemente, conquistam muitos olhares e admiradores.

É inegável a “revolução” no campo da visualidade causado pelas selfies. Segundo Pereira (2016), com a possibilidade de produzir imagens sozinhos e a câmera frontal do celular servindo de espelho os adolescentes sentem-se livres e desinibidos para ensaiarem seus melhores ângulo, as poses e as partes do corpo que querem evidenciar, o melhor biquinho, ou sorriso, enfim, a melhor forma para apresentarem-se em imagens. Nas palavras da pesquisadora: “A câmera frontal dos smartphones impulsionou a explosão de autorretratos que circulam aos montes na cultura ocidental, onde tudo pode virar – e, de fato, vira – imagem” (PEREIRA, 2016, p.72).

Conforme Pereira, a imagem refletida no espelho nunca é a mesma imortalizada na imagem. É por essa razão que transformar o corpo em uma “boa imagem” torna-se uma prática importante e, ao mesmo tempo, difícil para os adolescentes deste tempo. Tendo em vista que esta imagem mostra “quem somos” não só aos outros, mas a nós mesmos. Nas fotos postadas nos perfis das redes sociais, as curtidas, em maior ou menor número, são um termômetro que mede o grau de aprovação para o registro publicado. Ou seja, quando uma selfie recebe muitos *likes* ou comentários positivos, surge em seu autor um senso de realização e autoconfiança.

A interação que as curtidas e os comentários podem proporcionar nas redes sociais faz dessas funções partes importantes das “pedagoselfies”. De acordo com Pereira, o processo de aprendizagem “envolvendo tirar uma foto de si e publicar nas redes sociais inclui o sucesso imagético deste corpo que ‘deixa de ser’ orgânico e se torna editável, publicável, ‘pixelado’” (2016, p. 97). A autora pontua ainda que a partir das “pedagoselfies”, aprende-se a produzir uma bela imagem do corpo. Uma vez que, a produção do corpo em imagem exige algumas habilidades para que o resultado almejado seja atingido. Como saber posicionar o celular, não tremer a mão, procurar uma boa iluminação, além de escolher as edições que darão maior destaque e qualidade para a imagem.

A esse respeito lembrei-me de uma das conversas que realizei em uma turma de 7º ano em relação às fotos que eles produzem de si próprios para depois publicá-las na internet. Muitos dos alunos afirmaram que publicam fotos suas frequentemente. Uma das estudantes chamou atenção para os cuidados que tem para produzir uma boa imagem de si mesma, de acordo com a adolescente, ela não tira fotos de baixo para cima, pois desse jeito fica “muito gorda” e “aparece a papada” e que as fotos de cima para baixo “achatam”.

A adolescente disse também que procura tirar as suas selfies com o celular na mesma altura de seu rosto, pois, assim, as fotos ficam melhores. Ela mencionou ainda que, às vezes, faz algum gesto com uma das mãos, quando a questionei a respeito do significado desses gestos, ela afirmou que não sabia e disse que quando os faz tem a intenção de deixar a foto mais divertida. Esses comentários da aluna chamam atenção para seu aprendizado em relação a transformar seu corpo em imagem, buscando a sua melhor versão.

Esse interesse em transformar o corpo em uma bela imagem remete ao que Denise Sant'Anna (2002) chama de "marketing privilegiado do eu", no qual tudo no corpo é preparado para ser visto, exposto e colocado em pose. Reiterando a preocupação que existe em produzir e mostrar a melhor imagem de nós mesmos.

De acordo com Pereira (2016), as selfies são muito produtivas na composição de narrativas autobiográficas, muitas vezes, elas são produzidas com o objetivo de mostrar o que temos de melhor, tanto para os olhares estrangeiros, quanto para nosso próprio olhar, além, é claro, de esconder, ou disfarçar nossos defeitos. Para tanto, é preciso aprender a produzir-se em imagem. Segundo a autora, é necessário fazer muitas selfies até que se alcance o resultado desejado, é importante desenvolver habilidades para criar o cenário, escolher a roupa, a expressão, a pose, o ângulo da câmera, para, enfim tornar pública a nossa mais bela versão.

É bastante comum encontrar artigos e pesquisas que relacionam a produção de selfies ao narcisismo, à autopromoção e à atenção para a própria imagem, essa busca por mostrar em imagens o que se tem de melhor, nas situações mais propícias, como festas, encontros, passeios. Em contrapartida, também é possível se deparar com discussões que problematizam as selfies para além do estereótipo de adolescentes meninas fazendo biquinho na frente do espelho. Leonardo Pastor, afirma que relacionar as selfies exclusivamente como uma representação do individualismo, seria uma "purificação dos híbridos relacionados à fotografia cotidiana atual e, assim, um ofuscamento da própria prática e das experiências que a envolvem" (2017, p. 159). Conforme o autor, generalizar esse fenômeno, e enquadrá-lo antecipadamente como o resultado de uma cultura contemporânea narcisista, encobriria a própria prática da selfie.

Nessa mesma direção, o nono volume da "Revista Internacional de Comunicação" publicada em 2015 apresenta uma sessão especial com 19 artigos que têm como tema de discussão as selfies. O primeiro artigo, "*Selfies Introduction: What Does the Selfie Say? Investigating a Global Phenomenon*" de Theresa Senft e Nancy Baym, introduz a temática e chama atenção para o fato de autores de diferentes lugares e com diversificados pontos de vista problematizarem as selfies e dar para esses registros imagéticos o lugar de destaque que eles merecem, para além da moda, ou do exagero de relacioná-los sobremaneira à ideia de exibicionismo. Mas sim, buscam entender a selfie como uma prática cultural.

Dentre todos esses textos, um chamou especialmente a minha atenção por fazer referência ao Brasil, *Empowering the Marginalized: Rethinking Selfies in the Slums of Brazil*⁷⁸(2015), nesse artigo, os autores David Nemer e Guo Freeman descrevem um estudo etnográfico que realizaram em uma favela localizada na cidade de Vitória/ES, com interesse de entender como esse grupo, que é uma parcela marginalizada da população faz uso das selfies em suas interações virtuais, principalmente pelo Facebook.

Durante seis meses os pesquisadores observaram os adolescentes fazendo uso dos seus celulares, além disso, realizaram com eles 56 entrevistas. Com a análise dos dados, os autores comprovam que os adolescentes moradores dessa favela têm o costume de tirar e publicar selfies, no entanto, suas postagens não têm como intenção somente conquistar olhares e se autopromover.

Frente à complexa e dura realidade social na qual eles vivem, com frequentes guerras entre traficantes e policiais, suas selfies mostram ao mundo que estão vivos. Além disso, as fotos que tiram de si exercem um ato de autorreflexão, de liberdade de expressão e são uma forma de conexão e comunicação com seus iguais. Nas redes sociais, a selfie deixa de ser uma pura presença de seu produtor para se transformar em um fato sociocultural. Assim, a imagem de si mesmo divulgada na internet traz à tona a necessidade de se comunicar através de uma forma bem precisa, socialmente compartilhada e rapidamente reconhecível.

Dessa forma, a selfie se desenvolve como uma prática de relação como o outro, além de compartilhar uma intimidade relacional. Assim, os celulares e a internet não são apenas ferramentas, mas uma parte da vida social, comunicacional e psicológica de seus usuários. De acordo com Pastor (2016), o instante da produção e o posterior compartilhamento das selfies são mais importantes que a própria imagem. O importante é perceber a prática, o processo fotográfico. Como qualquer ato de expressão, as selfies são intencionais e oferecem reflexões e interpretações culturais.

Ainda com o interesse de pensar o registro da própria imagem como um ato de expressão, comunicação e uma prática cultural, lembrei-me das recentes selfies tornadas públicas pela artista estadunidense Cindy Sherman em sua página pessoal

⁷⁸ Nesse link: <http://ijoc.org/index.php/ijoc/issue/view/11#more4> é possível ter acesso ao artigo mencionado e aos outros 18 textos que colocam a produção das selfies no centro da discussão. Acessado em: 21 de abril de 2018.

no site Instagram⁷⁹. Nelas, a artista se mostrar de maneira nada convencional com maquiagem, poses e distorções digitais em obras especialmente criadas para a rede⁸⁰.

8.1 O QUE NOS DIZEM AS SELFIES DE CINDY SHERMAN?

Figuras 69, 70 e 71 – Selfies de Cindy Sherman com edições.



Fonte - Instagram da artista⁸¹.

Cindy Sherman é uma renomada artista norte-americana que tornou-se conhecida por seus autorretratos conceituais. Desde a década de 70, a artista produz fotos de si mesma. Seu primeiro grande trabalho foi uma série de 70 fotografias: *Untitled Film Stills* (Fotografias de Cena sem título). Nessas fotos Sherman apresenta e questiona ícones de feminilidade, criados pela televisão e pelo cinema. Desde então, a artista usa seu corpo para dar vida a diferentes personagens. Suas fotografias são agrupadas em séries e cada imagem é tão peculiar, que seu rosto por trás de tantos disfarces torna-se irreconhecível.

⁷⁹ Lançado em 2010, o Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários. Nas postagens é possível aplicar filtros digitais, acrescentar desenhos, palavras e textos, além de compartilhar com seus seguidores a sua localização. E desde de a sua criação vem passando por diferentes atualização, como a postagens de vídeos, por exemplo, tornando-se a cada atualização ainda mais atrativo para os seus usuários. Informações encontradas no site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>, acessado em 05 de junho de 2018.

⁸⁰ Informações encontradas no site: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/08/11/Cindy-Sherman-abre-seu-Instagram.-Qual-%C3%A9-o-lugar-dessa-rede-social-na-arte>. Acessado em 13 de jun de 2018.

⁸¹ A página pessoal de Cindy Sherman no *Instagram* está disponível no endereço: <https://www.instagram.com/cindysherman/?hl=pt-br>, acessado em 09 de junho de 2018.

Nas obras realizadas pela artista na década de oitenta é possível perceber, a partir da representação de corpos femininos abjetos, o questionamento dos padrões de beleza socialmente atribuídos para as mulheres, segundo a artista o feio e o indesejável lhe encantam (GROSENICK, 2001). Assim, não causa estranhamento que as suas fotos mais recentes sigam nessa direção e problematizem a busca incansável de muitas mulheres por transformar seus corpos em imagens perfeitas. Segundo André Feitosa (2011), Cindy Sherman em fotografias como, *Untitled #175* de 1987⁸², põe em foco figuras que explicitam o lado não consolidado do belo e questionam valores de normalidade presentes nas culturas ocidentais. Suas fotografias exploram características obscuras que são normalmente associadas ao universo feminino, como a loucura, a clausura doméstica, mulheres de corpos incongruentes ou mesmo vítimas de violências físicas. Essas ponderações de Feitosa (2011), ao trabalho fotográfico já consagrado da artista podem, em certa medida, serem atribuídas também às suas selfies publicadas no Instragram.

Recentemente são as suas selfies que têm chamado a atenção. No final do ano passado, a artista tornou pública sua página pessoal no Instagram, dentre as suas postagens, destacam-se os registros que a artista tem feito da sua própria imagem. Nelas, Sherman não procura mostrar uma bela imagem de si mesma, pelo contrário, ela parece questionar essa popularização do registro da própria e impecável imagem. Suas fotos são conceituais, fazem pensar e distanciam-se de quaisquer estereótipos de beleza. Diferentemente das fotos dos alunos canoenses que, de maneira geral, almejam reproduzir os padrões de beleza vigente em busca de uma boa repercussão dos seus registros imagéticos. Segundo Lipovetsky e Serroy (2015, p. 376), o autorretrato contemporâneo:

[...] se afirma como um modo de vida cada vez mais banalizado, como compulsão de se comunicar e de 'ser descolado', mas também como marketing de si, cada qual procurando ganhar novos 'amigos', procurando valorizar seu 'perfil' e encontrando uma gratificação na aprovação de si mesmo pelos outros [a selfie] traduz uma espécie de estética de si que ora é um donjuanismo virtual, ora um novo Narciso no espelho da tela global.

⁸² Obra disponível no link: <http://www.artnet.com/artists/cindy-sherman/untitled-175-a-LYuqAlr3BnjZdYAcwuQww2>, acessado em 06 de junho de 2018.

Já nas selfies postadas por Sherman⁸³ pode-se perceber uma certa sátira da artista em relação as selfies que proliferam a cada segundo nas redes sociais, as quais, normalmente retratam momentos felizes e são produzidas para se autopromover e conquistar seguidores. Com seu Iphone a artista produz fotos de si mesma e utiliza aplicativos de edição de imagens como Facetune, Perfect365 e YouCam Makeup para modificar, distorcer e deformar a sua própria imagem. Longe de querer ser admirada por sua beleza ou fotogenia, Sherman usa essas ferramentas, que surgiram para corrigir quaisquer imperfeições e deixar as pessoas ainda mais bonitas, de uma forma não ortodoxa e, dessa forma, questiona hiperexposição que as pessoas estão dando para as suas próprias imagens. Ao mostrar seu rosto retorcido, deformada, próximo ao grotesco (Victor Hugo, 2007), Sherman problematiza o ato de fotografar-se e põe em xeque esse hábito contemporâneo de registrar a própria imagem e tornar esse registro público. O que Pastor (2016, p.19), pontua sobre o registro da própria imagem me parece ter alguma aproximação com as selfies produzidas pela artista de acordo com o autor a selfie:

[...] demonstra, para além da aparente banalidade de uma produção de autorretratos instantâneos, possíveis formas de relação com a própria aparência ou como uma experiência lúdica de proximidade. Nessa partilha de intimidade – numa comunhão de esferas relacionais –, visualiza-se também o hibridismo com o próprio aparelho. A prática do selfie surge misturando-se com uma longa rede imagética e cultural de autorretratos, associado às potencialidades comunicativas do smartphone.

Nesse sentido, para além da futilidade de mostrar-se bela e rodeada de amigos em um momento de confraternização, as recentes selfies de Sherman possibilitam a artista continuar fazendo diferentes experiências com a sua própria imagem, transformando-se em outras pessoas, algo que ela já fazia com seus autorretratos conceituais, no entanto, agora, essas experimentações são realizadas com rápidas sequências de toques na tela do seu celular e, ao serem disponibilizadas na rede, podem ser acessadas por qualquer um em qualquer lugar do mundo.

Além disso, suas selfies nos permitem problematizar a popularização do registro de si na contemporaneidade. Isso é algo que tenho procurado fazer em

⁸³ Algumas das informações a respeito das recentes publicações imagéticas da artista no *Instagram* foram encontradas nos sites: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2017/aug/09/cindy-sherman-Instagram-selfies-filtering-life> e <https://www.wmagazine.com/story/cindy-sherman-Instagram-selfie>, acessados em 30 de maio de 2018.

diferentes momentos desse texto, e que ao mesmo momento, tenho cuidado de não ser simplista e de não apresentar generalizações, mas trazer pontos de vista a partir de diferentes perspectivas teóricas. Nesse sentido, assim como Pastor (2017), evito um posicionamento prévio de julgamento desse fenômeno contemporâneo, que diz respeito à produção e o compartilhamento das selfies, classificando-as como nociva e narcisista, ou, de maneira contrária, tratando-as como libertadoras e revolucionárias. Em vez disso, de forma muito parecida ao autor, procurei problematizar a sua complexidade.

Sem a pretensão de classificá-las, as selfies de Sherman podem ser vistas como uma sátira que encoraja a reflexão a respeito da produção dessas imagens e sobre o uso crescente de aplicativos para a sua manipulação. Além de representar uma nova faceta no trabalho da artista, sua série de selfies problematiza o ato de se fotografar e fazer desse registro público, pondo em discussão o narcisismo imaginário da contemporaneidade. Por outro lado, as produções de Sherman e a infinidade de selfies produzidos por pessoas comuns em todo o mundo transformam o ato de se fotografar em uma forma de expressão que diz muito sobre a sociedade contemporânea. Assim, para além de qualquer rótulo, a discussão sobre as formas como se tem transformado o corpo em imagem, propõe pensar as imagens de si como um modo de existência de seus autores a partir de uma lógica de instantaneidade, compartilhamento e comunicação (PASTOR, 2017).

Trazer para a tese as atuais selfies produzidas por uma famosa retratista conceitual, não teve como intenção categorizá-las, ou, somente, compará-las com os registros de si realizados pelos adolescentes canoenses. Integrá-las a essa discussão teve como principal interesse pensar essa produção contemporânea a partir de suas complexidades, tanto no momento de sua criação, quanto no momento em que esse registro é publicizado. Além disso, fazer referência as selfies produzidas por Sherman, evidenciam a potencialidade que essas imagens podem ter para a discussão a respeito da forma como determinados padrões de beleza são reforçados enquanto outros são colocados à margem.

No próximo e último capítulo, apresento algumas considerações sobre essa pesquisa, primeiro com tom de desabafo, pois, após vivê-la tão intensamente, é difícil dar a ela um ponto final. Em seguida, estabeleço algumas relações entre os arquivos visuais presente nos celulares dos três alunos buscando aproximações e diferenças. Além disso, e, talvez, a contribuição mais importante que essa tese pode trazer para

os professores, reitero a importância de as tecnologias, em especial o celular, encontrar um espaço para seu uso pedagógico dentro das engrenagens tão sedimentadas da escola, um assunto controverso, mas, da mesma forma, fundamental na contemporaneidade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA QUE CONTINUEMOS PENSANDO NA RELAÇÃO DOS ADOLESCENTES COM OS CELULARES E O UNIVERSO VISUAL

Figura 72 – Fim da tese.



Fonte – Imagem salva da internet 62⁸⁴.

Chegar ao último capítulo dessa tese, traz à tona dois sentimentos, o primeiro é de extrema alegria por ter concluído essa etapa tão importante da minha formação acadêmica, o curso de doutorado, algo que tanto almejei, e que, por isso, realizei com muita seriedade, comprometimento e dedicação. Felizmente, diferente de muitos relatos que já ouvi, a realização dessa pesquisa em momento algum foi sofrida, maçante ou desinteressante, pelo contrário foi, muitas vezes, empolgante e prazerosa. Nesse sentido, segui à risca as palavras de Umberto Eco (2010) e me diverti durante a realização dessa tese. Além disso, estudar, pesquisar, ministrar aulas e conviver com os adolescentes sempre foram momentos de muito aprendizado. Assim, essa pesquisa deu-me a oportunidade de conciliar dois importantes interesses da minha vida profissional e acadêmica, a pesquisa e a docência. Como não estar realizada e contente?

⁸⁴ Imagem disponível no endereço:
https://www.google.com.br/search?q=imagem+fim+da+tese&rlz=1C1NHXL_pt-BRBR786BR789&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwii27OTopTbAhUKHpAKHZb3DZsQ_AUICigB&biw=1366&bih=613#imgsrc=7-NGSWv_3VleBM:

Infelizmente, não são somente momentos de felicidade que me acompanham com a escrita dessas últimas palavras, o sentimento de nostalgia está latente. Como dar um ponto final nesse estudo? Como abandonar essa pesquisa? Como deixar para trás todas as indagações e incertezas que estiveram presentes em meus pensamentos nesses quatro anos? Mesmo sabendo que dificilmente conseguiria dar conta de todas as discussões que o contato com o universo visual produzido e publicado pelos alunos proporcionaria.

Finalizar essa pesquisa não está sendo fácil, tenho certeza de que essa dificuldade está diretamente ligada a sensação de incompletude que um estudo como esse pode suscitar, pois a sensação é a de que essa pesquisa nunca ficará pronta, porque nunca terei as respostas para todas as perguntas. Assim, admito e assumo as possíveis limitações dessa tese, já que, a partir das escolhas que foram feitas, algumas discussões foram mais aprofundadas do que outras. Com isso, seu caráter aberto e contingente a acompanham e possibilitam que ela continue em construção.

A forma como os jovens se relacionam com os aparelhos celulares e com a visualidade deve continuar sendo objeto de interesse em outros estudos. Essa demanda permanecerá relevante, pois, a cada dia, com os avanços tecnológicos acontecendo de maneira desenfreada, as tecnologias que conhecemos hoje brevemente passarão por reformulações ou se tornarão obsoletas, fazendo com que outras as substituam. Assim, surgirão celulares mais modernos, com novos aplicativos à disposição e com diferentes possibilidades de interação, como também, novas formas de produzir, armazenar e compartilhar conteúdos. Nesse sentido, Morduchowicz pontua que: “volvemos a encontrar con nuevos cambios tecnológicos y, my posiblemente, con un adolescente distinto” (2014, p. 132). Dessa forma, como em um efeito cascata, pode-se prever que as novas possibilidades de interação com as tecnologias acarretarão mudanças na forma como os jovens interagem com esses meios, como relacionam-se com o outro, como constroem seu conhecimento e, conseqüentemente, em uma maneira distinta de ver, sentir e estar no mundo.

Nesta tese, além de observar os adolescentes canoenses fazendo uso do aparelho celular, em diferentes momentos da rotina escolar, do questionário que responderam, das três entrevistas semiestruturadas que realizei e das nossas conversas sobre a forma como se relacionam com seus pares por meio desse dispositivo móvel, tive acesso as imagens armazenadas nos celulares de três adolescentes, como também, conheci as fotos publicadas por um deles no *Facebook*.

Com a análise desse universo visual, tive pistas sobre os interesses, os gostos e os anseios desses alunos. O que possibilitou a mim professora/pesquisadora conhecê-los melhor, e ao saber mais sobre eles pude compreender um pouco melhor os adolescentes estudantes da escola, já que seus comportamentos perante seus pares e os usos que fazem do celular são muito semelhantes. Eles acessam os mesmos sites, escutam as mesmas músicas e trocam muitas mensagens entre si no turno inverso da escola. Além disso, o que foi um dos dados mais significativos encontrados nessa pesquisa é: eles produzem, armazenam e compartilham muitas imagens entre eles próprios.

Segundo Morduchowicz (2008), o acesso à tecnologia e a maneira como os jovens a usam é muito semelhante em diferentes lugares e em diferentes classes sociais. Talvez, um garoto argentino tenha mais afinidade com um adolescente de Paris ou de São Paulo, do que com um garoto da zona rural da própria Argentina, porque o que os aproxima, o que os unifica, é o uso que fazem da internet.

Nesse sentido Canclini (2017) afirma que a circulação digital é transterritorial, assim, o acesso à informação e ao entretenimento transcendem as fronteiras nacionais sem eliminá-las. Para o autor, a forma de recepção é que se transformou: hoje podemos assistir a um filme, ler um jornal, escutar músicas e muitas outras coisas, não importando o lugar onde estejamos. Segundo Couto Júnior (2015), um internauta que navega na Europa pode usufruir dos mesmos conteúdos da *Web* daqueles que estão conectados à internet na América Latina, e todos usufruem de um mesmo ambiente virtual no qual todos têm a possibilidade de estar em contato permanente. De acordo com Lemos (2009), o ambiente virtual possibilita a disseminação dos conteúdos e informações de qualquer lugar do planeta, sem que para isso sejam necessários grandes investimentos financeiros.

Santaella (2007, p. 134) destaca o importante papel dos aparelhos celulares para a disseminação dos conteúdos ao afirmar que: “com o surgimento dos aparelhos portáteis, textos, imagens e sons tornaram-se ubíquos, enquanto os celulares vão ficando cada vez mais turbinados, circulando por todo o canto”.

Nesse último capítulo, é importante revisitar as perguntas que nortearam essa pesquisa. Ao apresentá-las novamente, minha intenção é aparar as possíveis arestas e propor um encerramento, por ora, para as discussões propostas.

A primeira interrogação: Como os adolescentes se relacionam com a visualidade a partir da incursão das tecnologias digitais? Faz referência ao universo

visual acessado pelos adolescentes a partir das tecnologias, em especial para esse estudo, qual a visualidade acessada pelos estudantes com a utilização dos celulares.

Foi possível perceber, tanto pelas suas falas, quanto pelas respostas nos questionários e por observá-los interagindo com seus celulares diariamente, que a produção, a edição e o compartilhamento de imagens fixas ou em movimento é bastante comum para esses estudantes. Assim, grande parte do universo visual a que eles têm acesso atualmente são imagens produzidas por eles mesmos, por seus amigos, ou aquelas que circulam nas redes sociais. Esse universo visual se apresenta de modo interativo e fácil para os adolescentes pelo simples ato de deslizar o polegar (SERRES, 2013) pela tela do celular. Nessa mesma direção, Santaella (2010), afirma que a popularização dos celulares com câmera possibilitou a produção de imagens em grande escala, a autora menciona ainda que, nesses aparelhos com telas sensíveis ao toque, as produções imagéticas podem ser facilmente manipuladas.

Frente a essa constatação, tornou-se instigante conhecer as imagens que alguns desses adolescentes escolheram manter armazenadas em seus dispositivos móveis, a partir do questionamento: Quais registros imagéticos os adolescentes canoenses mantêm salvos em seus aparelhos celulares? Após conhecer os 1082 registros armazenados pelos adolescentes e olhar com atenção para cada um deles, foi possível constatar que, as imagens que retratam pessoas, foram as mais presentes nos celulares dos três adolescentes. E, dentro desse grupo, aquela que se mostrou em maior número, novamente para os três adolescentes, foram fotografias realizadas por eles mesmos, nas quais seus rostos eram mostrados de forma destacada, as selfies.

Nessas fotos eles se mostravam, principalmente, sorrindo, fazendo “biquinhos” ou caretas e, nas suas imagens mais recentes, as edições tornaram-se bastante evidentes com a intenção de mostrá-los ainda mais bonitos. O que essas fotos podem nos dizer sobre esses três adolescentes? Essa curiosidade deu origem à terceira pergunta: É possível entender a juventude contemporânea, representada aqui por três adolescentes da cidade de Canoas, pelas imagens que eles produzem? Da mesma forma que Coelho (2013) apontou em sua dissertação de mestrado e levando em consideração os comentários de Estela e Eduarda sobre as suas fotos, também acredito que os seus arquivos visuais diziam bastante sobre eles. Entendo que as fotos que são eleitas para serem mantidas salvas ou aquelas que ganham ainda mais

visibilidade nas redes sociais carregam significados e por isso dizem muito sobre seus autores.

Ao ter acesso aos registros visuais de Estela, Eduarda e Lorenzo tive indícios sobre seus gostos, seus interesses, a vontade de estarem sempre rodeados de amigos e familiares, seus desejos de serem vistos e admirados, as músicas que ouvem, sobre as festas que frequentam. Mesmo que Lorenzo não tenha chegado a essa mesma conclusão, acredito que seus registros visuais, por serem em maior número e mais diversificados, deixaram ainda mais evidentes a forma como vive a sua adolescência nesse mundo hiperconectado e saturado de imagens no qual está inserido.

Estela, Eduarda e Lorenzo são três estudantes moradores de Canoas, que vivem grudados em seus celulares e que são muito ativos nas redes sociais, além disso, produzem fotos frequentemente. Com a análise desses registros imagéticos, não tive a intenção de comparar as produções visuais dos estudantes levando em consideração seus gêneros: feminino e masculino. No entanto, algumas pequenas aproximações e diferenças ficaram bem evidentes.

Nas imagens armazenadas pelos três estudantes e nas fotos publicadas por Estela, as selfies estiveram presentes em maior número. Nelas ficou evidente a vaidade dos alunos e o desejo em conquistar olhares, especialmente dos amigos. Fato facilmente comprovado em nossas conversas: “Eu marco meus amigos nas fotos, porque daí eles olham a foto e acabam curtindo” (Estela, 2016).

Diferentemente de alguns estudos apontados na tese, os quais analisam as selfies para além da autopromoção e do narcisismo (NEMER e FREMAN, 2015, PASTOR, 2017, KOZINETS, GRETZEL e DINHOPL,2017⁸⁵), nas selfies dos alunos o desejo de mostrar-se, ser visto e transformar o corpo em uma bela imagem ficou evidente. Tanto em relação às fotos que são eleitas pelos adolescentes para serem publicadas, quanto nas suas falas: “Eu quero que as pessoas olhem as minhas fotos e me achem bonita” (Eduarda, 2017). Ou seja, mais importante do que ser bonito fora do ambiente virtual é imprescindível parecer “bem na foto”, nas telas. “Queria pedir desculpas a quem me acha linda no Facebook e vê a decepção pessoalmente” (2018). Esse desabafo de Estela, que foi copiado de sua página pessoal no Facebook, vai,

⁸⁵ Esses três autores norte-americanos afirmam que as selfies podem revelar muito mais do que o narcisismo de seus autores. Elas são um atitude de autorreflexão, comunicação, além de serem um ato cultural e um apelo à conexão, (KOZINETS, GRETZEL e DINHOPL,2017).

justamente, nessa direção, a aluna reitera seu esforço para produzir e publicar uma bonita imagem de si mesma. E, ao se julgar menos bonita pessoalmente, conquista mais olhares e sua postagem repercute já que seus amigos reiteram a sua beleza nos comentários, “Cara, tu é linda”, “Tu é a coisa mais linda desse mundo”.

Outra aproximação interessante, está no fato dos três adolescentes manterem armazenadas fotos de seus familiares, especialmente de suas mães. No aparelho celular de cada um deles haviam fotos das suas genitoras, inclusive em selfies. Sobre as fotos que escolhem manterem salvas, os jovens afirmaram que mantêm em seus aparelhos as fotos das pessoas que gostam e em momentos felizes, além, é claro, das suas melhores selfies. Esse mesmo critério, parece ser o eleito em relação à escolha das fotos que serão publicadas na rede.

Pounders, Kowalczyk e Stowers (2016) ao estudarem as motivações para a produção e compartilhamento de selfies, perceberam que as pessoas não se esforçam para parecerem autênticas nos registros das suas próprias imagens, em vez disso, procuram se mostrar felizes e com boa aparência, independente de como realmente se sintam. Segundo os autores, tirar e publicar selfies felizes e receber um *feedback* positivo, a partir de um grande número de curtidas recebidas, por exemplo, impulsiona a autoestima.

Nas fotos armazenadas nos celulares dos adolescentes, foi possível perceber algumas diferenças entre os registros das meninas e as imagens presentes no celular do Lorenzo. A primeira especificidade está na quantidade de registros, além do estudante ter um número maior de imagens salvas, elas eram mais variadas. As meninas tinham salvas somente fotografias, já Lorenzo também mantinha armazenado, memes, imagens salvas da internet e, ainda, algumas de suas conversas pelo aplicativo *WhatsApp*.

A presença de gestos com uma das mãos nas selfies foi bastante comum nas fotos de Lorenzo, muito mais do que nas das adolescentes. Nas fotos do adolescente também ficaram evidentes o seu interesse por carros e motos velozes, dando ênfase ao seu espírito aventureiro.

Da mesma forma que Clícia Coelho (2013), acredito que quaisquer aproximações entre as imagens salvas nos celulares dos adolescentes com as suas vidas não é casualidade. Longe disso, assim como a autora percebi que os estudantes não desejam armazenar imagens que lhes sejam alheias, distantes do seu cotidiano.

Ao contrário, eles arquivam registros visuais “que os toquem, os mobilizem porque dizem respeito ao que vivenciam” (COELHO, 2013, p. 152).

Conforme Fernandes e Amorim (2017), as fotos produzidas hoje são imagens que nos passam, elas não têm bordas, não podemos tocá-las, não podemos sentir a sua textura com os nossos dedos, pois pouquíssimas conquistarão alguma materialidade tátil. Reproduzidas nas telas, é difícil “isolá-las das palavras, das intervenções, dos contextos. Imagens que aparecem e reaparecem, que vão e voltam no tempo, que se recombina e mudam de sentido mais rápido do que podemos dissecá-las” (FERNANDES e AMORIM, 2017, p.184). Ao mesmo tempo, aquelas selecionadas para serem mantidas salvas são imagens tocantes e que têm importância para quem decide carregá-las consigo, mesmo que em formato digital.

Comentadas as aproximações e diferenças nas fotos armazenadas pelos três adolescentes, é imprescindível eu dar um destaque maior para os registros visuais de Estela. Essa atenção especial se justifica, já que pude ter acesso às imagens produzidas pela adolescente em dois momentos distintos. Primeiro, no final do ano de 2014 quando a estudante permitiu que eu conhecesse as imagens que mantinha armazenadas no seu celular. Depois de quase dois anos, acompanhei as suas publicações imagéticas no site de relacionamentos *Facebook*.

Nesse período, que separa a coleta dos dados de suas postagens, foram evidentes as transformações na forma que a aluna transforma seu corpo em imagem. As primeiras mudanças dizem respeito a sua forma física. Em 2014 ela se mostrava mais infantil, tinha o rosto mais arredondado e suas sobrancelhas eram pouco marcadas. Além disso, muitas de suas fotos apresentavam algum problema de foco, como também, enquadramentos descuidados.

Em 2016, a jovem está com o rosto mais fino, as sobrancelhas bem marcadas e cabelo alisado. Além disso, ela se mostrou mais vaidosa por estar sempre maquiada e por utilizar acessórios como, colares e brincos. Sua imagem, nesse momento, pouco lembra a pré-adolescente das fotos anteriores.

Também foi possível perceber a qualidade de seus registros, tanto em relação ao foco, como na escolha dos ângulos e dos enquadramentos, tudo muito bem pensado para mostrar o melhor de si. Fatos que comprovam algo que Pereira (2016) mencionou na sua pesquisa, transformar o corpo em uma imagem bonita é um aprendizado que se concretiza após muitas tentativas, muitos erros, para alcançar o resultado desejado. E, em relação ao aprendizado necessário para transformar o

corpo em uma bela imagem, Estela mostrou-se uma ótima aluna e atingiu com êxito o objetivo almejado⁸⁶.

Essa tese não teve como interesse apenas conhecer os registros visuais dos alunos, categorizá-los e apresentá-los. Essa pesquisa teve como objetivo, também, entender os usos que os estudantes fazem dos seus dispositivos móveis, ouvi-los a esse respeito, além de pensar na potencialidade dos celulares para a educação. Uma vez que, como já foi mencionado anteriormente, os celulares estão presentes em praticamente todas as casas e quase a totalidade dos adolescentes possuem um aparelho só para si e têm dificuldade de pensar em suas vidas sem a presença desse dispositivo móvel.

O grande atrativo desse aparelho está nas suas funcionalidades, desde aquelas consideradas mais convencionais como, a realização de cálculo com calculadora, a audição de músicas pelo rádio e a produção de vídeos e imagens com câmera fotográfica, por exemplo, até a utilização de aplicativos que podem ser baixados pela internet. Ou seja, com os celulares sempre ao alcance das mãos, os adolescentes têm diferentes aplicativos à disposição e muitas formas de interação com os amigos, além de manterem-se informados sobre os acontecimentos diários e terem a possibilidade de produzir, armazenar e compartilhar conteúdos nas redes. Mediante as facilidades da utilização desses diferentes recursos presentes no celular, fica nítida a possibilidade de sua utilização em sala de aula: desde a calculadora ao acesso de bibliotecas virtuais (BENTO e CAVALCANTE, 2013).

De acordo com os autores, no atual contexto no qual estamos vivendo a construção de novos conhecimentos depende, cada vez menos, do professor. No entanto, cabe aos educadores orientar os estudantes sobre o uso das tecnologias digitais, em especial para essa pesquisa, orientar quando ao uso em sala de aula dos aparelhos celulares. Auxiliando os seus alunos a utilizarem o celular de modo criativo e crítico, para além de usos somente recreativos.

⁸⁶ Existem uma infinidade de sites que dão dicas de como tirar uma boa selfie. Em uma rápida busca no Google com a frase “Como fazer uma boa selfie?” apareceram 15.100.000 resultados, desses cito alguns endereços: <https://www.apptuts.com.br/tutorial/android/dicas-tirar-fotos-si/>, <https://canaltech.com.br/produtos/Um-bom-selfie-como-fazer/>, <https://www.dicasdemulher.com.br/8-dicas-para-tirar-a-selfie-perfeita/>. Apresento aqui uma das dicas presente no último site: “Se o que você quer é mostrar algum atributo especial, como uma barriga chapada ou um novo corte de cabelo aposte justamente em imagens que são capazes de evidenciar o que você deseja. Assim, todos vão reparar e você ainda ganha uns elogios extras!” Acessados em 23 de maio de 2018.

Frente a essa realidade contemporânea, é importante pensar sobre a forma como a escola está lidando com essas novas formas de ser e viver a adolescência. Segundo Sibilia (2012), a escola apresenta dificuldade para lidar com o aluno de hoje que vive conectado. De acordo com a autora, a escola trabalha com os conhecimentos de forma sequencial, primeiro é necessário ter um conhecimento específico para que outro possa ser construído.

Nas redes a relação com o conhecimento e com o acesso à informação se dá de forma simultânea e rápida, conforme o interesse do estudante. Assim, a escola não “fala” a linguagem dos alunos e, muitas vezes, torna-se comum o desinteresse dos mesmos pelo currículo escolar. Segundo Canclini (2017), nas redes aumentam o número de leituras breves, próximas ao zapping televisivo, diferente das práticas de leituras lineares, de textos completos, que são valorizadas na formação escolar.

A escritora argentina Beatriz Sarlo (2014), refere-se ao zapping como uma realização plena da democracia, na qual a montagem é autogerida pelo próprio usuário. Nessa direção, Canclini (2017), em pesquisa realizada sobre as diferenças em relação ao consumo e ao acesso a informação para jovens e idosos, faz referência a alguns de seus entrevistados que afirmam que as leituras realizadas a partir de centro operacionais como, computadores ou celulares, podem ser muito produtivas, mesmo apresentando muitos inícios e poucos finais. Nas suas palavras (CANCLINI, 2017, p. 16):

Como dijeron algunos escritores y artistas visuales entrevistados, pueden ser más productivas lecturas “de muchos principios y pocos finales”. La computadora y los celulares contribuyen a este estilo en el que los soportes para leer son usados como centros de operaciones para múltiples tareas: se mezclan no sólo los textos y materiales de diversa índole, sino también las herramientas para gestionarlo. “Tienes 17 ventanas en la computadora, 3 libros abiertos, una llamada telefónica, la música sonando y el gato entrando... y te acostumbras: yano es ruido sino lo cotidiano” –explica una entrevistada.

Esse comportamento apontado por Canclini (2017), também pode ser observado na relação dos adolescentes com as tecnologias de informação e comunicação, em especial os celulares, as quais se tornaram extremamente atrativos por permitir a eles a liberdade de interação a partir de seus próprios interesses. E isso é algo que é pouco usual na escola, infelizmente.

Os celulares fazem parte do contexto sociocultural dos alunos e a escola não pode esquecer que a aprendizagem rompe os muros da sala de aula e pode acontecer

a partir de diferentes linguagens e de práticas do cotidiano. Com o intuito de aproximar os interesses dos jovens aos conteúdos escolares, cabe aos professores oportunizar, dentro da rotina escolar, momentos para os estudantes falarem sobre seus interesses e sobre os usos que fazem das tecnologias em rede. Assim, teremos alguns subsídios para entender a relação dos jovens com os diferentes meios e conhecer os usos que fazem dessas tecnologias em rede. Conforme Morduchowicz (2005), as crianças de hoje não são como costumavam ser, mas não por causa da nostalgia do passado. Mas, acima de tudo, pela cultura juvenil do presente.

Os adolescentes e jovens que vivem nesse presente momento estão completamente inseridos no mundo digital. Segundo Luiza Soares (2016), os professores precisam compreender que os alunos já estão imersos em tecnologia no seu cotidiano e o contexto educacional não pode fazer “vistas grossas”. Dessa forma, precisa acompanhar as transformações que ocorrem dentro da sociedade e que, de maneira mais ou menos intensa, podem influenciar na forma como os alunos aprendem. De acordo com a autora, pensar o aparelho celular como mais um recurso educacional e usá-lo como uma nova possibilidade de aprendizagem é fomentar a evolução crítica do conhecimento e dos fluxos informacionais.

No ano de 2010, em entrevista para a Revista Época⁸⁷ Prensky fez referência ao papel do professor frente aos alunos que dominam as tecnologias digitais e constroem conhecimentos sozinhos por meio desses recursos. De acordo com o autor, inserir as tecnologias digitais na sala de aula não garante a melhoria do aprendizado de forma automática, uma vez que a tecnologia dá apoio à pedagogia, e não vice-versa. Infelizmente, a tecnologia não pode servir somente sustentação para a velha aula expositiva. Segundo Prensky (2010), para que o uso das tecnologias tenha resultado positivo no aprendizado, os professores precisam primeiro mudar o jeito de dar aula. O autor menciona ainda que utiliza a expressão “Pedagogia de Parceria” para definir esse novo método, no qual a responsabilidade pelo uso da tecnologia é, também, do aluno, e não, exclusivamente, do professor.

Para Prensky (2010), mudaram os papéis de professores e alunos. Os alunos, que antes se limitavam a ouvir e tomar notas, passam a aprender sozinhos, com a orientação dos professores. Por isso, a real necessidade de saber fazer uso dos

⁸⁷ Essa entrevista está disponível no site: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI153918-15224,00-MARC+PRENSKY+O+ALUNO+VIROU+O+ESPECIALISTA.html> Acessado em 03 set 2018.

recursos que os auxiliem no aprendizado. O papel do aluno passa a ser, então, de pesquisador, de usuário especializado em tecnologia. O professor deve agir como guia, como mediador. E é do professor, também, o papel de garantir o rigor e a qualidade nas produções dos estudantes.

Segundo Couto Júnior (2015), é cada vez mais importante e necessário reinventar as práticas pedagógicas à luz das dinâmicas da cibercultura. Um dos caminhos seria valorizar a potencialidade dos celulares “nos processos comunicacionais contemporâneos, que abarcam o desejo e a necessidade dos usuários de se sentirem como produtores de cultura” (COUTO JÚNIOR, 2015, p. 46). Para implementar essa nova prática pedagógica, é necessário mais que a inclusão das tecnologias digitais no ambiente escolar, é preciso reconhecer, legitimar e valorizar outras formas de aprender; um aprendizado que também pode ser construído em rede com a interação virtual com outros sujeitos.

Antes de finalizar esse texto, é importante mencionar os possíveis desdobramentos dessa pesquisa. Uma possível continuação para esse estudo seria a análise de arquivos imagéticos de outros adolescentes. Esse demanda continua atual quando se leva em consideração o fato de seguidamente ser possível ter acesso a novos aplicativos para a produção, armazenamento e edição de imagens. Nesse sentido, vislumbro que diferentes relações poderão ser estabelecidas a partir de outras possibilidades de edição como, por exemplo: acréscimo de maquiagem, apagamento de espinhas, diminuição das bochechas. Manipulações nas imagens que não estiveram presentes nos registros imagéticos dos três estudantes, mas que hoje em dia são bastante usuais.

Outro desdobramento desse estudo seria, conhecer e analisar os vídeos produzidos e armazenados por alguns adolescentes em seus aparelhos celulares. Esse interesse surgiu após eu ter contato com o arquivo visual armazenado por Lorenzo e me deparar com diferentes registros audiovisuais produzidos pelo adolescente. A partir dessas produções, provavelmente surgirão novas indagações, como: Que tipo de vídeos os adolescentes produzem? Quais desses eles escolhem manter salvos? O que esses registros audiovisuais “nos contam” sobre os

adolescentes? Quais dessas produções eles elegem para compartilhar? Em quais sites⁸⁸?

Nesse momento da escrita, chego à conclusão de que muitas discussões, a partir de teorias diferentes e com outra forma de análise das imagens, poderiam ter sido realizadas para problematizar a utilização dos aparelhos celulares pelos adolescentes e para pensar sobre o universo visual armazenado e compartilhado por eles. Com essa constatação, reitero o caráter aberto dessa pesquisa e convido outros pesquisadores a continuarem pensando a respeito da forma como os jovens se relacionam com o mundo que o cerca e com a visualidade a partir do uso desse dispositivo móvel.

Assim, finalizo essa tese, da mesma maneira que a iniciei 184 páginas atrás com um desenho feito por uma aluna. Cada uma das imagens foi produzida por uma estudante da turma 8º ano B do Ensino Fundamental a partir da seguinte provocação: “Desenha um autorretrato fazendo o que mais gosta⁸⁹”. Nas duas imagens ao se desenharem com o celular direcionado para o próprio rosto, pode-se inferir o quanto a presença desse aparelho é importante nas vidas dessas adolescentes e o quanto o registro da própria imagem é um hábito desse tempo, além de ser algo que elas fazem muito bem, gostam de fazer e que, ainda, se sentem à vontade fazendo. Algo que foi comprovado em diferentes momentos desse estudo. Nesse sentido, se assim como Pereira (2016), entendermos a produção das selfies como uma forma singular de experienciar a nós mesmos, ainda temos muito aprender com os adolescentes sobre como transformar o corpo em uma bela imagem.

⁸⁸ O site YouTube, é a maior e mais conhecida plataforma para a realização de postagens em formato de vídeo, recentemente, o Facebook e o Instagram possibilitam a seus usuários, também, a produção e o compartilhamento de imagens em movimento.

⁸⁹ A imagem que ilustra a cada da tese foi realizada por uma aluna de 14 anos, já o desenho que encerra esse estudo foi criado por uma estudante de 13 anos, as duas em 2016. Os dois desenhos foram realizados durante uma de nossas aulas na disciplina de Artes.

Figura 73 – Desenho de uma adolescente tirando uma selfie.



Fonte – Arquivo da autora (2016).

REFERÊNCIAS

ALLAIN, Sandrine. **Fotografias produzidas com celulares nas escolas**: retrato de um novo ensino? Uma pesquisa na rede municipal de ensino de Florianópolis. 2012. 204 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

ACASO, María. **La educación artística no son manualidades**: nuevas prácticas en la enseñanza de las artes y la cultura visual. Madrid: Catarata, 2009.

AGHAEI, Sareh; NEMATBAKHS, Mohammad Ali e FARSANI, Hadi Khosravi. Evolution of the world wide *Web*: from *Web* 1.0 to *Web* 4.0. In: International Journal of *Web* & Semantic Technology (IJWesT) Vol.3, No.1, January 2012. Disponível em: <http://airccse.org/journal/ijwest/papers/3112ijwest01.pdf> Acesso em: 2 de setembro de 2018.

AGUIRRE, Imanol. et. al. ¿Jóvenes productor*s de cultura visual? Reflexiones en torno a los resultados de un cuestionario. In. EDARTE, Grupo de investigación (ed.). (2013). **Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?**. Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP). p. 189-203.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, Papirus, 1995.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Orgs.). **Interterritorialidade**: mídias, contextos e educação. São Paulo: Ed. SENAC, SP, 2008.

BASILE, Diego; LINNE, Joaquín. Performances de autorepresentación através de fotografias digitais. El caso de los adolescentes de sectores populares em *Facebook*. **Cuadernos.info**, n.35, p. 209-217, 2014.

BENJAMIN, Walter. “Pequena história de fotografia”. In: _____. **Magia, técnica, arte e política**. São Paulo. Brasiliense, 1994.

BENTO, Maria Cristina; CAVALCANTE, Rafaela dos Santos. Tecnologias Móveis em Educação: o uso do celular na sala de aula. **ECCOM**, v. 4, n. 7, jan./jun. 2013, p. 113-120.

BEZERRA, Arthur Coelho. “Descentralização do acesso, produção amadora e propriedade intelectual: dilemas da cultura na era digital”. In. Contemporânea | comunicação e cultura - v.11 – n.02 – mai-ago 2013 – p. 250-266.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**. Introdução à pesquisa qualitativa. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: Richardson JG (ed.) Handbook of Theory And Research for the Sociology of Education. New York: Greenwood, p. 241–258, 1986.

BOYD, Dannah. It's complicated: the social lives of networked teens. New Haven: Yale University Press, 2014. Disponível em: <http://www.dannah.org/books/ItsComplicated.pdf>

BRUNO, Fernanda. “Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação”. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 24, julho 2004.

BRUNO, Fernanda e PEDRO, Rosa. “Entre aparecer e ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea”. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-16, julho/dezembro 2004.

CALVELHE, Lander. Primeras reflexiones y conjeturas sobre la relación de l@s jóvenes no heterosexuales con la cultura visual y su papel como productor@s: el caso de GaPablo. In.: Edarte, Grupo de investigación (ed.). (2013). **Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?**. Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP). p. 27-36.

CAMPOS, Ricardo. A imagem digital como forma de comunicação e produção cultural juvenil na metrópole. In.: Anais XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Diversidades e (Des)igualdades. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011. Universidade Federal da Bahia. p. 1-15.

CAMPOS, Ricardo. “A pixelização dos muros: graffiti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea”. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 543-566, maio/ago. 2012.

CAMPOS, Ricardo. “Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis”. **Sociologia, Problemas e Práticas**. n.63, p. 113-137, 2010.

CANCLINI, Néstor García. “A cultura política: entre o mediático e o digital”. **MATRIZES**, n. 2, p. 55-71, 2008.

CANCLINI, Néstor García. Del consumo al acceso: viejos y jóvenes en la comunicación comun. In: Comunicação, Mídia e consumo. São Paulo, v. 14, n. 41, p. 10-30, set./dez. 2017

CANCLINI, Néstor García. El poder de las imágenes. Diez preguntas sobre su redistribución internacional. **Estudios visuales**: ensayo, teoría y crítica de la cultura visual y el arte contemporáneo, n. 4, p. 35-56, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: **Iluminuras**, 2008.

CANEVACCI, Massimo. “A Comunicação entre corpos e metrópoles”. **Revista Signos do Consumo** – v.1, n.1, p.8-20, 2009.

CAO, Marián López Fernández. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Orgs.). **Interterritorialidade**: mídias, contextos e educação. São Paulo: Ed. SENAC SP, 2008. p. 69-85.

CARA, Mariane. A imagem das adolescentes na *Web*: a busca pela corporeidade espetacular. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2013.

CASTELLS, M, *The Rise of the Network Society*. Volume I. *The Information Age: Economy, society and culture.*, Oxford, Blackwell Publishers, 1996. In: http://www.urbanisztika.bme.hu/wp-content/uploads/2014/05/manuel_castells_the_rise_of_the_network_societybookfi-org.compressed.pdf

CHUEKE, Gabriel; LIMA, Manolita. Pesquisa qualitativa: evolução e critérios. **Revista Espaço Acadêmico**. v. 11, n. 128, p. 63-69, 2012.

COELHO, Clícia; MARTINS, Raimundo. “Fenômeno meme: dispositivo cultural de afetos, visualidades e identidades”. In. *Anais Do Xxvi Encontro Da Associação Nacional De Pesquisadores Em Artes Plásticas: Memórias E Invenções / (Orgs.) Luisa Angélica Paraguai, Milton Terumitsu Sogabe, Paula Cristina Somenzari Almozara, Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro*. - Campinas: Anpap, Puc - Campinas, 2017. P. 945-959.

COELHO, Clícia. **Imagens de celulares e práticas culturais juvenis no cotidiano escolar**. 2013. 169. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

COELHO, Clícia; MARTINS, Raimundo. “Memes de internet, visualidades e discurso humorístico”. In. **Revista Digital do LAV** – Santa Maria – v. 11, n. 1, p. 121-139 – jan./abr. 2018.

CORREA, R. Z.; ROZADOS, H. B. F. . “Isolamento nas Redes Sociais Virtuais: breve discussão da Interação de usuários no *Facebook*”. In: I Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva, 2014, Campinas. Anais. Campinas: EITCCC, 2014. v. 1. p. 1.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. – Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do. Educação e Cibercultura: ensinar e aprender com as imagens digitais nos processos comunicacionais na/da internet. **Informática na Educação**: teoria e prática, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 37-50, jan./jun. 2015.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. “Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora?” **Informática Educativa**, UNIANDÉS – LIDIE, v. 12, n. 1, p. 11-24, 1999.

DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário. A poética do delírio**. São Paulo: UNESP, 2009.

DAYREEL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: Educação Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out 2007.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUSSEL, I. O currículo híbrido: domesticação ou pluralização das diferenças. In: Lopes, Alice Cassimiro; Macedo, Elizabeth (Org.). **Currículo: debates contemporâneos**. 2 ed. São Paulo: Cortez. 2005. P. 55-77.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. **Revista Iluminuras**. v.9, n.21, 2008. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371>> Acessado em 4 jun. 2016.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

EDARTE, Grupo de investigação (ed.). (2013). **Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?**. Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP)

ELISSON, N. et al. With a Little Help From My Friends: How Social Network Sites Affect Social Capital Processes. In: Papacharissi, Z. (org.), *A Networked Self*. New York: Routledge, 2011.

FEITOSA, André P. **Mulheres – mostro e espetáculos circenses**: o grotesco nas narrativas de Angela Carter, Lya Luft e Susan Swan. Tese (Doutorado em Letras). – Minas Gerais. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. P. 177, 2011.

FEIXA, Carles. **De la generación @ a la # generación: la juventud en la era digital**. Barcelona, NED, 2014. 349p.

FEIXA, Carles. Generación XX. Teorías sobre la juventud en la era contemporánea. In.: *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. v. 4, n. 2. P. 1-18, 2006.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p.205-220, 2007.

FERNANDES, Rodrigo; AMORIM, Antonio. Imagens fotográficas nas redes sociais: entre fluxos, esgotamentos e criação. **Interfaces Científicas** – Educação, Aracaju, v.6, n.1, p. 177 – 188, Out. 2017

FONTCUBERTA, Joan. La danza de los espejos. In: _____. (org.) *A través del espejo*. Madrid: La Oficina, 2010.p. 1-23.

FONTENELLE, Isleide Arruda. O nome da marca: Mc Donald's, feitichismo e cultura descartável. São Paulo: Boitempo, 2002.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.

GARBIN, Elisabete M. Conectados por um fio: Alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação à distância. **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GLADWELL, M. The tipping point: how little things can make a big difference. Boston: Back Bay Books, 2002.

GROSENICK, Uta. **Mulheres artistas nos séculos XX e XXI**. Taschen, Lisboa; 2001.

GUERRA, Elaine L. A. **Manual de pesquisa qualitativa**. Grupo Anima Educação, Belo Horizonte, 2014.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transitar y aprender dentro y fuera de la escuela: la relación de los jóvenes con la cultura visual como espacio de posibilidad y autoría. In.: Edarte, Grupo de investigación (ed.). (2013). **Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?**. Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP). P. 83-89.

HILLER, Marcos Roberto. **Modos de apresentação de si no Facebook: construção da identidade de jovens estudantes em um site de rede social digital**. São Paulo, ESPM, 2014. Dissertação de Mestrado. p. 97.

HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**. - São Paulo: Perspectiva, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia**. O Efêmero e o Perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

KOZINETS R, GRETZEL U AND DINHOPL A. "Self in Art/Self As Art: Museum Selfies As Identity Work". *Front. Psychol*, 2017.

LEDUR, Rejane Reckziegel. **Arte contemporânea e produção de sentidos no ensino da arte: a experiência estética dos alunos na Bienal do Mercosul sob o olhar da semiótica discursiva**. 2013, 231f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003.

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade. A era da conexão. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf. Acessado em: 19 fev 2016.

LEMOS, André; PASTOR, Leonardo. A fotografia como prática conversacional de dados. Espacialização e sociabilidade digital no uso do Instagram em praças e parques na cidade de Salvador. In.: **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 15, n. 42, jan./abr. 2018, p. 10-33.

LEMOS, A. Infraestrutura Para a Cultura Digital (entrevista). In: COHN, S.; SAVAZONI, R. (Org.). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. P. 135-149.

LINNE, Joaquín. Dos generaciones de nativos digitales. **Intercom**. – RBCC São Paulo, v.37, n.2, p. 203-221, jul./dez. 2014.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**. Viver na era do capitalismo artista. Tradução Eduardo Brandão – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela global**: mídias culturais e cinema na era hipermoderna. Tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, Sulina, 2009.

LIVINGSTONE, Sonia. Tomando oportunidades arriscadas na criação de conteúdo jovem: o uso pelos adolescentes de sites de redes sociais para intimidade, privacidade e expressões próprias. **Comunicação, mídia e consumo**, Ano 9, volume 9, número 25, 2012, 91-120.

MARCION, Frank. “Geração e juventude na era digital”. **Política & Sociedade** - Florianópolis - v. 15, n. 32, p. 332-338, jan./abr, 2016.

MARTINS, J.B. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. *Semina: Ci. Sociais/Humanas, Londrina*, v. 17, n. 3, p. 266-273, set. 1996.

MARTINS, Miriam Celeste. “O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar”. **ARTEunesp**, São Paulo, v.9, p.199-217, 1993.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo, Cultrix, 1974

MEDEIROS, Rosana Fachel de. Projeto: Docência na disciplina de Artes. **Revista do Professor**, Belo Horizonte, edição 110, p. 2012.

MEDEIROS, Rosana Fachel de. Brincar e aprender. **Revista do Professor**, Belo Horizonte, edição 109, p. 2012.

MEDEIROS, Rosana Fachel de. Desenhos animados em sala de aula: Tom e Jerry e Bob Esponja Calça Quadrada uma análise comparativa. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 24, n.1, p. 157-174, 2011.

MEDEIROS, Rosana Fachel de. Leitura de imagens na Educação Infantil: imagens de arte na sala de aula. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda P. da. **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 285-295.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. (Org.) **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002.

MITTAL, B.; HOLBROOK, M.; BEATTY, S. Consumer behavior: how humans think, feel and act in the marketplace. Cincinnati, OH: Open Mentis, 2008

MORDUCHOWICZ, Roxana. **La generación Multimedia**: significados y prácticas culturales de los jóvenes.– Buenos Aires: Paidós, 2008.

MORDUCHOWICZ, Roxana. **La TV que queremos**: una televisión de calidad para chicos y adolescentes. Buenos Aires, Paidós, 2010.

MORDUCHOWICZ, Roxana. **Los adolescentes del siglo XXI**: Los consumos culturales em um mundo de pantallas.– Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

MORDUCHOWICZ, Roxana. **Los chicos y las pantallas**: las respuestas que todos buscamos.– Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

MOREIRA, Antonio Flavio. E KRAMER, Sonia. “Contemporaneidade, educação e tecnologia”. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1928100.pdf>

NEMER, David; FREEMAN, Guo. Empowering the Marginalized: Rethinking Selfies in the Slums of Brazil. In. **International Journal of Communication**. 9(2015). Feature, 1832–1847.

OLIVEIRA, Edinéia .A. C de. “A identidade feminina no gênero textual da música funk.” In: **Encontro do CELSUL**. [Anais]. Porto Alegre, RS: CELSUL, 2008. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/identidade_feminina_funk.pdf Acessado em 29 de maio de 2018.

OLIVEIRA JÚNIOR, Adilson de e SILVA, Ária Lobo da. “Novas tecnologias na sala de aula”. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 1, n. 1. p. 83-90. jan/jun, 2010.

PASTOR, Leonardo. Imagens de si: experiência e intimidade em torno da prática contemporânea do selfie. In.: Anais do XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 7 a 10 de junho de 2016, p. 1-21.

PASTOR, Leonardo. Prática do selfie: experiência e intimidade no cotidiano fotográfico. **Contracampo**, Niterói, v.36, n. 02, pp. 157-173, ago/nov. 2017.

PEREIRA, Alexandre. B. Funk Ostentação em São Paulo: Imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação. Dossiê sobre cultura popular urbana. Revista Estudos Culturais, 2010. Disponível em: <http://www.each.usp.br/revistaec/?q=revista/1/funk-ostenta%C3%A7%C3%A3oem-s%C3%A3o-paulo-imagina%C3%A7%C3%A3o-consumo-e-novastecnologias-da-informa%C3%A7%C3%A3o-e-da>. Acessado em 21 mar 2018.

PEREIRA, Evelyn. Pedagogoselfies: meninas aprendendo a fazer do corpo uma imagem. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Luterana do Brasil, Canoas.

PILLAR, Analice Dutra. **Inscrições do contemporâneo em narrativas audiovisuais: simultaneidade e ambivalência**. Educação (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 3, p. 306-313, set./dez. 2013.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

POUNDERS, K., KOWALCZYK, C. M.; STOWERS, K. Insight into the motivation of selfie postings: impression management and self-esteem. *Eur. J. Mark.* 50,1879–1892, 2016.

PRIMO, A. Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007

PORRES PLA, Alfred. “Conversações na aula de cultura visual”. In.: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos & Práticas de Pesquisar em Cultura Visual e Educação**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

PORRES PLA, Alfred. Jóvenes como productore@s de cultura visual y instituciones educativas: relaciones y experiencias. In: In.: Edarte, Grupo de investigación (ed.). (2013). **Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?**. Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP). p. 101-103.

PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea (Orgs.). **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. – Campina Grande: EDUEPB, 2014.

PRENSKY, Marc. **Digital native**, digital immigrant. On the Horizon, NBC University Press, v.9, n.5, p.1-3, out. 2001.

RIBEIRO, Virgínia Cândida. “Apropriação na arte contemporânea: colecionismo e memória”. **Anais 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais**. Florianópolis (SC), ANPAP, 2008. p. 796-807.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no *Facebook*. **Verso e Reverso**, v. XXVIII, n. 68, p. 114-124, mai/ago, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Cleomar; SILVA, Margarida do Amaral. Experiência social e ressonância cibernética: juventude e a onipresença na rede. In: ROCHA, Cleomar; SANTAELLA, Lucia. *A onipresença nas redes*. – Goiânia, GO: FUNAPE: MEDIA LAB/ CIAR/ GRÁFICA UFG, 2015. p. 13-29.

SALATINO, André Toreli. **Entre laços e redes de sociabilidade: sobre jovens, celulares e escola contemporânea**. 2014. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo (USP).

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. Os jovens como termômetros do Zeitgeist. In: ROCHA, Cleomar; SANTAELLA, Lucia. **A onipresença dos jovens nas redes**. – Goiânia, GO: FUNAPE: MEDIA LAB/ CIAR/ GRÁFICA UFG, 2015. p. 31-45.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. – São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Desafios da ubiquidade para a educação**. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf Acessado em 18 mar 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. "Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres". In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 99-110.

SANTOS, Edméa; COLACIQUE, Rachel; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. A autoria visual na internet: o que dizem os memes? **Quaestio** – Revista de Estudos em Educação. Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 135-157, maio 2016.

SANTOS, Francisco Coelho dos. As faces da selfie: revelações da fotografia social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - v. 31 n, 92, p. 1-16, 2016.

SARLO, Beatriz. *Escenas de la vida pós-moderna: Intelectuales, arte y videocultura em la Argentina*. - 1ª ed, - Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

SCHEFER, Maria. C. ; KNIJNIK, Gelsa. . Construindo uma pesquisa do "tipo etnográfico" na educação. *Principia* (João Pessoa), v. 28, p. 104-110, 2015.

SCHELIGA, Paola Biselli. E HOOPE, Silvana Seabra. "Memória, arquivamento e a pequena coleção: da 'cozinha de papel'". **ARIUS**: revista de ciências humanas e artes. – v. 21, n. 2, (jul./dez. 2015). – Campina Grande: EDUFCG, 2015. p. 105-124.

SENF, Theresa M.; BAYM, Nancy K. "What Does the Selfie Say? Investigating a Global Phenomenon". In. **International Journal of Communication** 9(2015). Feature 1588–1606.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, Mozart Linhares da. "A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea". In.: _____. (Org.) **Novas tecnologias**: educação e sociedade na era da informática. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Maclovia Corrêa; MAGNABOSCO, Milton. O fim da infância. In: Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, 2005, Curitiba. Anais do Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, 2005. v. 1. p. 1-10.

SILVA, Francisco. V.; SILVEIRA, Éderson L. "Os vlogs e a emergência da (ex)intimidade na Web". **Glauks** (UFV), v. 14, p. 1-15, 2014.

SILVEIRA, Juliana da. **Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no twitter**. 210f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015.

SIBILIA, Paula. En busca del aura perdida: espectacularizar la intimidad para ser alguien. **Psicoperspectivas, Individuo y Sociedad**, v.8, n.2, p. 309-329, 2009.

SIBILIA, Paula. "O universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet". **Revista Eco Pós**: Arte, Tecnologia e Mediação. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 18, n. 1, p. 133-147, 2015.

SIBILIA, Paula . **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, Luiza. C. S. Dispositivos móveis na educação: Desafios ao uso do smartphone como ferramenta pedagógica. Encontro Internacional de Formação de Professores (ENFOPE), v. 9, p. 1-12, 2016.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, Publicações Dom Quixote 1981.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Trad. João Távora. 29 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VARGAS, Juliana Ribeiro de. O que ouço me conduz e me produz? A constituição de feminilidades de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia. 194f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46

WEIGEND, Andreas. "**Marketing nas Redes Sociais**". Hsm management 75 – jul/ago, 2009. p.44-50.

WOLTON, Dominique. Pensar a Internet. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (Org.). **A Genealogia do Virtual**: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre, RS: Sulina, 2008. p. 149-156.

ANEXOS

ANEXO – 1

Perguntas para os jovens sobre a sua relação com as novas tecnologias.

Idade _____ sexo _____ ano _____

- 1) Quais aparelhos tecnológicos (celular, televisão, computador, ou similares) tem na tua casa? Quantos de cada?
- 2) Quais desses aparelhos tu mais utiliza?
- 3) Qual deles fará mais falta se estragar?
- 4) Assiste, em média, quanto tempo de televisão por dia? Quais programas assiste?
- 5) Acessa a Internet pelo computador? Quanto tempo por dia? Quais sites mais acessa?
- 6) Tem celular? Quais usos tu fazes desse aparelho? O celular está sempre perto de ti? Por quê?
- 7) Deixa o celular ligado 24 horas? Por quê?
- 8) Tira fotografias com o celular? Quando? Utiliza editores de imagens? Quais?
- 9) Essas fotos são publicadas na Internet? Em quais sites?
- 10) Quais fotos tu escolhe publicar? Em quais momentos?
- 11) Como seria a tua vida sem o celular?
- 12) Em quais momentos do dia tu mexe no celular?
- 13) Como se sente quando alguém mexe no teu celular sem permissão?
- 14) Tem perfil nas redes sociais? Quais delas? Quantas vezes por dia acessa tua página pessoal?

ANEXO – 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Informado à Escola

Ilma Professora
Canoas, RS
Senhora Diretora,

Venho por meio deste solicitar permissão para realização da investigação que constituirá meu projeto de Pesquisa de Doutorado em Educação intitulado, provisoriamente **Os jovens e as novas tecnologias: visualidades contemporâneas**. O referido projeto conta com a orientação da Prof^a Dr^a Analice Dutra Pillar e está vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo do presente estudo está em visibilizar e analisar a visualidade acessada, produzida e compartilhada pelos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental a partir das novas tecnologias de comunicação e informação, em especial o celular.

Para a concretização do objetivo exposto, os alunos responderão a um questionário a respeito dos usos que fazem das novas tecnologias e, além disso, conversaremos, sobre os registros imagéticos que armazenam em seus aparelhos celulares. Também serão analisadas a forma como os estudantes interagem com seus pares a partir dos dispositivos móveis com acesso à internet.

Pretendo, ainda, observar e acompanhar os alunos em alguns momentos de sua rotina no espaço escolar, bem como entrevistá-los sobre questões pertinentes à pesquisa. Os recursos utilizados serão gravações de conversas e entrevistas, além de, observação, categorização e análise dos arquivos de imagem dos cartões de memória dos celulares de alguns dos alunos participantes da pesquisa, de acordo com o consentimento de cada aluno. É importante referir também que participarão deste projeto de pesquisa os alunos que forem devidamente autorizadas pelos pais e/responsáveis, através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

É importante salientar que comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as entrevistas. Para registrar fielmente as falas dos alunos, serão gravadas e depois transcritas. Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes (estabelecimento de ensino, direção e alunos).

Na certeza de poder contar com o apoio dessa instituição de ensino, agradeço desde já pela colaboração.

Rosana Fachel de Medeiros (doutoranda do PPGEDU/UFRGS)

Professora Doutora Analice Dutra Pillar (Orientadora)

Professora (diretora)

ANEXO – 3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Informado aos pais

Senhores Pais e/ou responsáveis,

Eu Rosana Fachel de Medeiros, doutoranda em Educação, venho por meio deste solicitar permissão para realização da investigação que constituirá meu projeto de Pesquisa de Doutorado em Educação intitulado, provisoriamente **Os jovens e as novas tecnologias: visualidades contemporâneas**. O referido projeto conta com a orientação da Prof^a Dr^a Analice Dutra Pillar e está vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo do presente estudo está em visibilizar e analisar a visualidade acessada, produzida e compartilhada pelos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental a partir das novas tecnologias de comunicação e informação, em especial o celular.

Para a concretização do objetivo exposto os alunos responderão a um questionário a respeito dos usos que fazem das novas tecnologias e, além disso, conversaremos, sobre os registros imagéticos que armazenam em seus aparelhos celulares. Também serão analisadas a forma como os estudantes interagem com seus pares a partir dos dispositivos móveis com acesso à internet.

Pretendo, ainda, observar e acompanhar os alunos em alguns momentos de sua rotina no espaço escolar, bem como entrevistá-los sobre questões pertinentes à pesquisa. Os recursos utilizados serão gravações de conversas e entrevistas. Além de observação, categorização e análise dos arquivos de imagem dos cartões de memória dos celulares de alguns dos alunos participantes da pesquisa, de acordo com o consentimento de cada aluno. É importante referir também que participarão deste projeto de pesquisa os alunos que forem devidamente autorizadas pelos pais e/responsáveis, através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

É fundamental salientar que comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as entrevistas. Para registrar fielmente as falas dos alunos, serão gravadas e depois transcritas. Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes (estabelecimento de ensino, direção e alunos).

Na certeza de poder contar com o apoio dos senhores pais e/ou responsáveis pelos alunos, agradeço desde já pela colaboração.

Nome do(a) aluno (a)

Assinatura do responsável

Dr^a Analice Dutra Pillar - Orientadora

Contatos com Rosana: (51) 34667241 e pelo endereço eletrônico: zanafachel@hotmail.com - Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (51) 3308- 3738

ANEXO – 4

Perguntas para os jovens produtores das fotos analisadas.

Idade _____ sexo _____ ano _____

- 1) Quantas horas por dia, em média, mexes no celular?
- 2) Quais usos tu fazes do celular?
- 3) Utiliza o celular para registrar e armazenar imagens? Com qual frequência?
- 4) Publica essas fotos? Quais escolhe publicar? Onde as compartilha? Quais escolhe salvar? Quais deleta sem pensar muito?
- 5) É importante a opinião dos teus amigos sobre as tuas fotos? Por quê?
- 6) Se um foto publicada por ti não receber muitos comentários ou reações tu apaga essa foto?
- 7) Tu estimula teus amigos a participarem das tuas publicações na internet? Por quê? De que forma?
- 8) Utiliza as redes sociais? Quais? Em média, com qual frequência tu mudas a tua foto do perfil nas redes sociais?
- 9) Publica fotos frequentemente? Compartilha fotos em outros aplicativos? Quais? E quais fotos?
- 10) Das fotos que tu tens salvas no celular hoje, Escolhas três dessas para me mostrar. Quais critérios tu selecionou para essas escolhas? E se o critério fosse as fotos que tu mais gosta, seriam essas mesmas ou outras? Por quê?
- 9) Tem o hábito de imprimir as fotografias que armazena no teu celular? Por quê?
- 10) Tem *Snapchat*? O que compartilha nesse aplicativo? Com quem?
- 11) Tem *Instagram*? Se sim, tua página é publica para qualquer usuário? Por quê? Quais fotos publica nessa rede?
- 12) Já teve alguma foto publicada sem a tua permissão? Como se sentiu?
- 13) Como se sente quando alguém mexe no teu celular sem permissão?
- 14) Tem perfil nas redes sociais? Quais delas? Quantas vezes por dia acessa tua página pessoal?
- 15) Troca frequentemente a foto do teu perfil no *Facebook*? Por quê?
- 16) Costuma marcar teus amigos nas fotos?
- 17) Tem o hábito de tirar fotos e publicá-las quando vai fazer alguma programação com os amigos os familiares? Por quê?
- 18) Consegue imaginar como seria a tua vida sem celular e sem acesso à internet?
- 19) Utiliza algum programa de edição de imagem antes de publicar as tuas fotos? Por quê? Quais?
- 20) Conversa com desconhecidos?

- 21) Deleta com frequência as fotos que tu tem salva no teu celular?
- 22) O que tu levas em consideração na hora de comprar um celular novo?
- 23) Quais tu consideras as tuas melhores fotos?
- 24) O que tu costumava compartilhar nas redes sociais?
- 25) Tu compartilha matérias produzidos por outras pessoas?
- 26) Tu empresta teu celular?
- 27) Se teus amigos demostram não gostar da tua foto de perfil tu troca?
- 28) Tu tem o hábito de compartilhar memes?

ANEXO –